

SANT/MER2

# INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM  
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

## ***PLATÃO E BION***

Do Mundo das Ideias aos Pensamentos sem Pensador



**Maria da Cruz dos Reis Ferro Moreira dos Santos**

Trabalho orientado por:

**Prof. Doutor Carlos Amaral Dias**

Lisboa, Janeiro de 1997



Centro de Documentação do I.S.P.A.

TEL. 850 3184

Reg. 10119

C

## **AGRADECIMENTOS**

*Sendo este trabalho o resultado de uma caminhada ao longo de um percurso eivado de muitas dificuldades, pude contar com o apoio e amizade de algumas pessoas. Gostaria, por isso, de agradecer a todos os que estiveram junto de mim tornando possível a sua realização.*

*Em primeiro lugar ao meu Mestre, Professor Doutor Carlos Amaral Dias, que orientou este trabalho e que com o seu entusiasmo e confiança me estimulou a trilhar este caminho, funcionando, como um "continente" para as minhas aflições.*

*Ao Sr. Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral o apoio expresso, directamente, através do seu estímulo e opiniões e, indirectamente, enquanto Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, permitindo-me, assim, ter um pouco mais de tempo.*

*À minha amiga, Dra. Isabel Correia, pela sua amizade, disponibilidade e ainda pelo rigor científico que imprimiu às suas sugestões. Contribuiu, desta forma, para atenuar a minha ansiedade e para a melhoria e clareza desta Dissertação.*

*Ao meu amigo, Dr. Fernando Pinto, pela sua amizade, disponibilidade e generosidade.*

*Aos meus amigos que compreenderam as minhas ausências e quantas vezes se adaptaram à minha parca disponibilidade de tempo, nunca de afecto.*

*Aos meus colegas e colaboradores da F.C.B., nomeadamente, Filipe Romeiras e Maria Alice Abreu pela sua colaboração e amizade. Todos sentiram, certamente, menos disponibilidade da minha parte e, apesar disso, procuraram sempre aliviar-me.*

*Aos meus colegas de Mestrado, nomeadamente, a Dra. Graça Torres Silva, pela valiosa troca de opiniões e sobretudo pela partilha das "atrapalhações" ao longo desta caminhada que encetámos em conjunto.*

*Ao Sr. Mário Napoleão, da Junta de Freguesia de Santa Maria dos Olivais, que com todo o seu empenho deu corpo à capa e encadernação desta Dissertação.*

*Finalmente, ao meu marido e às minhas filhas, Ana e Inês, pelo afecto, compreensão e ajuda expressa das mais diversas maneiras.*

## ÍNDICE

ÍNDICE .....	1
I . INTRODUÇÃO .....	3
1. O CAMINHO DO HOMEM .....	3
2. O MEU CAMINHO .....	4
II . PLATÃO .....	6
1. A GRÉCIA .....	6
1.1. A política .....	6
1.2. Os precursores de Platão.....	7
1.2.1. Pitágoras .....	9
1.2.2. Heraclito.....	11
1.2.3. Parménides .....	12
1.2.4. Dos atomistas aos sofistas .....	13
1.2.5. Sócrates .....	14
2. PLATÃO : O Homem, o Pensador e a sua Obra .....	16
2.1. O homem .....	16
2.2. O pensador.....	20
2.3. A sua obra .....	22
3. AS SUAS IDEIAS .....	30
3.1. Mundo sensível versus mundo inteligível.....	31
3.2. As características da Psique .....	33
3.3. A Teoria das Formas .....	38
3.4. Considerações sobre a ciência .....	40
3.5. Sobre a verdade e a mentira .....	43
3.6. Sobre o conhecimento .....	45
3.7. A dialéctica .....	47
4. CONCLUSÕES SOBRE PLATÃO.....	50
III . BION.....	54
I. O HOMEM.....	54
1.1. Suas origens.....	54
1.1.1. A infância .....	54
1.1.2. O estudante exilado.....	56
1.1.3. O soldado.....	57
1.2. O homem à procura do seu destino .....	59
1.2.1. O psiquiatra e o militar .....	61
1.3. O homem: sua infelicidade, sua sobrevivência .....	62
1.4. Revisitando o homem.....	64
1.4.1. A sua análise.....	65
1.5. Sua evolução: o cidadão e o psicanalista.....	67
2. BION : AS SUAS IDEIAS .....	70
2.1. Suas Influências .....	70
2.1.1. Freud.....	70
2.1.2. Melanie Klein.....	75
2.2. O período grupal.....	82
2.3. O período psicótico.....	86

2.4. O período epistemológico .....	94
2.4.1. Rumo à teoria do pensamento .....	95
2.4.2. Sobre o conhecimento .....	101
2.4.2.1. Distúrbios do conhecimento .....	103
2.4.3. Sobre a verdade e a mentira .....	104
2.4.4. Sobre o período místico .....	107
2.5. A Sua Obra .....	109
3. ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE BION .....	115
4. BION E A PSICANÁLISE .....	118
IV. APROXIMAÇÕES .....	125
1. SOBRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE .....	126
2. SOBRE O HOMEM .....	132
3. SOBRE O AMOR .....	136
4. A LOUCURA .....	144
5. O TRATAMENTO .....	151
6. SOBRE MITOS .....	161
7. SOBRE A VERDADE .....	167
V. CONCLUSÃO .....	176
VI. REFLEXÃO FINAL .....	180
VII. ANEXOS .....	181
ANEXO I .....	181
ANEXO 2 .....	182
VIII. BIBLIOGRAFIA .....	184

## I. INTRODUÇÃO

### 1. O CAMINHO DO HOMEM

Ao longo dos tempos, perante o mundo que o rodeia e perante o universo, o Homem sentiu-se, provavelmente, assaltado por muitas dúvidas e questões.

Muitas destas questões são de tal natureza que a ciência ainda não encontrou respostas para elas. Se o conhecimento exacto é do campo da ciência, o dogma pertence à teologia e entre estes dois pólos encontramos a Filosofia.

Filosofia que procura dar respostas às questões que se colocaram e continuam a colocar ao Homem, questões tão essenciais como:

- Será o Homem apenas um conjunto essencialmente constituído por água e carbono, deambulando no planeta Terra, ou pelo contrário é um ser dotado de imortalidade? Ou ambas as coisas?

- Poder-se-à estabelecer uma divisão clara entre espírito e matéria?

- Encontra-se o espírito sujeito à matéria ou é independente desta?

- Possui o universo alguma unidade ou propósito?

- Existem leis na natureza ou são elas o resultado da necessidade de ordem, sentida pelo Homem, como forma de reduzir as suas inseguranças?

- Existe de facto sabedoria ou aquilo que nos parece como tal é afinal o último refinamento de loucura?

Estas e muitas outras questões e dúvidas se colocaram e continuarão a colocar-se ao filósofo, ao psicanalista, ao Homem.

Acreditando na afirmação de Maurice Blanchot de que: "a resposta é a desgraça da pergunta", não procuro, nesta Dissertação, respostas para as questões que tanto inquietaram e continuam a inquietar os homens. Tento, apenas, uma pequena reflexão acerca do Homem e sua complexidade. Tento, apenas, percorrer o meu caminho.

## 2. O MEU CAMINHO

"Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum - para si mesmo ou para os outros - abandoná-lo quando assim ordena o seu coração. ... Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias ... Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma."<sup>1</sup>

Acredito que o meu caminho possua um coração, embora comparar dois autores de tão elevado valor - Platão e Bion - tão distantes no tempo e de escolas diferentes, a filosófica e a psicanalítica, me deixe o sentimento de viver a história de alguém que necessita de atravessar um oceano para o qual não tem barco nem vela.

Neste momento, e enquanto viajante deste oceano, tento encontrar o meu referencial. Traço o meu percurso. Não possuo bússola mas possuo, algures na minha mente, tal como ave em voo migratório, uma determinada orientação.

Uma das coordenadas situa-se na Grécia, séc. V a.C., e tento ao percorrê-la, nesta busca ao passado, a compreensão de uma época e de um homem. Este homem é Platão.

Para o compreender nas suas diferentes dimensões, a ética, a política, a religiosa e a estética, necessito debruçar-me sobre os seus predecessores. Destes, destaco Pitágoras, Heraclito, Parménides e Sócrates.

Observo-o enquanto homem e enquanto pensador. Procuo o conhecimento da sua obra e "saboreio" *O Simpósio*, também denominado, e com toda a razão, de Banquete.

Deixo-me envolver pela sensibilidade e esperança que esta obra desperta. Sensibilidade que é necessária para penetrar no pensamento, de uma época e civilização tão remotas, e compreendê-lo. Esperança de conseguir a compreensão do Mundo das Formas tal como este pensador genial o imaginou.

Num segundo tempo, transportar-me-ei para os tempos actuais, para a compreensão de Bion. Tentarei entender a sua evolução enquanto pensador, atravessando vários períodos - o grupal, o psicótico e o epistemológico - bem como os

---

<sup>1</sup> - Carlos Castañeda. The Teachings of Don Juan in Fritjof Capra. *O Tao da Física*. S.Paulo: Editora Cultrix, p. 21.

conceitos de "pensamentos sem pensador", "aparelho para pensar os pensamentos" e a "teoria da função-alfa", de entre outros.

Finalmente, na convergência destes dois tempos encontra-se o ponto de origem - "O". Ponto inacessível, do qual tentarei aproximar-me num terceiro tempo.

Neste percurso, nestas sucessivas aproximações a "O", debruçar-me-ei sobre espaços e pontos de encontro entre duas épocas, dois homens e suas ideias.

Após uma breve reflexão acerca da Filosofia e Psicanálise, considero como pontos passíveis de encontro os temas: o Homem, o Amor, a Doença, a Terapia, os Mitos e a Verdade, verificando, deste modo, que ideias formuladas por Platão encontraram em Bion um continente.

Conceitos e ideias que esperamos encontrem em nós, igualmente, um continente.

Estamos aqui para pensar. Para perguntar. Também para acreditar, tal como Heisenberg:

"É bastante provável que na história do pensamento humano os desenvolvimentos mais fecundos ocorram, não raro, naqueles pontos para onde convergem duas linhas diversas de pensamento. Essas linhas talvez possuam raízes em segmentos bastante distintos da cultura humana, em tempos diversos, em diferentes ambientes culturais ou em tradições religiosas distintas. Dessa forma, se realmente chegam a um ponto de encontro - isto é, se chegam a relacionar-se mutuamente de tal forma que se verifique uma interação real - podemos esperar novos e interessantes desenvolvimentos a partir dessa convergência."<sup>2</sup>

Munida desta esperança, encerrarei, então, esta viagem que me levou da Grécia antiga até aos tempos de hoje.

Tento a travessia do meu oceano, ainda sem barco, mas já com uma vela feita de sonho. Lembro-me de Sebastião da Gama:

*"pelo sonho é que vamos.*

Este sonho que é a minha vela!

---

<sup>2</sup> - Werner Heisenberg in Fritjof Capra. *O Tao da Física*. São Paulo: Editora Cultrix. p. 10.

## II . PLATÃO

### 1. A GRÉCIA

Nesta tentativa de travessia, situamo-nos na Grécia e tentamos percorrer uma coordenada através da compreensão de uma época, coordenada que denominámos de Platão.

#### 1.1. A política

No princípio há a religião, o mito e a poesia: de Homero a Píndaro. Depois surgem os pré-socráticos, nomeadamente os historiadores Heraclito, Parménides e Anaxágoras. Surge Sócrates e tudo muda, mas não de uma maneira radical. É com Platão que tal irá acontecer, instituindo-se a ordem da racionalidade.

A concepção grega do homem e do mundo altera-se e o universo dos deuses apaga-se, pouco a pouco, dando lugar às acções dos homens.

Na época clássica, século V a.C., o homem aparece assim como um ser que assume o seu destino.

Atenas irá ser o lugar de uma evolução considerada exemplar desempenhando um papel primordial no campo intelectual. Duas ordens de factores parecem ter sido fulcrais:

- uma, a ordem da cidadania pela qual o destino de cada um é definido não pela proximidade em relação aos deuses, não pela sua filiação, não pela sua fidelidade a um chefe, mas pela sua relação com a lei.

Na Grécia, a coesão social era garantida pela fidelidade ao estado-cidade. A civilização grega foi talvez a primeira a desenvolver uma cultura visando a formação do homem, enquanto membro de uma comunidade, ao apresentar-lhe modelos de comportamento;

- o segundo factor é a instauração da democracia.

A grandeza de Atenas começa na época das guerras pérsicas. A vitória de Atenas contra o rei Dario da Pérsia e a vitória das frotas gregas unidas contra o filho deste, (480 a.C.), colocaram Atenas numa posição de comando na aliança contra a Pérsia.

Foi uma época gloriosa da história de Atenas durante a qual Péricles se dedicou à sua reconstrução, nomeadamente os templos da Acrópole que tinham sido destruídos pelo fogo durante a captura de Atenas, por Xerxes. O Parthenon e outros templos são obra de Péricles e, no final deste período, Atenas era a cidade mais esplendorosa do mundo helénico.

Sob o estímulo da vitória, da riqueza e da necessidade de construção - do pequeno número de habitantes então existentes, calculados em cerca de 230 000 pessoas incluindo os escravos - surgem arquitectos, escultores e dramaturgos capazes de realizar obras de tal qualidade que dominam e impressionam até aos dias de hoje.

Durante o período em que Péricles governou, os processos democráticos deram poder à aristocracia e, nos últimos anos da sua vida, os líderes da democracia exigem maior participação no poder político, enquanto que a oposição - adquirindo maior vigor e atacando os amigos de Péricles - mina o poder. Por outro lado, a política imperialista, à qual estava ligada a prosperidade económica de Atenas, causa atritos cada vez maiores com Esparta levando, por fim, à Guerra de Peloponeso (431-404 a.C.) na qual Atenas foi completamente derrubada.

Sócrates e Eurípedes acompanharam este período sombrio que se seguiu à queda e morte de Péricles, reflectindo as obras de Eurípedes o seu cepticismo e desencanto por este período.

Guerra e peste devastaram a população e embora depois disto Atenas tenha deixado de ser politicamente importante, adquiriu, sem sombra de dúvidas, uma supremacia cultural que conservou até à vitória do Cristianismo.

## **1.2. Os precursores de Platão**

Os primeiros filósofos gregos são designados por "filósofos da natureza" porque se interessavam sobretudo pela natureza e pelos processos físicos, procurando descobrir algumas leis naturais e eternas e compreender os fenómenos da natureza sem recorrer aos mitos naturais. Desta forma, a filosofia libertou-se da religião e os filósofos da natureza deram os primeiros passos em direcção a um modo de pensar científico.

Nesta procura da existência de um princípio comum e estável, subjacente às contínuas mudanças na natureza, Tales, o primeiro filósofo conhecido do mundo ocidental, nascido em Mileto, no Séc. VII a.C. "... partiu da crença de que para lá do caos aparente, existe uma permanência e uma unidade escondidas, discerníveis pela mente, se não pelos sentidos..."<sup>3</sup>.

Tales parece ter viajado pelo Egito, trazendo de lá a ciência da Geometria. Foi considerado um dos sete sábios da Grécia e as suas especulações, bem como as de outros pensadores, devem ser encaradas como hipóteses científicas cujo vigor inspirou investigações subsequentes.

Se Tales pensa encontrar este princípio comum e estável, essa unidade, na água, Anaxímenes imagina encontrá-la no ar, enquanto Anaximandro pensa encontrá-la num princípio ilimitado e infinito. Gradualmente as unidades parciais foram substituídas pela "unidade primordial e universal do ser"

Diversos pensadores<sup>4</sup>, reflectindo sobre o homem e a realidade, parecem ter constituído um sistema dialéctico e o pensamento grego estabeleceu um conjunto de conceitos opostos, dois a dois, no qual se encontravam expostas as noções de *permanência e de mutabilidade*.

Esta noção de ser permanente foi denominada de *essência* (eidos)<sup>5</sup>. A essência é, assim, o funcionamento da *unidade* das coisas face à *diversidade* dos seus estados.

Para estes pensadores, conhecer o real é identificar a sua essência.

De entre os filósofos dessa época, destacaremos aqueles que, pensamos, influenciaram de maneira directa o pensamento de Platão. São eles: Pitágoras, Heraclito, Parménides e Sócrates.

---

<sup>3</sup> - W.K.C. Guthrie. (s.d.) *Os filósofos gregos de Tales a Aristóteles*, Lisboa: Editorial Presença, pp.24-26

<sup>4</sup> - Nomeadamente Hipócrates, Anaximandro, Pitágoras, Empédocles, Heraclito e Parménides.

<sup>5</sup> - A essência é o que uma coisa é, independentemente das suas mudanças de aparência ou estado. Por exemplo, a água, podendo encontrar-se no estado sólido ou líquido, é sempre água. O mesmo acontece com o homem. Apesar das suas diferentes raças, idades e culturas, é sempre homem.

### 1.2.1. Pitágoras

*"Os princípios das matemáticas  
são os princípios de todos os seres"*

*Pitágoras*

Nascido na ilha de Samos, celebrou-se por volta do ano 532 a.C.. Visitou o Egipto e fixou-se em Crotona, no Sul da Itália. Aqui, fundou uma sociedade de discípulos obtendo bastante prestígio.

A Escola Pitagórica ou Itálica foi, além de uma escola filosófica, uma associação religiosa e política.

A filosofia era entendida como guia e forma de purificação ao lado de outras formas herdadas das crenças religiosas e místicas. Religião e saber eram dois aspectos inseparáveis de uma única forma de viver. A filosofia não era, para os pitagóricos, uma actividade destinada a satisfazer uma mera curiosidade intelectual, pois admitiam a possibilidade de purificação da alma e desta atingir a salvação através do conhecimento.

Alma e corpo eram, na sua perspectiva, duas naturezas distintas. A alma era imortal e considerada como um "número harmonioso", possuindo movimento próprio, perpétuo e tendo como objectivo reproduzir a harmonia cósmica.

A influência das matemáticas sobre a filosofia é devida a este pensador, residindo a essência das coisas, em sua opinião, na forma que estas podem assumir. Aos números atribuía-lhes certas qualidades de acordo com a sua natureza: por exemplo o número quatro era a justiça. Existe fusão da geometria e da aritmética e desta atribuição de qualidades espirituais aos números surge uma aritmologia que parece estar ligada a algumas superstições que ainda temos, actualmente, acerca de certos números.

Para os pitagóricos tudo era número e, como tal, os princípios das matemáticas eram os princípios de todos os seres. Tal posição vai conduzir estes pensadores a um aprofundamento desta disciplina e ao seu entrelaçamento com a filosofia. Escreve Bertrand Russel:

"O conhecimento matemático parecia ser certo, exacto, e aplicável ao mundo real; ademais podia ser adquirido por meio de simples raciocínio, sem necessidade de observação. Por conseguinte, acreditava-se que proporcionava um ideal, do qual o

conhecimento empírico quotidiano ficava muito longe. Supunha-se, com base na matemática, que o pensamento é superior aos sentidos, e a intuição à observação. Se o mundo dos sentidos não se ajusta às matemáticas, tanto pior para o mundo dos sentidos."<sup>6</sup>

Como se pode verificar, a influência da matemática e da geometria sobre a filosofia foi marcante. A geometria, começando por axiomas que são evidentes em si mesmos, vai prosseguindo por meio de raciocínios dedutivos até atingir teoremas altamente complexos que estão muito longe de ser evidentes. Pode-se, desta forma, descobrir coisas do mundo real, verificar a sua existência e utilizando o pensamento, através da dedução, atingir níveis mais elevados e abstractos.

Reflectindo sobre Pitágoras e acerca da importância das matemáticas, defende Bertrand Russel:

"A matemática é, creio eu, a fonte principal da crença na verdade exacta e eterna, bem como num mundo supersensível e inteligente. A geometria trata de círculos exactos, mas nenhum objecto sensível é *exactamente* circular; por mais cuidadosos que sejamos no uso do nosso compasso, haverá certas imperfeições e irregularidades. Isto sugere a ideia de que todo o raciocínio exacto compreende objectos ideais, em contraposição a objectos sensíveis; é natural ir-se além e arguir que o pensamento é mais nobre do que os sentidos e os objectos do pensamento mais reais do que aqueles que percebemos através dos sentidos" .<sup>7</sup>

A harmonização das matemáticas e da teologia começou com Pitágoras, caracterizou a filosofia religiosa na Grécia, na Idade Média e nos tempos modernos, até Kant.

---

<sup>6</sup> - Bertrand Russel. *Obras Filosóficas. Livro Primeiro. História da Filosofia Ocidental*. S.Paulo: Companhia Editora Nacional. 1969. p.41.

<sup>7</sup> - *Ibid.*, p. 43

### 1.2.2. Heraclito

*"Tudo flui...*

*Não se pode tomar banho*

*duas vezes na água do mesmo rio."*

*Heraclito de Éfeso*

Cidadão aristocrático de Éfeso, destacou-se cerca do ano 500 a.C.. Segundo ele, as transformações constantes eram a verdadeira característica da natureza. Considerava o fogo como a substância fundamental e descreve o mundo como um fogo eternamente vivo que se alimenta daquilo que consome. Afirma: "Este mundo, que é o mesmo para todos, não foi feito nem pelos deuses nem pelos homens; mas sempre foi e será um Fogo eterno com unidades que se acendem e que se apagam".<sup>8</sup>

Ora, em tal mundo é de esperar a transformação e o movimento. Para este filósofo, a noção de movimento prende-se com o *logos*, no sentido de razão, sendo este a lei universal que tudo governa. A imagem do rio em permanente movimento, no qual não é possível lavarmo-nos duas vezes na mesma água, dá-nos, em simultâneo, uma imagem de movimento e de continuidade uma vez que o rio permanece apesar das águas serem diferentes. Parece, assim, que o movimento dos seres é suportado pela permanência do mesmo ser. E aqui surgem-nos, sem margem para dúvidas, as noções de mutabilidade e de permanência.

A teoria da mistura de coisas opostas é também desenvolvida por este autor. A uma qualidade segue-se a sua contrária. Assim, à vida segue-se a morte, à morte segue-se a vida, ao dia segue-se a noite e à noite o dia. É nesta mistura de contrários que encontramos a transformação perpétua em que Heraclito acreditava. Trata-se de uma "harmonia de tensões opostas, como a do arco e a lira".

Para este pensador, harmonia e luta estão inexoravelmente ligadas. Afirma: "...é do que está em luta que nasce a mais bela harmonia; tudo acontece por discórdia".<sup>9</sup> Para ele, a verdade reside na descoberta do *logos* que é, afinal, responsável pela unidade do mundo. No esforço para se chegar à sabedoria - tarefa mais nobre a que qualquer pessoa se pode dedicar - o homem deve partir do auto-conhecimento para a explicação sistemática de todos os aspectos da realidade.

---

<sup>8</sup> - Heraclito in Bertrand Russel; *Ibid.*, p. 51

<sup>9</sup> - Fragmentos de Heraclito in Kirk e Raven. *Os filósofos pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.193.

Nesta procura, deve utilizar a razão dado que os sentidos podem ser enganadores. Deste modo, o acesso aos sentidos exige a intervenção da razão. Afirma Heraclito: "Más testemunhas são os olhos e ouvidos para os homens, se tiverem almas que não entendem a sua linguagem"<sup>10</sup>.

Mas, não obstante o *logos* divino se encontrar em todas as coisas, logo, aparentemente acessível, a sua compreensão total e completa fica reservada apenas a Deus.

Existem, assim, aspectos do *logos* que possuem um sentido que nos transcende e uma significação que nos é imanente.

Mas, esta doutrina de perpétuo movimento - tudo está em permanente fluxo - embora tendo subjacente a ideia de permanência, cria-nos um sentimento de insegurança. Talvez por isso, Parménides, o filósofo de que falaremos seguidamente, acreditava que tudo o que existe existiu sempre. Para ele, não eram possíveis verdadeiras transformações.

Analisemos, por um momento, as suas ideias.

### 1.2.3. Parménides

*"o devir do ser é  
uma opinião sem verdade"*

*Parménides*

Nascido em Eleia, por volta do ano 516-511 a.C., este filósofo identifica o "ser" com o pensar explicitando as características do "ser". Foi considerado, por isso, o filósofo criador da ontologia e da lógica. Escreveu um poema no qual, expondo a sua teoria do ser e do conhecimento, fez a separação entre a via da verdade e a via da opinião. O único caminho que conduz ao "ser" é a via da verdade, via que desprezando a informação dos sentidos identifica, através da razão, o "ser" com aquilo que é eterno, uno, perfeito e imutável.

Opõe-se a Heraclito negando o movimento e considerando-o uma aparência, aparência a que o homem deve renunciar, substituindo-a por formas de captação abstracto-rationais daquilo que é comum - o ser.

---

<sup>10</sup> - Ibid. p.189.

Tendo pertencido durante algum tempo à escola pitagórica, o método de raciocínio que utiliza é o da Geometria. Afirma Cornford, debruçando-se sobre as suas ideias:

"É o primeiro filósofo a apresentar provas de uma lógica inflexível, em vez de afirmações dogmáticas. As suas premissas não são tiradas da observação pois o mundo natural está cheio de aparências falsas. O seu pensamento é metafísico e ocupa-se dos conceitos abstractos do ser e da unidade. O processo é *a priori* e as conclusões contradizem toda a experiência sensível"<sup>11</sup>.

#### 1.2.4. Dos atomistas aos sofistas

Parménides e Heraclito tinham, sob um certo ponto de vista, concepções opostas: a experiência dos sentidos de Heraclito defendia que na natureza se dão constantemente transformações, enquanto a razão de Parménides defendia que nada se pode alterar.

Esta oposição entre Heraclito e Parménides, movimento/ser, é um problema que os atomistas vão tentar resolver ao afirmar que o "não-ser" também "é". Nesta reflexão, vão identificá-lo com o vazio infinito onde os seres, os átomos, se encontram e se movem. Há, um número infinito de seres plenos e eternos que apenas diferem, entre si, na forma e nos arranjos que fazem.

De Heraclito, estes pensadores vão reter as noções de multiplicidade e de mudança, enquanto que de Parménides mantêm a ideia de permanência e de indestrutibilidade do ser. Estando de acordo com Heraclito quando pensava que na natureza tudo flui, porque as formas vêm e vão, defendem que por detrás de tudo o que flui há algo eterno e imutável: os átomos.

Rejeitando a existência do transcendente, explicam os fenómenos da natureza partindo dos fenómenos naturais recusando as explicações teleológicas.

Para além disso, estes pensadores esforçam-se para superar as oposições ser/não-ser, pensamento/percepção e conhecimento/doxa.

Segundo Cornford "...o homem sábio quer que lhe dêem o título mais antigo de *sophistes*, ou o mais modesto de amigos da sabedoria..."<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> - F.M.Cornford. (1952). *Principium Sapientiae*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (1989). 3ª.ed., pp.190-191.

<sup>12</sup> - *Ibid.*, p.174.

Dadas as transformações económicas, políticas e sociais da Grécia, após a consolidação da democracia, a lei vai colocar os cidadãos em pé de igualdade instituindo-se uma idade da razão na qual as interrogações sobre o Homem ganham forma, fazendo-se reflexões menos assentes na cosmologia e mais na antropologia. Assim, embora compartilhando com os filósofos da natureza a crítica relativamente aos mitos tradicionais, os sofistas recusavam tudo o que lhes parecia ser especulação filosófica desnecessária, bem como o facto de que o Homem nunca poderia encontrar explicações verdadeiramente seguras para os enigmas da natureza e do universo. Os sofistas surgem, assim, colocando o homem no centro. O Homem -acentua Protágoras- é a medida de todas as coisas.

A competência intelectual é um critério de ascensão e o filósofo transforma-se em pedagogo. Consolida-se o modelo racional e um novo conceito de educação irá marcar a cultura ocidental.

Os sofistas provocavam fortes discussões na sociedade ateniense ao afirmarem que não existiam normas absolutas para estabelecer o que é, ou não, justo. Um dos opositores às suas ideias foi Sócrates que, pelo contrário, tentou provar que algumas normas são realmente absolutas e universalmente válidas.

Escutemos este homem tão enigmático e amante da sabedoria.

### 1.2.5. Sócrates

*"Por mim digo que a sabedoria consiste em nos conhecermos a nós próprios."*

*"Enquanto possuir um sopro de vida, enquanto for capaz, não conteis que eu deixe de filosofar, de vos exortar e de vos ensinar".*

*Sócrates*

As fontes de informação acerca deste pensador, consideradas como as mais fidedignas, são devidas, essencialmente, a Platão<sup>13</sup>. Este facto é de tal modo forte que se torna difícil distinguir o Sócrates histórico do Sócrates platónico.

Terá vivido entre 469 e 399 a.C., sendo filho de um escultor e de uma parteira. Curiosamente, Sócrates vai considerar o seu trabalho de mestre comparável ao trabalho

---

<sup>13</sup> - António Freire e Émile Boutroux partilham esta opinião.

do parto. Não é a parteira que dá à luz a criança, ela apenas está presente e ajuda a mãe. Sócrates compreendeu também que a sua tarefa era ajudar os homens "a parir" o saber correcto uma vez que, a seu ver, apenas o conhecimento que vem do interior é a verdadeira "inteligência".

É descrito como um homem de aspecto grosseiro, mas interiormente muito rico. A propósito disso, afirma Platão pela voz de Alcibiades:

"... Sócrates é semelhante a esses silenos que se encontram expostos nas oficinas dos estatuários, que os artistas representam com avenas e flautas nas mãos e, quando se abrem, verifica-se que têm, no interior, a estátua de um deus!"<sup>14</sup>

Dedicou toda a sua vida à filosofia e, por coerência consigo mesmo e com os seus valores, por ela morreu. Exorta ele:

"Eis, ó Atenenses, a verdadeira regra da conduta: todo o homem que escolheu um posto por julgá-lo o mais honroso, ... deve, na minha opinião, conservar-se nele seja qual for o perigo, não considerando nem a morte nem qualquer outro risco, mas, antes de mais nada a honra".<sup>15</sup>

Considerando a palavra mais forte do que a escrita, nada deixou escrito. Sócrates entendia a filosofia como um permanente auto-exame. O "conhece-te a ti mesmo" socrático prende-se com o conhecimento do que é a verdade na pessoa: a essência.

Para este pensador, a loucura assemelha-se à ignorância sendo a sabedoria o seu oposto. Na caminhada para atingir o conhecimento, torna-se necessário reconhecer a ignorância que existe em cada ser, sendo este reconhecimento semelhante a uma alavanca que conduz à verdade.

A obra *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão, que pretende ser a autodefesa de Sócrates durante o seu julgamento, dá-nos um retrato do homem admirável e coerente que ele terá sido.

O seu domínio sobre o corpo e sobre as paixões é, constantemente, reafirmado e a pedra basilar do seu trabalho é a estreita relação entre virtude e conhecimento.

---

<sup>14</sup> - Platão. *O Simpósio*. Lisboa: Guimarães Editores, Lda., 1986, p.100.

<sup>15</sup> - Platão. *Diálogos III. Apologia de Sócrates*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1975. p. 31.

Coerente com esta concepção, dedica toda a sua vida ao ensino da virtude, garantindo com o testemunho da sua morte a autenticidade da vivência do seu ideal.

Sócrates seguiu um caminho inverso ao dos sofistas. À ostentação destes, opõe o reconhecimento da sua própria ignorância e o desprezo pelos valores materiais. Aos discursos pomposos, opõe um discurso caracterizado pela sua dialéctica impecável. O perturbador "conhece-te a ti mesmo" sacode muitos dos seus interlocutores fazendo-os, deste modo, entrar em contacto com a sua própria ignorância.

Assim, embora declare que nada sabe, Sócrates confunde os sofistas mais orgulhosos, obrigando-os a confessar a sua ignorância.

O método que utiliza para atingir o conhecimento é a dialéctica procurando, por este meio, desentranhar conhecimentos que, em sua opinião, já eram do homem.

A atitude de vida de Sócrates parece ter sido uma busca permanente da verdade, do conhecimento, da coerência e, finalmente, a ausência de medo perante a morte. Morte que ocorrerá na primavera do ano de 399 a.C., quando Sócrates, tranquilamente, bebe a taça de veneno condenado pela sua independência de pensamento e acusado de perverter os jovens.

Sócrates foi mestre de Platão e, a propósito deste facto, escreve Platão: "Rendo graças a Deus por ter nascido grego e não bárbaro, livre e não escravo ... mas rendo-as acima de tudo por ter nascido no tempo de Sócrates!".<sup>16</sup>

## **2. PLATÃO : O Homem, o Pensador e a sua Obra**

### **2.1. O homem**

Nascido em Atenas, no ano 428 a.C., durante os primeiros anos da guerra de Peloponeso, era oriundo de uma família aristocrática abastada. As tradições de família faziam prever uma brilhante carreira política mas o seu desejo de justiça e desgosto pela democracia, responsável mais tarde pela morte de Sócrates, fizeram-no enveredar por outro caminho. Para Platão, a morte de Sócrates demonstrou claramente a contradição que pode existir entre as condições de facto numa sociedade e aquilo que é um verdadeiro ideal.

Tinha cerca de 20 anos quando se tornou discípulo de Sócrates, tendo sido fortemente influenciado por este. Os anos de convivência e, sobretudo, o desenlace

---

<sup>16</sup> - Platão in António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p. 27

trágico da vida desse amigo e mestre, que lhe orientou a existência para um ideal mais vasto e mais nobre, parecem ter sido decisivos na sua escolha: a filosofia.

A sua pena de ancião dá-nos conta das recordações desta época:

"Quando eu era jovem experimentei o mesmo sentimento que muitos outros jovens. Projectei entrar na Política desde que pudesse dispor de mim mesmo.

Ora, eis em que estado encontrei os assuntos da cidade:

O regime político existente era aviltado por muita gente e uma revolução se desencadeou. Cinquenta e um cidadãos encabeçaram-na e foram nomeados Chefes, onze na cidade, dez no Pireu (estes dois grupos foram nomeados para a àgora e para tudo o que se refere à administração da Cidade), mas trinta constituíam a autoridade superior e dispunham do poder absoluto.

Vários, entre eles, eram ou meus parentes ou meus conhecidos; apelaram-me, como se eu tivesse propensão para estes assuntos, o que não me espantou, face à minha juventude. Eu acreditava, ingenuamente, que eles administrariam a Cidade de modo a que arrancando o Estado de uma existência injusta conduzi-la-iam na via da justiça: e eu observava ansiosamente o que eles iam fazer. Ora, eu via estes homens considerar a ordem antiga como idade de ouro. Entre outras coisas o meu velho e querido amigo Sócrates, que não receio proclamar o homem mais justo do seu tempo, eles quiseram juntá-lo a alguns outros encarregados de ir procurar um cidadão e de o conduzir à força para a morte com o objectivo evidente de fazer de Sócrates, a bem ou a mal, cúmplice dos seus actos. Mas Sócrates recusou obedecer e preferiu correr os piores riscos em vez de ser associado às suas acções criminosas.<sup>17</sup>

O seu nome primitivo era Aristócles, como seu avô, mas aparentemente o seu aspecto físico - ombros largos, testa ampla - e a abundância e magnificência de estilo terão estado na origem da mudança para o de Platão, nome que deriva de largo.

Acerca da sua infância não se sabe muito. Sabe-se pouco mais que seu pai era amigo de Péricles, que tinha dois irmãos mais velhos, que introduz na *República* como interlocutores de Sócrates, e uma irmã. O seu pai morreu quando era ainda criança e, na escola, aprende a leitura e a escrita através dos poetas, nomeadamente de Homero.

---

<sup>17</sup> - Platão. Lettre VII, 324b - 325a in Abel Jeanniére. (1994). *Platon*. Paris: SEUIL, pp. 7 - 8.

O rei Dionísio, comparava o seu procedimento com o de Aristipo: "Aristipo só me pede dinheiro; Platão só me pede livros."<sup>18</sup>

Platão conheceu bem os sofistas, teve-os como preceptores. Como vimos, Sócrates repudia-os; Platão também. No entanto, não os trata a todos da mesma forma: se ridiculariza Hípias, respeita Protágoras.

Os sofistas apresentavam, segundo Abel Jeannièr<sup>19</sup>, uma atitude intelectual que fazia da linguagem um simples meio de influência e de poder, enquanto que para Platão, a linguagem deve ser um instrumento de verdade. Mas vai ainda mais longe ao considerar que a linguagem deve estar ao serviço do universal e não apenas do indivíduo e do estado.

Os ensinamentos dos sofistas convêm à democracia; democracia que desilude Platão. Por outro lado, os seus ensinamentos não são instrumentos de conhecimento. Conhecimento que, para Platão, é uma permanente busca. Deste modo, os pressupostos filosóficos dos sofistas, mais assentes na técnica e num saber fazer, são alvo de contestação por parte de Sócrates e de Platão.

Se das suas vivências de infância se sabe pouco, a época correspondente à sua maturidade é de difícil enquadramento. A sucessão dos seus escritos é incerta e diversos estudiosos da sua obra, apresentam-na diferentemente (vidé anexo I). Uma das grandes dificuldades advém do facto de Platão não ter constituído um sistema, ou exposto uma doutrina, mas ter antes prosseguido uma busca. Deste modo, os progressos do seu pensamento dificilmente se podem sistematizar. No entanto, dois temas se impõem de uma maneira coerente: Justiça e Verdade.

As viagens que empreendeu à Sicília, Itália e Egipto, os contactos com diferentes modos de pensar, as reflexões feitas e as fortes emoções, nomeadamente a hipótese de ter sido vendido como escravo, tornaram-no no homem maduro que com cerca de quarenta anos se preocupa com a formação dos jovens. Para tal, funda perto de Atenas a sua própria escola filosófica com o nome de um lendário herói grego, Academo, daí o nome de Academia. Aí se leccionava filosofia, matemática e ginástica, sendo os conhecimentos de geometria considerados como indispensáveis. À entrada da Academia, mandou Platão gravar a seguinte legenda: "Proibida a entrada a quem não souber geometria".

---

<sup>18</sup> - Marsilio Ficino. (1588). "Divini Platonis opera omnia" in António Freire. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p.10.

<sup>19</sup> - Abel Jeannièr. (1994). *Platon*. Paris: SEUIL.

A orientação geral não visa a aquisição de uma técnica particular, mas uma cultura geral que permita aos jovens pensar clara e correctamente os problemas da verdade. O método utilizado é o diálogo vivo, sua forma privilegiada de reflexão.

Em Platão, podemos encontrar diferentes dimensões: a ética, a política, a religiosa e, finalmente, a dimensão estética. Este pensador procura para si, e para ensinar aos outros, um saber acerca da natureza humana que lhe permite estabelecer regras de conduta. A esta *dimensão ética* podemos associar a *dimensão política*, pois tendo nascido, aparentemente, destinado à política, foram os valores éticos que o afastaram desta. No entanto, as suas preocupações políticas são visíveis em praticamente toda a sua obra, sobretudo na *República*.

Divergindo das concepções políticas do seu tempo, vai conceber a estrutura de um *Estado ideal*, baseado no conceito de *justiça*. Afirmo no livro VII, da *República*:

"Assim um homem associa-se a outro homem por causa de determinada necessidade ... e, deste modo, a insuficiência de recursos próprios, para acudir às múltiplas necessidades da vida, reúne no mesmo lugar vários homens, que se associam para mutuamente se ajudarem. É a esta sociedade que denominamos Estado."<sup>20</sup>

Nesta obra, política e filosofia estão intimamente ligadas.

Analisando as diferentes modalidades de governo, sua formação e ruína, Platão irá preferir um misto de democracia e monarquia, na qual os filósofos, enquanto mais sábios, seriam responsáveis pelo governo.

A *dimensão religiosa* e a noção de alma acompanham-no ao longo da sua obra. "No Crátilo ... a alma é o que anima o corpo e lhe comunica a vida e movimento ... um movimento capaz de se mover a si mesmo."<sup>21</sup> Para Platão, a alma é mais antiga do que o corpo e tem um carácter espiritual pois já contemplara o mundo das Ideias<sup>22</sup>, adquirindo, assim, preciosos conhecimentos.

---

<sup>20</sup> - Platão. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Globo. 1964. p.221

<sup>21</sup> - António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p. 130

<sup>22</sup> - António Freire, S.J., na sua obra *O Pensamento de Platão*, defende que à Teoria das Ideias devia chamar-se Teoria das Formas. Afirmo: "É que o vocábulo, com que Platão designa essas realidades supremas, denominadas «Ideias», significa mais propriamente «Formas». p.59: No entanto, utilizaremos, à semelhança de alguns estudiosos, nomeadamente o próprio António Freire, indiscriminadamente, o termo Ideias ou Formas.

É pela alma, diz Platão, "... que percebemos todas as coisas sensíveis, utilizando os órgãos como instrumentos".<sup>23</sup> Defende que o nosso conhecimento é uma reminiscência desse mundo, outrora contemplado, possuindo a alma um carácter imortal. Ouçamo-lo: "Aquilo que constitui verdadeiramente o nosso ser, isto é, a alma, é imortal"<sup>24</sup>.

Finalmente, surge-nos a *dimensão estética* que, embora se encontre presente em toda a sua obra, é fortemente desenvolvida no *Simpósio*. Aqui, verificamos que a noção platónica de beleza transcende a contingência das coisas terrenas. Nesta obra, proporciona-nos uma eloquente descrição do belo:

"O belo por excelência é eterno; não conhece nem o nascimento nem a morte, não está sujeito à evolução de crescimento e diminuição, não é belo por um lado e feio por outro, ou belo a um tempo e feio a outro ... beleza que, em contrapartida, existe nela mesma e por ela mesma, simples e eterna, da qual participam todas as coisas belas, de tal maneira que o nascimento ou a morte destas não lhe trazem, nem aumento nem diminuição, nem alteração de qualquer espécie."<sup>25</sup>

Para atingir a beleza, Platão propõe-nos um caminho ascensional que parte da beleza física, passa pela beleza moral, segue-se a beleza intelectual e, finalmente, atingir-se-á o Belo absoluto.

Este pensador genial morre no ano 347 a.C., com 80 anos, no dia do seu nascimento, quando se encontrava num banquete nupcial.

## 2.2. O pensador

Platão foi influenciado por diferentes filósofos, seus predecessores; sobretudo por Pitágoras, Heraclito, Parménides e Sócrates seu mestre.

De Pitágoras, reteve a importância das matemáticas e a sua maneira de entrelaçar intelecto com misticismo.

De Parménides a noção de que o "ser" é, e o "não-ser" não é, derivando deste a crença de que a realidade é eterna e intemporal e que, logicamente, toda a mudança tem de ser ilusória.

---

<sup>23</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 152

<sup>24</sup> - Platão. *Leis* in António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p.152

<sup>25</sup> - Platão. *O Simpósio*. Lisboa: Guimarães Editora, Lda. pp. 91-92

De Heraclito, reteve Platão, a noção de que o real se encontra em perpétuo movimento. Para conciliar a filosofia de Parménides com a de Heraclito, vai conceber uma realidade bidimensional: um mundo perceptível pelos sentidos, no qual tudo está em permanente transformação - o *mundo sensível* - e um *mundo inteligível* apenas captável racionalmente e apresentando um carácter imutável e eterno. O seu projecto é, essencialmente, o de obter uma realidade própria que seja eterna e imutável.

A influência de Sócrates foi, sem sombra de dúvida, a que mais marcou a formação e obra de Platão. Com o seu mestre aprendeu, certamente, a reflectir sobre as questões éticas e sobre a necessidade de instruir os homens para os tornar virtuosos. Mas, se em Sócrates encontramos a atitude e a interrogação, Platão vai mais longe e na sua obra encontramos uma teorização. Esta teorização prende-se com a necessidade de educar os filhos dirigentes da cidade. Cidade que ele deseja mais justa.

Na linha de pensamento de ambos os pensadores a ausência de conhecimento é incompatível com a justiça, pois erra-se por ignorância.

Para além destas influências outras foram determinantes para as suas reflexões. Sensivelmente um século antes, um grupo de pensadores, posteriormente denominados de "pré-socráticos", tornaram-se activos. Este grupo que incluía, de entre outros, Anaximandro, Anaxímanes, Tales e também Heraclito e Parménides, começou a desenvolver um vocabulário definindo os termos do pensamento filosófico, psicológico e somático.

Mas, estes pensadores não pararam por aqui e definiram o termo "mente" considerando-a responsável pelo planeamento e pela capacidade de abstrair o geral a partir do particular. Para além disto, distinguiram dois modos de pensar e de discursar em termos dicotómicos, tais como: "psicológico versus mitológico", "verdadeiro ser versus nascer e morrer", afirmando a superioridade do primeiro tipo de pensar que denominaram de racional e abstracto.

Finalmente, confirmaram a superioridade das pessoas que pensam de forma abstracta, mais tarde denominadas de filósofos. Afirma Platão: "E ao que tem gosto por toda a sorte de conhecimentos, deseja sempre aprender e nunca se enfastia, a esse chamaremos com justiça filósofo."<sup>26</sup>

O trabalho destes pensadores, o contacto com a convulsiva realidade ateniense, a execução de Sócrates, as suas vivências e reflexões, de entre outros factores,

---

<sup>26</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 162

forneceram a "matéria-prima" para as teorias que Platão desenvolve sobre a natureza e motivação humanas, neste Séc. V a.C..

O seu pensamento provocou profundas mudanças no modo de pensar da cultura ocidental, expressando os seus textos a flexibilidade do seu espírito plurifacetado e universal.

### 2.3. A sua obra

Após tão longo e abnegado magistério, Platão passou a velhice a redigir as suas obras mais importantes. Trinta e seis diálogos figuram na lista dos seus trabalhos, apesar de alguma controvérsia levantada ao longo dos tempos <sup>27</sup>.

Vamos debruçar-nos, brevemente, sobre alguns aspectos contidos nestas obras.

O Diálogo que se considera em geral como o mais histórico é a *Apologia de Sócrates*. Esta obra pretende ser o discurso proferido por Sócrates aquando do seu julgamento. Trata-se da sua defesa e, neste discurso, o pensador examina o comportamento e os argumentos dos seus acusadores. Acompanhemos Sócrates:

"O acusador declara-me culpado de corromper a juventude. Pois eu, Atenienses, digo que é Meleto quem é culpado por brincar com coisas sérias ao trazer com tanta ligeireza as pessoas à justiça, fingindo aplicar-se e interessar-se em coisas com que nunca se preocupou. Ser esta a pura verdade é o que vou tentar mostrar-vos."<sup>28</sup>

Há, na parte final desta obra, um tom essencialmente religioso. Ouçamo-lo:

"Em todo o caso, no Hades, temos a certeza de que não se é condenado por isso, e não só somos de todas as maneiras mais felizes do que aqui, mas ainda somos finalmente imortais, ao menos se for verdade o que se diz. [e termina :] Mas chegou a hora de nos irmos, eu para morrer, vós para viver. Quem de nós tem a melhor parte, ninguém sabe, excepto Deus."<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> - Segundo Taylor, 1948, é opinião geralmente aceite que qualquer Diálogo de certa extensão e interesse, na lista dos trinta e seis, é platónico e que outros menores e de interesse reduzido são espúrios. No entanto, autores há, nomeadamente, von Ast e Zeller que consideram espúrias as *Leis* e alguns extremistas chegaram a reduzir o número de Diálogos autênticos a nove. António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. Ibid.,

<sup>28</sup> - Platão. *Diálogos III. Apologia de Sócrates*. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1975. p.25.

<sup>29</sup> - Ibid., p. 46

Esta obra mostra-nos Sócrates como um homem de acentuado carácter moral, espírito elevado e indiferente aos bens materiais. Finalmente, um homem que acredita na supremacia da clareza de raciocínio como via para uma vida recta e harmoniosa.

No Diálogo *Criton*, Platão debruça-se sobre o dever e acerca do modo como os amigos de Sócrates organizam um plano para a sua fuga. Fuga que Sócrates vai recusar, considerando que fôra condenado por um processo legalmente instituído e que seria um modo ilegal de fugir ao castigo. Foi, segundo Russel: "o primeiro a proclamar o princípio que associamos ao Sermão da Montanha, de que não devemos pagar o mal com o mal, qualquer que tenha sido o mal que nos hajam feito."<sup>30</sup>

No *Fédon*, vai debruçar-se sobre a morte de Sócrates. No dia da sua morte, afirmava Sócrates: "...os que se ocupam da filosofia como convém não fazem outra coisa senão procurar a morte e o estado que a segue."<sup>31</sup>

Mas, para além das reflexões sobre a morte é, essencialmente, das reflexões sobre a alma humana que trata este Diálogo. A morte é referida como a libertação da alma, do corpo que a possui.

Coerente com este sentimento de espiritualidade, Sócrates vai condenar os prazeres de ordem animal considerando-os responsáveis pelo acorrentamento da alma ao corpo. Afirma: "... a alma nunca raciocina melhor do que quando nada a perturba, nem o ouvido, nem a vista, nem a dor, nem qualquer prazer, mas, pelo contrário, quando se isola mais completamente em si mesma."<sup>32</sup>

Assim, para além do significado da vida e da morte, este Diálogo aborda a questão da existência da alma que, podendo existir separada do corpo, é a parte do nosso ser que conhece as Formas que existem desligadas das coisas materiais.

O Diálogo mais importante de Platão é *A República*, sendo a justiça o problema central desta obra. Acerca da justiça mostra-nos Sócrates: "... que os homens justos são evidentemente mais sábios, melhores e mais dotados para agir do que os injustos." <sup>33</sup>

Deste tema o autor passa, seguidamente, para o da estrutura de um Estado adequadamente construído. Aspira assim a um Estado ideal, baseado no conceito de

---

<sup>30</sup> - Bertrand Russel. *Ibid.*, p. 155.

<sup>31</sup> - Platão. *Diálogos III. Fédon*. Mem Martins: Publicações Europa - América. 1975. p. 77.

<sup>32</sup> - *Ibid.*, p. 79.

<sup>33</sup> - Platão. *A República*. *Ibid.*, p. 29.

justiça. Para o conseguir, vai ditar normas ligadas com a educação dos cidadãos. Esta educação é direccionada para a sabedoria, temperança e harmonia interior.

Platão defende que os chefes precisam, eles próprios, de uma educação especial que passe, num primeiro tempo, por uma vivência comunitária onde a prática do treino físico e moral são indispensáveis. Num segundo tempo, defende uma educação científica e política a ser orientada pelos filósofos, que considera como os mais capazes, dado o seu amor à verdade e as suas elevadas faculdades de discernimento.

Platão irá debruçar-se, também, sobre a verdade e a mentira, assunto que aprofundaremos, aparecendo as fábulas e os mitos como fonte de mentiras. Nos mitos, os deuses são apresentados muitas vezes como injustos e agressores quando, segundo Sócrates, a divindade, sendo boa, só é causa do bem. Platão, pela fala de Sócrates, irá preocupar-se com o efeito prejudicial destas narrações sobre os jovens. Quanto à verdade, defende que esta ganha expressão através das coisas simples e harmoniosas.

Nesta obra, vai ainda debruçar-se sobre a alma e sobre os princípios que esta possui, colocando os impulsos em conflito, nomeadamente a oposição entre desejo e razão. Afirma:

"Então nos é lícito admitir que se trata de duas coisas diferentes uma da outra, chamando àquilo com que o homem raciocina o princípio racional da alma, e àquilo com que deseja, sente fome ou sede e é perturbada pelos demais apetites, o irracional ou apetitivo, afeiçoado a toda a sorte de prazeres e excessos."<sup>34</sup>

Concluirá, seguidamente, que a alma à semelhança da cidade é composta por três princípios: o racional, o apetitivo e o impetuoso ou apaixonado.

No livro V, Platão estabelece as regras acerca da vida familiar dos cidadãos, declarando que as mulheres terão a mesma educação que os homens. Quanto à procriação, considera que deverão ser escolhidos os melhores e aponta medidas sobre a educação das crianças.

Neste livro, debruça-se ainda sobre o que é um filósofo e acerca do conhecimento defendendo que o verdadeiro conhecimento não consiste nas sensações. Aponta as diferenças entre "opinião" e "saber", considerando que a "opinião" é o meio termo entre o "ser" e "não-ser", entre "conhecimento" e "ignorância", equiparando o "saber" ao "ser".

---

<sup>34</sup> - Platão. *A Republica*. Ibid., p.124.

As questões do uno e do múltiplo surgem com grande acuidade e Platão debruça-se sobre o carácter absoluto do uno e sobre a relatividade do múltiplo, concluindo que a opinião é o conhecimento não do absoluto mas do múltiplo.

No Livro VI, retoma as questões da Filosofia e dos filósofos discorrendo acerca das qualidades que são exigidas aos filósofos. De entre estas, destaca o amor à verdade, a capacidade para atentar nos princípios imutáveis e, finalmente, reflecte sobre o modo como moldarão a Cidade de acordo com a imagem divina.

Seguidamente, debruça-se sobre a ideia de Bem considerando-a o mais sublime conhecimento a que toda a alma humana aspira. Reflecte, ainda, sobre as quatro operações da alma, a saber: inteligência, pensamento, crença e percepção das sombras, concluindo que "cada uma delas participa tanto mais da clareza quanto mais participem da verdade os objectos a que se aplica."<sup>35</sup>

No livro VII, elabora a Alegoria da Caverna, na qual os prisioneiros tomam as sombras pela realidade e, quando libertados, continuam a sustentar que as sombras, que dantes viam, eram mais verdadeiras do que os objectos a que têm acesso.

Para Sócrates, a caverna-prisão é o mundo das coisas visíveis, enquanto que a saída da caverna para o mundo exterior trata-se da ascensão da alma para a região inteligível. Neste livro, Platão debruça-se também sobre a educação a dar aos guardiões da Cidade destacando a necessidade destes aprenderem Aritmética, Ginástica e Geometria. Finalmente, a dialéctica e as condições necessárias para a exercer são definidas neste sétimo livro.

No Livro VIII, observa e comenta os Estados e os homens considerando-os diferentes dado que os Estados são constituídos por homens. Em termos políticos observa as constituições espartana, oligárquica, democrática e a tirânica, considerando-as como imperfeitas.

No Livro IX, Platão fala acerca do animal feroz que existe latente no Homem e que se revela nos seus sonhos. Este animal feroz são os desejos.

Pergunta Gláucon a Sócrates:

"- Que desejos são esses de que falas?

[ao que Sócrates responde:]

- os que costumam despertar enquanto dorme a parte dominante, razoável e humana da alma; é então que salta a besta feroz e selvagem que dentro de nós se oculta e, cevada de manjares e de vinho, expulsa o sono e trata de saciar os seus

---

<sup>35</sup> - Platão. Ibid., p. 201.

instintos. E não há loucura ou crime que não seja capaz de cometer nessas ocasiões, quando está libertada de toda a vergonha e bom-senso - sem recuar nunca diante do incesto ou qualquer outra união antinatural..."<sup>36</sup>.

Quanto ao sonho, Platão divide os homens em duas categorias:

- os homens saudáveis que adormecem, após terem nutrido a sua própria razão, após terem reflectido sobre si próprios e terem satisfeito os seus apetites com moderação. Estes não serão perturbados pelos desejos e a sua parte melhor ficará livre para contemplar o próprio ser, na sua pureza, e aspirar ao conhecimento;

- e, os homens perversos. Estes são, durante a vigília, o mesmo que expressam através dos seus sonhos: insaciáveis e indigentes.

Acerca dos prazeres a que os homens costumam dedicar-se, nomeadamente a gula e a sensualidade, conclui que estes prazeres são meras aparências e sombras do verdadeiro ser.

Finalmente, no décimo livro da República, debruça-se sobre as imitações e natureza da imitação concluindo que os poetas, tal como os pintores, são simples imitadores que nada sabem do ser real. Voltam a ser consideradas as recompensas da virtude e termina a sua obra falando da alma, da sua reencarnação e da felicidade a que esta almeja.

Nesta famosa obra, o autor propõe-nos um percurso dialéctico que nos conduz do hipotético ao verdadeiro e, do tema da justiça, o filósofo parte para a estrutura de um Estado bem constituído, um Estado ideal, baseado no conceito de justiça onde os chefes necessitam de ser sábios.

Mas Platão reflecte, também, sobre o amor. Para ele, o verdadeiro amor é moderado e harmonioso, isento de sensualidade e grosseria, e disso nos dá conta na sua obra *O Simpósio*. Dada a importância que atribuímos a este tema, a desenvolver posteriormente (IV.3.), debruçar-nos-emos de forma mais aprofundada sobre a obra. Nesta, recorda-se o convívio que o poeta Agatão oferece e onde se encontram presentes Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Sócrates que louvam e discursam sobre Eros, considerando-o um Deus.

O primeiro a discursar é Fedro que, acerca da antiguidade e origem de Eros, afirma: "... primeiro foi o caos, depois a terra de grande seio, eterno e seguro

---

<sup>36</sup> - Platão. *Ibid.*, p. 263

fundamento de todas as coisas e, depois, Eros....". Também Parménides diz a respeito da sua origem: "Pensou Eros antes de todos os demais deuses."<sup>37</sup>

Fedro, retórico erudito, discursa sobre o amor considerando que as acções desonestas estão associadas à desonra, enquanto que as boas acções se ligam ao amor. Mas, vai mais longe e cita vários exemplos de seres que, possuídos por Eros, se transformam em heróis.

Neste louvor a Eros, segue-se *Pausânias* que considera a existência de dois Eros (à semelhança de Afrodite, dado que, em sua opinião, existem duas Afrodites). Torna-se, por isso, necessário louvar a ambos os Eros: o da Afrodite popular que está relacionado com o amor com o qual amam os homens vulgares, amando mais o corpo do que o espírito e o da Afrodite celeste que "não participa da concupiscência".

Para ele as acções, em si mesmas, não são boas nem más, considerando que o mesmo se passa com Eros, e citando-o: "... o mesmo podemos afirmar de Eros, pois que nem todo o Eros é em si mesmo belo e louvável, mas se torna belo quando nos leva a amar segundo as regras do belo."<sup>38</sup>

Segue-se *Erixímaco* que, aprovando a distinção entre os dois Eros defendida por Pausânias, alarga estas "energias" a todos os seres, afirmando: "Eros é realmente grande, um deus admirável que estende o seu império a todas as coisas divinas e humanas."<sup>39</sup> Este pensador reflecte, ainda, acerca do imenso poder de Eros e da sua capacidade de nos oferecer a felicidade.

Tomando a palavra, *Aristófanis* discursa sobre o poder de Eros e também sobre a ignorância dos homens acerca deste deus. Descreve a natureza humana, na sua origem, como tendo sido um ser completo que continha em si mesmo o masculino e o feminino e como estes seres, possuídos do desejo de conseguir o proibido, decidem escalar o céu tendo sido, por isto, castigados pelos deuses que os dividiram e enfraqueceram. No entanto, em sua opinião, "o amor tende a reencontrar a sua antiga natureza, esforça-se por se fundir numa só e por sarar a natureza humana."<sup>40</sup>

Para este pensador, o amor é a ânsia desta plenitude.

Seguidamente, toma a palavra *Agatão* que, no seu discurso, vai debruçar-se sobre a natureza de Eros considerando que este é o mais feliz de todos os deuses e, finalmente, debruça-se sobre os seus dons.

---

<sup>37</sup> - Platão. *O Simpósio*, *Ibid.*, p. 29.

<sup>38</sup> - *Ibid.*, p. 34.

<sup>39</sup> - *Ibid.*, p. 43.

<sup>40</sup> - *Ibid.*, p. 53.

Estando de acordo com o discurso de Fedro contesta, no entanto, a antiguidade que este lhe atribui, sustentando que Eros é o mais jovem de todos os deuses, mantendo-se, em sua opinião, "eternamente jovem".

Mas, para além de mais jovem considera-o o mais delicado, o mais flexível e, finalmente, o mais belo, justo e corajoso. Mas Agatão não pára por aqui, afirmando:

"Falei da justiça, da temperança, da coragem do deus. Falta, por isso, falar da sua sabedoria. ... o deus é um poeta tão excelente que transforma em poetas aqueles que o amam ... Eros é excelso nas artes das musas, porque, aquilo que não se possui, ou não se sabe, não se pode dar, nem ensinar a outrém."<sup>41</sup>

Para além destes dons e numa linguagem verdadeiramente rica de imagens, o poeta continua a elogiar Eros, falando-nos da sua doçura, benignidade, paixão e desejo, terminando:

"É a glória dos deuses e dos homens, o guia do mais belo e do mais virtuoso, o que todo o homem deve seguir, entoando-lhe hinos e repetindo o canto magnífico que ele próprio entoa, para encantar os espíritos dos deuses e dos homens!"<sup>42</sup>

Chegada a vez de *Sócrates*, este elogia o discurso de Agatão afirmando que o seu discurso irá assentar na verdade, sem se expor ao ridículo de rivalizar com os oradores anteriores, no plano da eloquência. No entanto, antes de o fazer, envolve-se em diálogo com Agatão, levando-o a concluir que só se ama o que nos falta e o que não se possui. Logo, se Eros ama o belo é porque não possui essa beleza e se beleza e bondade são indissociáveis faltar-lhe-ão, então, beleza e bondade.

Para descrever a verdade acerca de Eros, Sócrates vai, por meio de um diálogo, contar o que lhe fora ensinado por Diótima. Debruçando-se sobre a origem de Eros, refere-o como filho de Poros e de Pénia. Desta união nasce Eros, que é por natureza amante do belo e que embora imitando a indigência da mãe igualmente herda a natureza do pai, vivendo à procura do bom e do belo. Afirma: " Por natureza não é mortal nem imortal ... Eros constitui o meio termo entre a sabedoria e a ignorância"<sup>43</sup>.

Deste modo, entre os extremos dos diferentes pares dicotómicos, nomeadamente, "sabedoria versus ignorância" e "belo versus feio", existe algo de

---

<sup>41</sup> - Ibid., p. 63.

<sup>42</sup> - Ibid., p. 65.

<sup>43</sup> - Ibid., p. 78.

intermédio e, dado que Eros carece das coisas boas e belas, então não é um deus porque estes são plenamente felizes logo, possuidores do bom e do belo. Mas, vejamos o diálogo que conduz a esta conclusão:

*Diotima* - Nesse caso, já vêes que também tu concordas em que Eros não é um deus!

*Sócrates* - Que poderia ser, então? Um mortal?

*Diotima* - Nada disso.

*Sócrates* - O que poderia ser, nesse caso?

*Diotima* - Exactamente como as coisas de que acabámos de falar: um meio termo entre o mortal e o imortal.

*Sócrates* - Que pretendes dizer com isso ?

*Diotima* - Pretendi dizer ... [que] representa o meio termo entre os seres divinos e os seres mortais."<sup>44</sup>

Continuando a aprofundar o tema e ainda a propósito da natureza e origem de Eros, afirma Diotima:

"Com efeito a sabedoria encontra-se entre as coisas mais belas e Eros tem o amor das coisas belas, de onde se torna necessário que Eros filosofe e se filosofa é porque se encontra no ponto intermédio entre o sábio e o ignorante. A causa de assim ser está na sua origem, pois é filho de pai sábio e pleno de recursos e de mãe sem saber nem recursos".<sup>45</sup>

Esta é a origem e natureza de Eros, segundo Diotima, e Sócrates interrogando-a sobre a sua utilidade acaba por concluir que esta se liga ao desejo de atingir a felicidade que é, afinal, comum a todos os homens.

Mas, neste movimento tão típico de Sócrates, o discurso vai evoluindo e a ideia anteriormente exposta por Aristófanes de que o homem procura a totalidade, ou seja, a sua antiga natureza através do amor é aqui contrariada. Afirma Diotima: "Eu digo, meu caro, que amar não consiste em procurar, nem a metade, nem o todo em si mesmo, a menos que isso seja o bem."<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> - Platão. *O Simpósio*. Ibid., pp. 75-76.

<sup>45</sup> - Ibid., p. 79.

<sup>46</sup> - Ibid., p. 82.

Neste diálogo, Diotima assume o papel de alguém profundamente conhecedor enquanto Sócrates é o aprendiz deste conhecimento. Nesta reflexão sobre o amor, é conduzido à ideia de que o amor não é o amor do belo, sendo antes o desejo de geração e procriação no belo, através do qual o ser mortal participa da imortalidade. Segundo Diotima "... o amor é o desejo da perpétua posse do bem. Segue-se, por consequência, que Eros é igualmente o desejo da imortalidade"<sup>47</sup>, sendo este desejo de participar da imortalidade vivido, diferentemente, pelos homens.

O amor é a criação da beleza segundo o corpo e segundo o espírito. Assim, os homens que fecundam segundo o corpo procuram a imortalidade através da procriação, enquanto que os homens que fecundam segundo o espírito procuram a sabedoria.

Diotima parece, ao longo da sua fala, estabelecer patamares que o homem deverá ir atingindo. Assim, num primeiro tempo, o homem desenvolve o amor por um corpo belo. Amor este que depois se generaliza amando-se, então, todos os corpos belos desprezando-se, conseqüentemente, o amor exclusivista. Após este percurso, o homem, considerará a beleza da alma mais preciosa do que a do corpo, seguidamente contemplará a beleza das acções e a das ciências e desta beleza e amor nascerão belos pensamentos até que finalmente o espírito, fortificado por isto, contemplará uma sabedoria e beleza únicas.

Considerando que Eros é um caminho para atingir este estado, afirma Diotima:

"... quando atingir a meta suprema, em breve contemplará a beleza de uma maravilhosa natureza, a *própria beleza* [e conclui:] Se a vida alguma vez mereceu ser vivida ... é no momento em que o homem contempla a beleza essencial"<sup>48</sup> .

### 3. AS SUAS IDEIAS

Debruçámo-nos sobre a herança intelectual e cultural que esteve à disposição de Platão. Seguidamente, e de modo resumido, abordámos alguns aspectos da sua obra. Debrucemo-nos, agora, sobre as suas ideias, tentando a sua compreensão.

---

<sup>47</sup> - Ibid., p. 84.

<sup>48</sup> - Ibid., p. 84.

### 3.1. Mundo sensível versus mundo inteligível

Platão parece ter concebido uma realidade a duas dimensões:

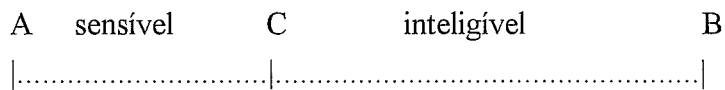
- *um mundo sensível*, captável através dos sentidos e onde tudo está em movimento;

- *um mundo inteligível*, captável através da razão, que é imutável e eterno. É este mundo que é objecto da ciência. Trata-se de um elemento puro, logo, simples e sem mistura, encontrando-se relacionado com a inteligência e com o que esta apreende.

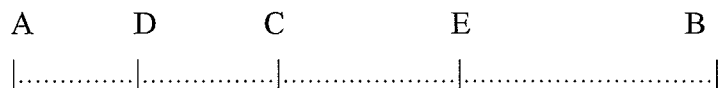
Na *República*, Platão, dando voz a Sócrates, distingue estes dois mundos; dois poderes reinantes, um sobre o mundo inteligível e o outro sobre o mundo visível.

Os campos dos dois mundos, representa-os Platão por uma linha recta dividida em dois segmentos desiguais, o menor representa o mundo sensível e o maior, e de nível mais elevado, representa o mundo inteligível.

Tentemos a compreensão desta representação:



Na mesma proporção, subdivide os segmentos, que apresentam a seguinte forma:



Ficamos com quatro secções, das quais:

**AC - o sensível:**

AD - os fenómenos;

DC - os objectos fabricados e os seres vivos;

**CB - o inteligível:**

CE - os seres matemáticos;

EB - as ideias;

Na sua perspectiva, estas subdivisões contêm diferentes graus de verdade, encontrando-se a "imagem" para o "original" tal como o "objecto de opinião" está para o "conhecimento".

No nível sensível (AC), encontramos no nível mais baixo, os fenómenos (AD), o reflexo das imagens e o fluxo das aparências. Sobre isto apenas podemos fazer conjecturas.

No segundo nível, do mundo sensível (DC), podemos encontrar os objectos fabricados e os seres vivos.

Afirma Platão:

"Chamo imagens às sombras, e em segundo lugar às figuras que se formam na água. ... Na segunda divisão coloco aquilo de que essas figuras são imagens: os animais que nos rodeiam e todas as coisas que crescem ou são fabricadas".

Este segundo degrau não é passível de um saber definitivo, o conhecimento que temos é da ordem da crença.

Estamos no domínio da opinião.

Debruçando-se sobre o mundo inteligível (CB), estabelece que os seus degraus nos fazem entrar no domínio do saber. Encontramos as matemáticas no primeiro degrau (CE), revelando um conhecimento discursivo, e no segundo a intelecção (EB) a que apenas se acede através da dialéctica.

Existem imagens, hipóteses e sobreposição entre os dois mundos. Afirma:

"... a alma usa como imagens aquelas coisas que antes eram imitadas [isto é, contidas na segunda subdivisão do primeiro segmento] partindo de hipóteses e encaminhando-se assim, não para o princípio mas para a conclusão; e na segunda, partindo também de uma hipótese, mas para chegar a um princípio não hipotético, leva a cabo a sua investigação unicamente com a ajuda das ideias tomadas em si mesmas e sem recorrer às imagens como no caso anterior."<sup>49</sup>

No mundo inteligível a última coisa que percebemos é a ideia do Bem, sendo esta conquistada à custa de grande esforço. Mas, uma vez percebida, é ela a causa de todas as coisas rectas e belas.

---

<sup>49</sup> - Platão. *Ibid.*, pp. 199 - 200.

Fonte da verdade e do conhecimento no inteligível.

Aprofundaremos este assunto no ponto 3.6. "sobre o conhecimento".

Como vimos, tal como existem dois modos de apreensão do real, existem igualmente dois tipos de conhecimento: o verdadeiro (sabedoria) - "Sofia" - e o ilusório (opinião) - "Doxa" - .

O "saber" corresponde a um modelo real enquanto que a "opinião" corresponde à imagem desse modelo e exprime a certeza da pessoa. Mas, trata-se de uma certeza que assenta apenas na experiência pessoal. Platão estabelece, relativamente a esta ideia, uma analogia na qual vai comparar a "alma" ao "olho". Afirma o autor da *República*:

"- E a alma é como o olho; quando fixa sua atenção sobre um objecto iluminado pela verdade e pelo ser, a alma percebe, compreende e demonstra possuir inteligência; mas quando se volta para a penumbra do transformar-se e do perecer, como não pode ver bem, não faz mais que conceber opiniões, ora esta, ora aquela, e parece não possuir inteligência alguma."<sup>50</sup>

A Filosofia é, para Platão, uma espécie de "visão da verdade" que o filósofo consegue atingir porque se afasta do mundo sensível.

### 3.2. As características da Psique<sup>51</sup>

Muita da actividade filosófica de Platão teve como objectivo a definição e a caracterização da "psique". Segundo Bennett Simon<sup>52</sup> os significados da palavra "psique" são:

- a alma; a parte imortal do homem, uma espécie de essência espiritual do homem;
- algo essencialmente intelectual e sabedor: a mente;
- e, a pessoa ela mesma.

Quanto às suas características, estas são as seguintes:

---

<sup>50</sup> - Platão. *A República*, p.198

<sup>51</sup> - Do grego "psukhê".

<sup>52</sup> - Bennett Simon. (1973). *Plato and Freud. The Mind in Conflict and the mind in Dialogue. The Psychoanalysis Quaterly. Vol. 42.* New York.

1 - uma estrutura de pensar não material, estável e composta por partes que se relacionam entre si;

2 - a psique é activa apresentando actividade própria ("self-moving"). Já Pitágoras considerava a alma humana como possuindo movimento próprio e perpétuo;

3 - possui funções de comando e organização, isto é, controla a entrada das sensações e determina o seu destino na mente; ou seja, comanda, organiza e assimila. Estas regras encontram-se descritas na *República*;

4 - tem capacidade para negociar o conjunto de representações do mundo externo. O que a mente apreende não é físico. A noção de representação mental parece estar aqui implícita;

5 - na busca do conhecimento, o raciocínio usa o método dialéctico. Afirma Platão: "Com a Dialéctica ... quando tentamos dirigir-nos, com a ajuda da razão e sem a intervenção de nenhum sentido, para o que é cada coisa em si, e não desistimos ..., então chegamos às próprias fronteiras do inteligível."<sup>53</sup>

A Dialéctica irá servir-se das hipóteses formuladas mas elevar-se-à acima destas;

6 - a psique está dividida. A parte superior é mais mental, enquanto a inferior é mais somática sendo responsável pela apreensão dos aspectos básicos do mundo.

Na sua obra - *A República* - a divisão da psique é, essencialmente, entre o *racional*, o *apetitivo* e um terceiro elemento "*energic*", porção *apaixonada* ou *impetuosa* que cada uma das duas partes, o racional e o apetitivo, tenta atrair e aliar-se.

Esta obra encontra-se repleta de exemplos desta divisão. Através do diálogo entre Sócrates e Gláucón, podemos verificar que, num primeiro momento, surge a oposição entre desejo e razão e, seguidamente, esta discussão evolui para a inserção de um terceiro elemento: a parte apaixonada ou impetuosa da alma. Vejamos, pela voz de Sócrates, como esta conclusão ganha forma:

"- Então nos é lícito admitir que se trata de duas coisas diferentes uma da outra, chamando àquilo com que o homem raciocina o princípio racional da alma, e àquilo com que deseja, sente fome ou sede e é perturbada pelos demais apetites, o irracional ou apetitivo, afeiçoado a toda a sorte de prazeres e excessos.

- Sim podemos admiti-lo.

....

---

<sup>53</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p.222.

- Entendeste muito bem o que quis dizer - observei - Há contudo um outro ponto a considerar.

- Qual é?

- Hás-de lembrar-te que a cólera ou impetuosidade nos pareceu a princípio ser uma espécie de desejo; mas agora vemos que está longe de sê-lo, pois no conflito da alma cerra fileiras com a razão.

- Absolutamente certo - disse Gláucon.

- E será ela algo diferente da razão ou uma modalidade desta, de forma que na alma não existam afinal três princípios mas apenas dois, o racional e o apetitivo? Ou então, assim como na cidade eram três as classes que a mantinham - o negociante, o auxiliar e o deliberante - não haverá também um terceiro princípio na alma, o colérico ou impetuoso, auxiliar por natureza do racional, a menos que seja pervertido pela má educação?

- Sim - disse ele - deve forçosamente ser esse terceiro.

- Não há dúvida - volvi - contanto que se nos revele distinto do apetitivo.

....

- Assim, pois, chegamos ao porto depois de muito trabalho e estamos mais ou menos de acordo em que na alma de cada indivíduo existem as mesmas classes que na cidade, e que são em número de três."<sup>54</sup>

Ainda segundo *A República*, cada uma das três partes da alma - a apetitiva, a apaixonada e a racional - têm diferentes funções e relacionam-se diferentemente com o mundo exterior. Platão assume que a porção apetitiva apreende as percepções sensoriais sendo seu objectivo a gratificação sensorial; a parte apaixonada liga-se ao amor da honra, estando a parte racional equipada para conhecer o mais geral e mais abstracto, isto é, a sabedoria.

Qualquer destas três formas pode dominar as outras duas, relacionando-se diferentemente com o mundo real.

Grosso modo, podemos afirmar que na divisão da psique a parte *racional* é estável, adulta, civilizada e tem acesso à realidade, sendo capaz de conhecer o mais geral e o mais abstracto, enquanto que a parte *apetitiva* é tumultuosa, "pensando" na linguagem do desejo e da necessidade mais em imagens e sentimentos do que com palavras; apreendendo as percepções sensoriais, concretas e mortais.

---

<sup>54</sup> - Platão. *A República*. Ibid., pp. 124-126.

São contrastantes os atributos das formas superior e inferior da actividade mental. Vejamo-las:

*Parte superior da mente*

*Parte inferior da mente*

razão	versus	desejo
psíquico	versus	somático
verdadeiro conhecimento	versus	ignorância
harmonia	versus	conflito
sol	versus	sombra
adulcência	versus	infância

Temos, aqui, bem patente o dualismo de Platão. Afirma Russell: "...entre a realidade e a aparência, ideias e objectos sensíveis, razão e percepção pelos sentidos, alma e corpo. Esses pares estão ligados: o primeiro em cada par é superior ao segundo em realidade e bondade."<sup>55</sup> Isto significa que temos a mente em *conflito*. Mas não é suficiente dividir a mente e ficar por aí; as partes vivem todas na mesma "casa" e têm de encontrar um modo de viver em comunhão. O ideal de Platão seria o domínio da região superior sobre a inferior, ou seja, da razão sobre o instinto, mas cada uma delas tem os seus próprios objectivos e características.

Temos assim a mente dividida e em conflito, defrontando-se Platão com um problema conceptual que é a necessidade de um termo energético, isto é, o que é que guia esta máquina que é a mente?

Apesar do seu dualismo, na *República*, Platão leva-nos a pensar que não é bem "ignorância versus conhecimento", porque frequentemente introduz um terceiro elemento com qualidades intermédias. O termo "energic", ou parte apaixonada da alma, surge-nos como uma força que, cerrando fileiras com a razão, cria movimento guiando, assim, a nossa mente.

---

<sup>55</sup> - Bertrand Russel. Ibid., p.156.

*Mas, qual a parte da alma que faz com que o homem queira usar a parte superior da mente?*

No *Fedro*, salienta-se a capacidade motriz da alma no ser vivo. A alma é definida como a única coisa capaz de se mover a si mesma, logo, origem e fonte de todo o movimento. Nos Diálogos, nomeadamente no *Simpósio*, Eros é a força energética para toda a actividade humana, desde a base ao sublime, desde a procriação ao querer perceber as formas da Verdade, do Bem e do Belo. No discurso de Erixímaco é referida a energia de Eros em termos dicotómicos. Energias estas que se harmonizam. Afirma o filósofo "...encontramos estas duas energias igualmente na constituição das estações do ano."<sup>56</sup> Estas energias são, na sua opinião, as responsáveis pela harmonização da natureza.

Eros surge-nos, deste modo, como a força e o desejo de atingirmos a parte superior da mente, e isto porque tendo falta (é filho de Pénia) tem recursos, à semelhança de seu pai, Poros.

*Eros conduz-nos ao desejo e ao amor. Mas qual é a natureza deste amor?*

No discurso de Eros, na parte de Sócrates, existem frases alegóricas que apontam para a natureza intermédia de Eros. Esta não é humana nem divina, nem mental nem somática, nem da parte superior nem da inferior.

Eros é filho de Poros (recursos) e de Pénia (pobreza). Tem, assim, uma natureza intermédia.

*Eros*, tal como no-lo ensina o *Simpósio*, não é bom nem mau. Apenas é mau quando mal orientado, tratando-se de uma porção predominantemente afectiva. No fundo, Platão queria apresentá-lo como um termo energético, que se liga com o desejo de atingir a felicidade. Afirma, referindo-se à felicidade:

"É ela a obreira da amizade entre os deuses e os homens porque só ela sabe o que tende ao respeito dos deuses e à impiedade do amor humano. O poder que Eros possui é múltiplo, imenso, talvez universal, mas é quando ele procura o bem nos caminhos da sabedoria e da justiça, seja em nós, seja nos outros deuses, que Eros manifesta o seu poder e nos oferece a completa felicidade ..."<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> - Platão. *O Simpósio*. Ibid., p. 46.

<sup>57</sup> - Ibid. p. 46.

A propósito de Eros, afirma Agatão, citando Homero:

*"Ele é quem dá a paz aos homens, a calma ao mar  
o silêncio aos ventos o descanso e o sonho às inquietações. "*

### 3.3. A Teoria das Formas

Na cúpula do mundo ideal paira a Ideia de Bem que é origem não do conhecimento mas da essência e da existência dos objectos conhecidos, isto é, das Formas ou Ideias. Estas não são meros pensamentos são antes "entidades cuja existência é pressuposta por todo o nosso conhecimento."<sup>58</sup>

Sobre o Bem, afirma Platão, no livro VI, da *República*:

" ... a isso que comunica a verdade aos objectos de conhecimento e a faculdade de conhecer ao que conhece, desejaria que chamasses ideia do bem, a qual' deves conceber não só como objecto de conhecimento, mas outrossim como causa da ciência e da verdade ... [sendo] acertado considerar que o conhecimento e a verdade são semelhantes ao bem, mas não que sejam o próprio bem; este tem um lugar de honra ainda mais elevado."<sup>59</sup>

Platão assemelha o sol ao Bem porque tal como o sol é a causa da geração, o Bem é a causa do bem e da essência.

A teoria platónica aparece-nos com a marca dos seus precursores. Mas, embora influenciado por estes, Platão não se ateu às suas ideias e foi através da Teoria das Formas que os transcendeu.

Baseado na doutrina de Heraclito que se debruça sobre o escoamento universal das coisas: "Tudo se escoia. Nada permanece. O mesmo homem não se lava duas vezes na água do mesmo rio", Platão conclui que aquilo que é perpetuamente móvel não poderá ser objecto de uma ciência verdadeira. Assim, os seres encontrando-se em perpétuo movimento, logo mutáveis, não permitem o estudo científico; no entanto, estes mesmos seres reproduzem caracteres que são constantes e que se transmitem ao

---

<sup>58</sup> - W. D. Ross. Plato's Theory of Ideas in António Freire, S. J. *O Pensamento de Platão*,  
Ibid., pp 79-80

<sup>59</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p.198

longo das gerações. Para o autor, eles são cópias de modelos universais, imutáveis e eternos a que chamou Formas ou Ideias.

O espírito do platonismo foi sempre uma filosofia no sentido próprio da palavra, uma busca de sabedoria. Assim, embora fiel às ideias do seu mestre, Platão vai mais além e através da sua Teoria das Formas, tenta descrever o conhecimento que deve orientar a conduta humana.

A Teoria das Formas defende que a justiça e outros ideais semelhantes são objectos eternos do pensamento que podem ser conhecidos, possuindo uma validade universal constituindo, deste modo, um mundo comum a todos nós que é, em simultâneo, independente.

Assim, o que conhecemos - Justiça e Beleza - tem de ser independente do mundo em que existimos. Beleza e Justiça existem por si próprias, independentemente de todas as acções e pessoas que possamos encontrar no mundo sensível. Tal é a Teoria das Formas.

Como vimos, anteriormente, o mundo do intelecto distingue-se do mundo dos sentidos, sendo a razão a categoria mais elevada e a que se ocupa das ideias puras. Afirma Bertrand Russell:

"Platão procura explicar a diferença entre a clara visão intelectual e a visão confusa da percepção dos sentidos por meio da analogia do sentido da vista ... o mundo das ideias é o que vemos quando o objecto é iluminado pelo sol, enquanto que o mundo das coisas passageiras é um confuso mundo crepuscular."<sup>60</sup>

Segundo Russel, esta teoria é em parte lógica e em parte metafísica. A parte lógica diz respeito ao significado das palavras gerais, enquanto que a parte metafísica nos reenvia para uma noção de ideal. A parte lógica envia-nos, por exemplo, para a noção de cama enquanto que a parte metafísica envia-nos para a noção de uma cama ideal. Mas, ouçamos, Platão: "Quanto a Deus, seja por vontade sua, seja por necessidade, não fez mais que uma cama na natureza, a cama em essência..."<sup>61</sup>.

Assim, sempre que existe um objecto, ser, ou valor comum, existe somente uma "Ideia" ou "Forma" desse objecto que, por sua vez, dá origem a todas as cópias, e,

---

<sup>60</sup> - Bertrand Russel. *Ibid.*, p.145.

<sup>61</sup> - Platão. *A República*. *Ibid.*, p.291.

"Desta única cama, feita por Deus, pode haver *conhecimento*, mas, com respeito às muitas camas feitas por carpinteiros pode haver apenas *opinião*."<sup>62</sup>

Do modo como Platão se refere às Formas ou Ideias, podemos concluir que lhes atribui uma realidade que não é apenas conceptual. Segundo António Freire: "...as Ideias são o que há de mais verdadeiro e real. Platão chega a outorgar-lhes mais realidade existente do que aos próprios objectos sensíveis."<sup>63</sup>

Segundo G. C. Field<sup>64</sup>, Platão parece ter sentido alguma dificuldade em denominar a relação existente entre objecto sensível e Ideia. Umás vezes fala de «aproximação» outras de «imitação»; mais frequentemente fala da «presença» da Forma ou da «participação» da mesma.

No entanto, a ideia que aparece mais frequentemente é a de que a alma do homem participa da ideia, o que lhe confere eternidade. Ouçamos Sócrates: "Parece-me que se existe alguma coisa de belo fora da beleza em si mesma, tal coisa só é bela porque participa dessa beleza em si mesma. E digo o mesmo de tudo o mais."<sup>65</sup>

É nas Ideias que Platão irá basear o conhecimento científico. Sem elas o conhecimento seria impossível. A propósito, afirma Cornford: "Não se pode recusar a um sistema assim constituído por objectos eternos e verdades necessárias o nome de conhecimento."<sup>66</sup>

### 3.4. Considerações sobre a ciência

O mundo tal como nos surge, com tudo o que aparenta, não pode ser objecto da ciência. Platão preocupa-se em definir claramente o conceito de ciência e mostrar como este pode, ou não, ser absoluto. Afirma:

" ... quando a palavra ciência já não é usada em sentido absoluto, mas tem um objecto determinado [Platão dá-nos como exemplo a ciência da medicina] ... a própria ciência fica determinada, motivo pela qual já não lhe chamamos simplesmente ciência mas ciência de qualquer coisa."<sup>67</sup>

<sup>62</sup> - Bertrand Russel. *Ibid.*, p.142.

<sup>63</sup> - António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. *Ibid.*, p. 66.

<sup>64</sup> - G. C. Field. *The Philosophy of Plato in António Freire, S.J. O Pensamento de Platão*. *Ibid.*, p. 71.

<sup>65</sup> - Platão. *Fédon*. Mem-Martins: Publicações Europa-América., 2ª. edição. 1975. p.143.

<sup>66</sup> - F.M. Cornford. *Ibid.*, p.77.

<sup>67</sup> - Platão. *A República*. *Ibid.*, p.123.

A fim de ultrapassar estes problemas, Platão optou pela "criação" de um outro mundo, conforme às leis do pensamento. Como vimos, concebeu uma realidade a duas dimensões: um mundo sensível e um mundo inteligível. O mundo sensível funciona como um receptáculo para todas as coisas, enquanto que o mundo inteligível é um sistema harmonioso dos seres e dos princípios que se encontram caoticamente misturados no mundo sensível.

Os filósofos anteriores não se aperceberam de que o mundo sensível continha elementos inteligíveis. Os sofistas tendo-se apercebido disso, concluíram que não era possível fazer desta amálgama objecto de ciência, mas Platão valorizando as faculdades do homem "... tenta reduzir o mundo sensível, governado pela lei do devir, a um mundo inteligível governado pela lei do ser."<sup>68</sup>

Platão considera a importância do espírito no conhecimento. Na ciência, o espírito é activo. Lembremo-nos da alma com capacidade motriz e de Eros enquanto elemento intermédio entre a ignorância e a sabedoria, aspirando a esta. Porque se Eros é filho de Pénia (falta, pobreza) é igualmente filho de Poros (recurso).

Se existem objectos que conhecemos através dos sentidos, outros existem que só a alma, por ela própria, conhece. Há, assim, um domínio próprio da alma, no qual ela pode ver e conhecer.

É aqui que se elabora a ciência.

Tentando através de um raciocínio de eliminação a compreensão do que é a ciência, Platão defende que esta é definida ontologicamente pela natureza do ser, que escapa às operações inferiores.

Para o autor, o objecto da ciência deve:

- comportar uma ciência válida para todos, e,
- deve apresentar um carácter de estabilidade para que possa ser conhecível.

Esta estabilidade é o fundamento da universalidade da ciência.

Na *República*, pergunta Sócrates:

- "- E a essência do que sempre muda terá mais realidade do que a ciência?
- De modo algum."<sup>69</sup> [Responde Gláucon].

<sup>68</sup> - Emile Boutroux. (1990). *Leçons sur Platon*. Paris: SEUIL p. 31.

<sup>69</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p.160.

Para além destas características, a ciência deve repousar sobre uma distinção entre verdadeiro e falso. O erro mistura as ideias de forma casual, mas, quando se unem as essências, utilizando como critério o seu parentesco, obtem-se, então, a verdade.

Platão mostra-nos a importância da distinção entre opinião e intelecto, demonstrando que as duas coisas se adquirem diferentemente. Ouçamos Emile Boutroux:

"Ora, devemos afirmar que intelecto e opinião são coisas distintas porque têm origens distintas e se comportam de modos diferentes. A primeira, a intelecção, nasce em nós pela acção do ensino científico; persuade-nos a segunda, a opinião. A primeira acompanha-se sempre de uma demonstração verdadeira, a segunda não comporta demonstração. Uma é inabalável pela persuasão, a outra pode ser modificada por esta. Deve dizer-se ainda que na "opinião" todo o homem participa e que na intelecção ao contrário, os deuses tomam parte mas os homens apenas numa pequena categoria." <sup>70</sup>

Os elementos estáveis das coisas são, segundo Platão, a essência. No *Fédon*, fala-nos da essência que não é tangível mas que é verdadeira e que apenas pode ser contemplada pelo piloto da alma - o intelecto - que constitui o património do verdadeiro ser, e na *República*, Livro VI, afirma que o Bem é a causa do ser e da essência.

Em resumo, a teoria platónica da ciência repousa na distinção entre "doxa" e "épistème", sendo esta última uma operação própria do espírito, através da qual este se eleva acima dos julgamentos individuais e se estabelece na esfera do imutável percebendo, assim, as essências estáveis e unas.

Chegamos, assim, à teoria das Ideias. "A ciência é a medida do Ser"<sup>71</sup> e na *República* torna-se claro que a ciência tem por objecto o "ser", enquanto que a ignorância tem por objecto o "não-ser" e entre uma e outra encontramos a opinião.

Ouçamos o diálogo entre Sócrates e Gláucon:

" - E o que se acha entre essas duas coisas não é o que chamamos opinião?

---

<sup>70</sup> - Emile Boutroux. *Ibid.*, pp. 32-33.

<sup>71</sup> - Abel Jeannièrre. (1994). *Platon*. *Ibid.*, p. 34.

- Sim é.

- Resta-nos, pois, investigar qual seja esse objecto que participa igualmente da natureza do ser e do não-ser, e que não se pode designar apropriadamente como um nem como o outro. A esse termo desconhecido, quando o descobirmos, chamaremos com toda a razão o opinável e o referiremos à faculdade que lhe corresponde - os extremos à faculdade dos extremos e o intermédio à faculdade do intermediário.

[E conclui:]

- Assim, portanto, a opinião tem por objecto uma coisa, a ciência outra, cada uma conforme a sua própria faculdade."<sup>72</sup>

Platão distingue "ser" de "não-ser" e proclama a superioridade do "epistème" a partir do ser. A "doxa", ou opinião, aplica-se à mistura do "ser" com o "não-ser", sendo a faculdade de julgar acerca da aparência.

Para este pensador, o objecto da ciência é o ser. Algo que é um todo ideal e que pré-existe às partes.

Objecto da ciência que se basta a si próprio.

Algo que nos é dado ao intelecto através da contemplação.

### 3.5. Sobre a verdade e a mentira

Como vimos, as Formas ou Ideias constituem os verdadeiros objectos do conhecimento, sendo a Justiça e outros ideais, entre os quais se situa a Verdade, objectos eternos do pensamento que podem ser conhecidos e possuidores de validade universal e incondicional.

Platão propõe-nos a possibilidade do conhecimento e a existência de valores absolutos.

As questões da verdade e da mentira ocuparam um importante lugar na *República*. Para Platão, a verdadeira mentira assemelha-se à ignorância e define-a da seguinte maneira:

" ... podemos chamar verdadeira mentira a essa ignorância que existe na alma do enganado; porque a mentira expressa por meio de palavras nada mais é que um

---

<sup>72</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 166.

reflexo da situação da alma e uma imagem que daí se origina, nunca é uma mentira absolutamente pura."<sup>73</sup>

Na sua perspectiva, a verdadeira mentira não é a mentira formulada por palavras, mas sim a que existe na alma do ignorante, uma vez que as palavras são apenas o reflexo dessa ignorância.

Continuando a aprofundar as questões da verdade e da mentira, debruça-se sobre os mitos<sup>74</sup>. No Livro II de *A República*, pela voz de Sócrates, encara-os como mentiras. Ouçamo-lo:

"Aquilo que é sobre todas as coisas, a mais digna de censura, isto é, a mentira; especialmente quando se trata de uma má mentira.

- Que mentira é essa? [pergunta Adimanto].

- O oferecer com palavras, uma imagem falsa da natureza dos deuses e dos homens, como um pintor cujo retrato não apresentasse semelhança com o modelo.

- Sim - disse ele - tal comportamento merece censura. Mas especifica quais são as histórias a que te referes?

- Em primeiro lugar - respondi - não agiu bem quem inventou a maior das mentiras que se narra a respeito dos mais veneráveis seres ..."<sup>75</sup>

Sócrates explana-se sobre os perigos destas histórias, uma vez que, a seu ver, os meninos não entendem as interpretações alegóricas e estas são perigosas. Mas, continuemos a seguir as suas reflexões:

" - Nem tampouco se deve dizer uma palavra sobre as guerras no céu, as lutas e as ciladas que os deuses armam uns aos outros - o que aliás não é verdade - ... Pelo contrário, se há meio de persuadi-los de que jamais houve cidadão algum que se tivesse inimizado com outro e de que é crime fazer tal coisa, esse, e não outro, é o género de histórias que anciãos e anciãs deverão contar-lhes desde o berço."<sup>76</sup>

Destas reflexões, ficamos com a ideia de que Platão se preocupa que os deuses não surjam como exemplos de guerra e de injustiça mas que sejam representados como bons, pois desta forma serão causas do bem. Considera que os homens deturpam as

<sup>73</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 61.

<sup>74</sup> - Desenvolveremos o tema no Capítulo IV.6, desta Dissertação.

<sup>75</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 50.

<sup>76</sup> - Platão. *A República*. Ibid., pp. 55-56.

lendas e que tal facto é uma blasfémia uma vez que os deuses, eles mesmos, odeiam a mentira. Por outro lado, encontra-se aqui exemplificada, como em muitas outras partes da sua obra, a sua profunda preocupação com a educação dos jovens.

E continua:

"Assim também nas lendas mitológicas em que por ignorarmos a verdade a respeito dos tempos antigos, fazemos a mentira o mais parecida possível com ela."<sup>77</sup>

Por ignorância da verdade, fazemos a mentira o mais parecida com ela. Desta forma, Platão associa mentira a ignorância.

Ao falar-nos da verdade, apresenta-a como algo de ideal a que não acedemos em virtude da nossa ignorância.

Quanto à origem da verdade, Platão situa-a na ideia do bem. A propósito afirma, no Livro VI da *República*:

"A última coisa que se percebe é a ideia do bem e isso com grande esforço; mas uma vez percebida, forçoso é concluir que ela é a causa de todas as coisas rectas e belas, geradora da luz e do senhor da luz no mundo visível e fonte imediata de verdade e do conhecimento no mundo inteligível."<sup>78</sup>

Temos vindo a reflectir sobre a verdade e a mentira. Debrucemo-nos, agora, sobre o conhecimento.

### **3.6. Sobre o conhecimento**

Como vimos, as Formas ou Ideias constituem os verdadeiros objectos do conhecimento. Deste modo, Platão propõe-nos a possibilidade do conhecimento e a existência de valores absolutos.

O verdadeiro conhecimento não consiste nas sensações sendo antes a capacidade de distinguir entre a unidade e a pluralidade, entre a Ideia e os objectos que dela participam.

---

<sup>77</sup> - Ibid., p. 65.

<sup>78</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 198.

*Mas quais são os meios de que o homem dispõe para adquirir o conhecimento?*

A alma humana é análoga à alma do mundo participando da ideia e possuindo carácter eterno. Logo, a alma tem uma vida anterior que lhe permitiu receber/perceber as ideias directamente. Se esta vida anterior não tivesse ocorrido a aprendizagem, tal como Platão a concebe, não seria viável.

Aprender/conhecer é, pois, procurar, encontrar e reconhecer como verdadeiras certas ideias.

A capacidade motriz da alma fornece condições que lhe permitem procurar o Bem, o Belo e o Verdadeiro. Por outro lado, a alma, através da Teoria da Reminiscência, já observou um estado de harmonia que não se cansa de procurar.

A alma, animada por Eros, procura os conhecimentos que já contemplou e, " ... pelo amor que lhe inspiraram estes objectos superiores, ela afasta-se cada vez mais do mundo sensível e entra cada vez mais no mundo inteligível onde viveu anteriormente."<sup>79</sup>

No conhecimento Platão considera que existem quatro degraus:

- a *eikasia* (conjectura). Trata-se do conhecimento vulgar, ligado às sensações, próprio dos espíritos ordinários.

- Segue-se a *pistis* (crença). Este segundo grau de conhecimento corresponde à retórica; trata-se da opinião correcta.

- Em terceiro lugar, encontramos a *dianoia*, passo discursivo do pensamento que embora vá de uma ideia à outra, jamais agarra a ideia absoluta. Embora produza uma opinião correcta não é o *logos* absoluto. É uma razão que permanece provisória e relativa. As matemáticas encontram-se neste grau de conhecimento.

- Finalmente, no cume, temos o *noûs* cuja obra é a "épistème" propriamente dita.

Na *República*, Platão fala-nos do conhecimento, da ignorância e de um termo intermédio - a opinião -. A opinião é um termo entre o ser e o não-ser.

A diferença essencial entre "opinião" e "saber" reside no facto da primeira errar enquanto que o segundo se apresenta como infalível. Mas, a "opinião" difere igualmente da "ignorância", residindo esta diferença, basicamente, na inexistência de objecto, no caso da ignorância.

---

<sup>79</sup> - Emile Boutroux. (1990). *Leçons sur Platon*. Paris: Editions Universitaires. p. 80

Afirma no Livro V, de *A Republica*: " - Indubitavelmente o saber é uma faculdade e a mais poderosa de todas."<sup>80</sup>, enquanto que a opinião não se encontra fora ou além do conhecimento e da ignorância, mas entre as duas, ou seja: "a opinião é algo mais obscuro que o conhecimento, porém mais luminoso que a ignorância."<sup>81</sup>

Logo, a "opinião" encontra-se numa zona intermédia, situada entre a ignorância e o conhecimento.

Para Platão, o conhecimento faz parte da natureza essencial da alma. O conhecimento que a alma possui existe porque esta contemplou as formas do Bem e do Belo, e é este conhecimento latente que nos permite, através do percurso dialéctico, aproximarmo-nos da verdade.

Mas, conhecimento e dialéctica apenas são possíveis porque Platão defende uma Forma ou Ideia dos seres; Forma sempre imutável.

*Mas, como podemos aceder à Forma?*

São duas as vias que nos permitem aceder à Forma: a intuição e o conhecimento científico: Mania e Dialéctica<sup>82</sup>.

A experiência intuitiva - Mania - (μανια) corresponde ao contacto íntimo da alma, separada do corpo, com as Formas, sobretudo com o Ideia de Bem, enquanto que a via da Dialéctica é o caminho próprio para a alma unida ao corpo.

Mas, a forma suprema do conhecimento platónico é a contemplação (θεωρια).<sup>83</sup> Já Anaxágoras, sendo interrogado porque motivo viera ao mundo, dera a seguinte resposta: "para a contemplação do sol, da lua e do céu."<sup>84</sup>

Deste modo, para Platão, conhecer é recordar e, logicamente, ensinar é fazer recordar, sendo o caminho a percorrer a Dialéctica.

### 3.7. A dialéctica

Sócrates procurava chegar à verdade e à ciência através de um processo de diálogo, o seu famoso interrogatório: a maiêutica.

<sup>80</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 165.

<sup>81</sup> - Ibid., p. 166.

<sup>82</sup> - António Freire. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p.72.

<sup>83</sup> - Este vocábulo significa igualmente viagem.

<sup>84</sup> - Diógenes Laércio, II, 10. in António Freire. *O Pensamento de Platão*. Ibid. pp. 72-73.

*Como é que este se processava?*

Inicialmente o filósofo, com modéstia, pedia ao seu interlocutor que formulasse uma definição. De seguida, esta era submetida a um exame cerrado, subtil e exaustivo, acabando, normalmente, o formulador por sucumbir dada a sua dificuldade em defender a definição formulada. De tentativa em tentativa, de demolição em demolição, a tese ruía para desânimo e, muitas vezes, queda da reputação do seu autor. Sócrates convencia, deste modo, os seus interlocutores de que não possuíam ainda a sabedoria que pensavam possuir.

Mas, não bastava demolir, era necessário edificar. Convencido de que, através da intuição, o homem poderia dar à luz belos pensamentos, Sócrates assumia junto dos espíritos destas pessoas a sua missão de parteira ajudando a nascer os pensamentos, ou seja, ajudando a extrair os conhecimentos que a pessoa possui e que não consegue transmitir.

Muitos dos que se abeiravam dele, num estado de ignorância, obtiveram por este método progressos espantosos. No *Ménon*, refere Platão um caso no qual Sócrates arranca de um escravo conhecimentos que revelavam, na opinião do filósofo, a existência de uma vida anterior na qual este escravo os adquirira, dado que o seu estado actual de escravo não lhe permitia possuí-los.

Estamos perante a ideia de uma vida anterior à união da alma com o corpo.

Com este método - a maiêutica - Sócrates abriu caminho à Dialéctica. Este, é o método possível para a alma se aproximar do Mundo das Ideias quando se encontra unida ao corpo.

Na sua aproximação ao Mundo das Formas, a dialéctica faz movimentos de ascensão percorrendo o conhecimento sensitivo, o conhecimento discursivo e, finalmente, o conhecimento intelectual quando já perto da contemplação. Platão fundamentava a verdade e a ciência na contemplação das Formas, donde imana a parcela de verdade participada pelos objectos sensíveis e era através destes que começava a elevação à contemplação das Ideias.

*Afirma, na República:*

"- Há uma perfeição que todo o conhecimento deve atingir e à qual terão de chegar os nossos pupilos, sem ficar a meio caminho ...

....

- Então o método dialéctico é o único que se encaminha directamente ao primeiro princípio, desfazendo-se das hipóteses para poder pisar em terreno firme; e ao olho da alma, que está literalmente sumido num grosseiro lodaçal, atrai ele suavemente e eleva-o às alturas ..."<sup>85</sup>.

A Dialéctica é assim o meio através do qual o espírito pode atingir as alturas. Mas a dialéctica só é possível com a ajuda da razão e sem qualquer intervenção dos sentidos, só podendo a sua natureza ser revelada aos que estudaram as ciências preliminares. Para além desta condição, são ainda exigidos dotes naturais ao dialéctico: ser jovem, bem nascido e amante do estudo e da aprendizagem.

Platão defende a necessidade de que o verdadeiro amante do saber aspire, desde a sua juventude, à verdade acerca de todas as coisas.

A dialéctica é, assim, o uso que o homem deve fazer das suas faculdades para atingir a ciência.

---

<sup>85</sup> - Platão. *A República*. Ibid. pp. 222-223.

#### 4. CONCLUSÕES SOBRE PLATÃO

A exposição que temos vindo a fazer do que considerámos como mais importante, na Teoria de Platão, resume-se aos seguintes pontos:

1. A sua concepção de uma realidade composta por um mundo inteligível e um mundo sensível que, conseqüentemente, conduz a dois tipos de conhecimento: o verdadeiro e o ilusório.

2. A definição e caracterização que Platão faz da psique. Verificámos que a vê dividida entre uma parte racional, uma apetitiva e uma porção apaixonada. Cada uma destas três partes da alma apresenta diferentes funções e diferentes modos de se relacionar com o exterior.

O ideal de Platão seria o domínio da parte racional sobre a parte do desejo.

3. A capacidade motriz da alma e sobretudo Eros, enquanto força intermediária entre a ignorância e a sabedoria, ajudam-nos a compreender o que faz com que o homem queira procurar a verdade.

4. A Teoria das Formas na qual o autor defende que a Justiça e outros ideais são objectos eternos do pensamento, possuindo validade universal e constituindo, deste modo, um mundo comum a todos nós mas que é, simultaneamente, independente.

5. Seguem-se algumas considerações acerca da ciência. Estas supõem uma explicação última, sendo uma operação completamente intelectual, própria do espírito, logo, fora do alcance dos nossos sentidos.

6. As questões da verdade e da mentira foram, igualmente, objecto de estudo e salientámos o carácter eterno e a validade universal da Verdade. Quanto à mentira, os mitos surgem, na obra de Platão, como exemplos desta.

7. Platão tece uma verdadeira teoria sobre o conhecimento, baseando-se na sua Teoria das Formas. Tentámos a compreensão de como o homem acede ao

conhecimento, destacando a capacidade motriz da alma e o facto desta já ter contemplado um mundo harmonioso que procura realçar.

Concluimos, com Platão, que conhecer é recordar.

8. Finalmente, verificámos que o processo pelo qual recordamos, e procuramos aceder à Verdade, é a Dialéctica. Platão dedica-lhe particular atenção, considerando que esta só é possível com a ajuda da razão e sem qualquer intervenção dos sentidos.

Terminámos?

Não terminámos? Certamente muito mais haveria a dizer e a aprofundar.

Fiquemos, por enquanto, por aqui.

Retomaremos Platão nas "Aproximações", quarto capítulo desta Dissertação. Tentaremos então, nessa segunda oportunidade, completar ideias e preencher espaços que certamente ficaram em aberto.

*Uma retrospectiva.....*

*Quando viajamos começamos por sentir a necessidade de "chão" por debaixo dos pés. É o mais parecido com a familiar solidez terrena.*

*Quando a nossa viagem é atravessar um oceano tornam-se necessários barco, os remos, a bússola, as velas e o sonho. Parti munida apenas de sonho e de interrogações.*

*Num primeiro tempo, imaginei o meu percurso.*

*Percorrendo esse trajecto, encontraria o lugar das sucessivas aproximações ao ponto "0". Trata-se de um ponto de referência, ponto ideal e de impossível acesso, enquanto que as "Aproximações", capítulo IV deste trabalho e que defini à partida, são os aspectos comuns aos dois autores, Platão e Bion.*

*Debrucei-me sobre uma coordenada - Platão, e extrai as ideias que se me afiguraram como basilares à construção do meu barco. É um barco feito de reflexão e de tentativa de compreensão.*

*Quando navegar é preciso .....*

*Não começamos nenhum dia  
no sítio onde acabámos o outro  
e nenhum amanhecer nos encontra  
no sítio onde nos deixou o pôr do sol."*

**Khalil Gibran**

*Se o pôr do sol me deixou em Platão, o amanhecer anuncia-me Bion e se aquilo em que um homem acredita acaba por ser a sua realidade, eu, sem bússola e sem barco, acredito situar-me algures num ponto, rumo a "0". Chamo a este eixo, ou "lugar geométrico", Bion.*

*A partir deste dia, seguirei rumo a este, no meio da neblina, acreditando que algures encontrarei ar puro e azul e ondas tranquilas batidas pelo sol. Uma imagem ou mapa mental ganha forma dentro de mim. É a imagem de que em dado ponto, os meus trajectos se estreitarão formando duas margens, formando talvez um rio, no qual navegarei e construirei pontes. Pontes que ligarão passado e presente. Filosofia e Psicanálise.*

*Miragem que emerge!*

### III . BION

#### I. O HOMEM

##### 1.1. Suas origens

Wilfred Ruprecht Bion nasceu na Índia, em Muttra, província do Panjâb, no dia 8 de Setembro de 1897.

A divisa da família, "Sem Deus, nada tem significado", assinala o seu forte sentido de religiosidade. Descendendo de antigos huguenotes, que se instalaram na Inglaterra e serviram na Índia onde desempenharam diferentes cargos, estes traçaram o destino de Wilfred Bion tornando-o num anglo-indiano.

A província onde nasceu, irrigada por cinco rios, só fora anexada à colónia inglesa em 1849, ficando situada a noroeste do subcontinente indiano. Apesar do fenómeno das monções ser comum em toda a Índia, o facto de não chover regularmente no Panjâb tornou necessária a realização de grandes trabalhos de irrigação para que esta província se transformasse num grande produtor de milho. O pai de Bion, enquanto engenheiro, ficará ligado a este plano de irrigação.

Na colonização inglesa, costumam distinguir-se dois períodos: o imperialista (1858-1905) e o das reformas (1905-1937). Bion viveu no final do imperialismo, quando era Vice-rei Lorde Curzon, encontrando-se a Índia no seu apogeu: paz, prosperidade e prestígio fazem parte do espírito da época.

##### 1.1.1. A infância

*"...quando as minhas palavras  
são ondas  
de uma memória selada  
que conserva gravados  
os meus ontens"*

*Khalil Gibran*

Apesar da sua infância só aparecer através da memória do adulto, ficamos a saber que viveu com os seus pais e irmã. O pai desempenhou um papel nada negligenciável devotando-se intensamente à vida do seu País. A mãe, dedicada à vida doméstica, é descrita como possuindo um humor instável.

Com sua irmã, Edna, nascida pouco depois de Bion, as relações não eram pacíficas. "Wilfred, no fundo, considerava a sua irmã uma cadela (bitch). Parece ter tido um prazer maligno em atacar animais selvagens, pois na sua cabeça a irmã era a personificação destes últimos"<sup>86</sup>. Esta atitude produzia-lhe sentimentos de culpa e necessidade da punição paterna.

O jovem Bion parece ter vivido num mundo sem meio-termo em que os contrastes eram marcados, quer relativamente ao meio circundante: luz intensa, escuridão intensa, quer relativamente às vivências: quanto mais procurava a aprovação e admiração paternas, menos conseguia.

A sua curiosidade despertou cedo e as perguntas sucediam-se "estragando" as leituras familiares. Com o pai, possuidor dum carácter forte, desejou rivalizar e igualar-se. Relativamente à mãe, embora a considerasse um pouco assustadora, sentia a autenticidade do seu amor.

Bion sabia que não era corajoso, pelo menos "... não tão valente quanto o valoroso caçador de feras que se casara com a minha mãe."<sup>87</sup> escreve. Esta ideia irá persistir dentro de si e, setenta anos depois, considera que fôra sempre um "maricas".

Neste ambiente que podemos recriar: "sol ardente, o céu muito azul, a monção generosa, o silêncio esmagador da sesta ... as grandes árvores de folhas penduradas"<sup>88</sup>, a imaginação do pequeno Bion dispara e baseado na oração "Pai Nosso" cria, para si próprio, um interlocutor que se manifesta nos seus pensamentos e sonhos: o "Arf Arfer", (semi-onomatopeia retirada do "Our Father").

Aos quatro anos, com o início da escolaridade, inicia os contactos com meninos da sua idade, tendo então um maior número de oportunidades para explorar o meio. Consequentemente, a sua imaginação torna-se mais fértil e do "Arf Arfer", passa aos tigres selvagens que observa quando vai caçar com o pai; destes passa à excitação provocada pela observação de jogos eróticos entre duas colegas e, finalmente, descobre a masturbação que acabará por ser fonte de culpabilidade.

---

<sup>86</sup> - Gérard Bléandonu. (1993). *Bion a vida e a obra*. Rio de Janeiro: Imago Ed., p.20

<sup>87</sup> - W.R.Bion in Gérald Bléandonu. *Ibid.*, p. 22

<sup>88</sup> - W.R.Bion in Gérald Bléandonu. *Ibid.*, p. 22

Mas se a imaginação tem oportunidade para se expandir, ganha, não sem dor, consciência de que o seu futuro académico terá continuidade na Inglaterra, como era tradição para os filhos dos altos funcionários britânicos.

### 1.1.2. O estudante exilado

*"longos foram os dias de amargura  
que passei dentro dos muros  
longas foram as noites de infinita solidão  
e quem poderá separar-se da sua solidão infinita?"*

*Khalil Gibran*

Aos oito anos ocorre a sua separação da família e a viagem para a Grã-Bretanha. A propósito desta experiência, escreve Bléandonu: "Sem dúvida alguma foi uma experiência extremamente dolorosa que o marcou para sempre"<sup>89</sup>.

Após a longa viagem, Wilfred Bion é colocado numa escola particular, vivência que a sua pena de ancião descreve, frequentemente, como horrenda e tenebrosa.

A tristeza e a saudade são imensas, sendo o único momento de alívio o do serviço religioso.

A masturbação bem como a culpabilidade são suas companheiras e adquire a convicção de ter pecado gravemente, dado que o castigo assume a forma da sua expulsão da Índia.

Aos doze anos, entra no grupo dos "crescidos" e utilizando uma brincadeira de trem dos tempos mais infantis, inovadora para os seus colegas, acaba por fazer sucesso e sentir-se "quase célebre e amado". Trata-se de um sentimento fugaz mas que permanecerá na sua memória. Durante a adolescência, a amizade de dois companheiros de escola, bem como o afecto, conforto material e simpatia que as famílias destes lhe proporcionam, contribuem certamente para o seu amadurecimento, ajudando-o a esquecer a nostalgia do lar.

Enquanto interno no colégio Bishop's Stortford, recebe uma educação conformista e uma disciplina rígida.

No início da adolescência, ingressa na escola principal e é escolhido como "fag", espécie de aluno menor que está ao serviço de um aluno maior, mas a falta de jeito para as tarefas vai ser responsável pela sua demissão, facto que o deixa aparentemente

---

<sup>89</sup> - Gérald Bléandonu. Ibid., p. 23.

muito satisfeito. Afirma: "... para meu grande alívio, fui "cortado" e voltei ao anonimato da sala comum. *Eu não era bom* - um fracasso pelo qual fiquei profundamente grato."<sup>90</sup> Felicita-se, assim, pelo anonimato escolar, mas o termo "cortado" dá-nos indicação, segundo Bléandonu, de que o seu amor próprio ficara ferido. Trata-se, segundo este autor, do mesmo verbo que utilizará quando relata os seus "fracassos" militares, durante a guerra.

Esta escola encontrava-se, na opinião de Bion, "à frente do seu tempo" cuidando da sexualidade de uma maneira branda e ajustada. A religião ocupava um lugar importante mas, embora passando por períodos de crença, passou a odiá-la porque a considerava ineficaz e porque esta "obstava aos prazeres sexuais".

A prática desportiva é fortemente valorizada nas "public schools" e através desta irá destacar-se dado que, para ele, a actividade física funciona como descarga para a actividade sexual. Através do desporto, conquista a consideração dos outros e promove o aumento da sua auto-estima, enquanto que a constatação de que a masturbação não tinha provocado qualquer degenerescência no seu sistema nervoso, o deixa tranquilizado.

Aos dezassete anos, dado o êxito obtido, alimenta a esperança de se tornar num desportista internacional ligado à Universidade de Oxford ou de Cambridge, mas algumas dificuldades económicas dos pais e a impossibilidade de ganhar uma bolsa, levam-no a oferecer-se como voluntário para a guerra que, entretanto, estalara.

### 1.1.3. O soldado

O facto de ter sido recusado para a guerra, deixa-o profundamente magoado. Alia-se a este facto a incompreensão do pai pela não incorporação, tornando-se o ambiente entre eles bastante hostil. Nesta altura, Bion define-se a si mesmo como "rígido, tímido, taciturno e detestável".<sup>91</sup>

No entanto, graças a um conhecimento, consegue entrar nas Forças Armadas onde inicia uma nova etapa da sua vida.

A atmosfera de guerra vai-se adensando e entra para o Quinto Batalhão de Blindados, onde sente que terminara o amadorismo encontrado desde a sua incorporação.

---

<sup>90</sup> - W.R.Bion in Gérard Bléandonu. Ibid., p. 30.

<sup>91</sup> - W.R.Bion in Bléandonu. Ibid., p. 33

Na frente, o medo da cobardia obceca-o e o sentimento de que morreria rapidamente acompanha-o.

Ao longo da sua vida militar ...

"... submetido a uma insuportável tensão que parecia levá-lo mais à morte que à vida, Bion tinha instintivamente consolidado os laços de camaradagem com o seu agrupamento e de amizade com o grupo de oficiais. Mas como suportar a visão do rompimento constante destes laços tendo que renová-los continuamente?"<sup>92</sup>

Para suportar este sentimento de permanente instabilidade, agarra-se às raras amizades que a providência lhe vai permitindo manter. De entre estas, encontra-se um amigo que regressa, "sombra da sua sombra", com uma neurose de guerra, facto que faz ressurgir uma velha angústia que o acompanhava desde os tempos de escola - o medo de perder a razão.

Durante a guerra o seu desempenho é brilhante e Bion é condecorado com a Military Cross e o seu nome indicado para receber a Victória Cross. Em 1918, é condecorado com a D.S.O. (Distinguished Service Order) uma das condecorações mais prestigiadas, tendo sido o mais jovem oficial a ser homenageado. Apesar destas condecorações, irá interrogar-se sempre acerca do seu merecimento.

A mãe é a pessoa que mais de perto acompanha o seu percurso e que Bion mais deseja junto de si. Escreve, a propósito da impossibilidade da sua mãe assistir à entrega desta última condecoração, realizada no Palácio de Buckingham: "Era vergonhoso que não lhe tivessem permitido entrar para ver e partilhar do glorioso momento, que na verdade era mais dela do que meu"<sup>93</sup>.

A esta condecoração veio juntar-se, ainda, a Legião de Honra, atribuída pelo governo francês.

Segundo Bléandonu, a solidão, o medo e o isolamento que o acompanharam durante a infância, continuam a acompanhá-lo ao longo desta guerra reencontrando, em plena luz do dia, os pesadelos da sua infância. Mas, para além disto, a vivência da guerra irá afectá-lo profundamente durante toda a sua vida.

Foram estas experiências vivas que, juntamente com o seu talento psicanalítico, lhe permitem reflectir sobre o "terror sem nome" e enunciar as relações pensamento e

---

<sup>92</sup> - Gérald Bléandonu. Ibid., p. 38

<sup>93</sup> - W.R.Bion in Bléandonu. Ibid., p. 38

acção, sobre as quais nos debruçaremos, mais adiante. É ainda o contacto com a mentira, na forma de informações falsas e mentiras piedosas, entre outras formas de fugir à verdade, que o levam a procurar a verdade.

O seu mundo interno está assim, neste final de guerra, completamente invadido por fantasmas e Bion compreende através da sua vivência e pela observação que faz dos outros "... que os homens tentam a qualquer preço manter longe de si «o mundo negro dos pensamentos.»".<sup>94</sup>

## 1.2. O homem à procura do seu destino

*"Filhos da minha mãe antiga  
cavaleiros das ondas  
quantas vezes navegastes nos meus sonhos!  
e agora chegais ao meu despertar,  
que é o meu sonho mais profundo."*

*Khalil Gibran*

No dia seguinte à desmobilização, vai inscrever-se na Universidade de Oxford onde é facilmente aceite. O seu interesse por História e Literatura levam-no a escolher o curso de História. Estuda História Moderna no "The Queen's College", tendo o desporto continuado a acompanhá-lo. Termina a sua licenciatura em 1921.

Sofre, no entanto, de solidão. Solidão antiga, solidão provocada pelos complexos de inferioridade, dado que os colegas vinham de famosas escolas, e solidão provocada pelo sentimento de estar deslocado. Agora, tal como anteriormente, os pesadelos de guerra e o receio de enlouquecer continuam a atormentá-lo. Escreve Bion:

"Eu não me dera conta que o tempo de paz não era para mim. Mas sabia, perfeitamente, apesar das várias medalhas que eu tinha colocado em meu uniforme de guerreiro, que o tempo de guerra também não o era. Eu tinha vinte e quatro anos: incapaz para a guerra, incapaz para a paz e muito velho para mudar."<sup>95</sup>

<sup>94</sup> - W.R.Bion in Gérard Bléandonu. Ibid., p. 43

<sup>95</sup> - W.R.Bion in Gérard Bléandonu. Ibid., p. 43

Durante o seu percurso académico, conhece Paton, professor de Filosofia, que o leva a interessar-se pela obra de Kant, tendo ambos um profundo impacto na epistemologia psicanalítica que ele irá propor aos cinquenta anos, aproximadamente.

Posteriormente, vamos encontrá-lo na Universidade de Poitiers, completando o seu conhecimento de literatura francesa. Regressa a Inglaterra e vai leccionar para o seu antigo colégio - Bishop's Stortford - onde inicia a carreira de professor que vem a terminar com uma acusação de assédio sexual a um jovem estudante.

O facto de não estar à vontade relativamente à sexualidade, área em que a fantasia e a culpa tinham deixado marcas, fê-lo abandonar o colégio decidindo então estudar Medicina. Entra para o University College onde trabalha arduamente.

Aos vinte e seis anos, perfeitamente ignorante das mulheres, fica momentaneamente noivo de uma bela jovem, por quem se apaixonara, mas esta termina a ligação alegando que ficara noiva de um "falso" homem.

Estagia no Hospital Universitário, tornando-se assistente de Wilfred Trotter, cirurgião do Rei Jorge V, e encontra neste homem o exemplo que o orientará profissionalmente. Exemplo em termos éticos mas, essencialmente, em termos da relação humana, dado apoiar-se na verdade da pessoa.

O contacto com este mestre, seguro e humano, levam-no a adquirir uma consciência mais humanizada de si mesmo e a aceitar as suas falhas.

No entanto, ruminações narcísicas, tingidas de culpa, sempre o levaram a fazer julgamentos desfavoráveis sobre a sua vida, apesar de amigos e colegas terem a seu respeito opinião completamente oposta. Por detrás dos seus sucessos, nomeadamente uma medalha de ouro em Cirurgia, encontra-se um homem angustiado e em crise. Estas vivências e a crise sentimental levam-no a iniciar, com trinta anos, uma psicoterapia que terá durado cerca de oito anos.

Parece ter-se iniciado aqui o seu processo de crescimento e de elaboração do mundo interno. Mas Bion não pára por aqui: com Rickman, psicanalista de renome convencido da solidez das suas teorias kleinianas, inicia, em 1937, a sua análise. Este processo analítico prepara-o para uma longa análise com Melanie Klein.

Entretanto, os seus contactos profissionais e académicos vão-se alargando ficando a sua carreira profissional marcada pela passagem que fez, em 1932, pela Clínica Tavistock, onde trabalha como médico assistente. Nesta instituição procura-se beneficiar a população civil de baixos recursos, na cura das "neuroses de guerra", utilizando os conhecimentos adquiridos durante a 1ª. Guerra Mundial. A filosofia desta Clínica encontrava-se, assim, a meio caminho entre a psiquiatria, a medicina e a psicanálise ortodoxa.

A Clínica é posteriormente alargada e transferida para "Malet Place", tornando-se a pesquisa, a terapia, a formação e informação áreas importantes.

Os reduzidos rendimentos levam-no a trabalhar em tempo parcial no "Hospital for Epilepsy and Paralysis" de Maida Vale e, posteriormente, em 1935, no "Institute for the Scientific Treatment of Delinquency". Se no primeiro estabelecimento ganha contacto com patologias de carácter neurológico, no segundo adquire conhecimentos acerca dos distúrbios de comportamento. Casos de delinquência começam a surgir na Clínica Tavistock, tornando-se necessária uma especialização em psicoterapia, que é feita em conjunto com o Instituto de Psicanálise, à qual Bion adere.

Em 1934, ainda principiante, faz durante dois anos acompanhamento psicoterapêutico ao homem que virá a ser prémio Nobel da Literatura em 1969 - Samuel Beckett.

Se iniciara este período sentindo-se incapaz para a guerra, incapaz para a paz e muito velho para mudar, vamos verificar que é um homem maduro o que inicia outra fase da sua vida. Fase que vai coincidir com a Segunda Guerra Mundial.

Afirma Bléandonu:

"Durante a Segunda Guerra Mundial, no apogeu da Escola kleiniana, Bion modificou-se tão radicalmente que parecia ter-se metamorfoseado. Entretanto, ao invés de se ter transformado com a rapidez de um actor ou de um deus, ele, na verdade, preparou-se para esta mudança por mais de um decénio."<sup>96</sup>

### 1.2.1. O psiquiatra e o militar

Conhecedor da psiquiatria militar, colabora no livro "The Neuroses in War" e, com a profunda experiência adquirida na guerra, decide dedicar-se à defesa do seu País. Assim, em conjunto com outros colegas mobilizados, começa a tratar pacientes evacuados por causa dos abalos sofridos na guerra e, tal como acontecera com Freud, impressiona-se com as "neuroses traumáticas".

Foi designado, enquanto psiquiatra, para o Comando Ocidental onde, por vezes, encontra velhos conhecidos da guerra anterior. A sua vida social torna-se agradável,

---

<sup>96</sup> - Gérard Bléandonu. Ibid., p. 57

quer pelos conhecimentos, quer pela sua relação com a actriz Betty Jardine com quem casa.

A relação conjugal é tranquila, mas a vida militar complica-se. Bion e Rickman apresentaram um *Memorandum*, contendo ideias terapêuticas que esperam aplicar rapidamente, mas que só três anos mais tarde será possível tornar operativo. Outras desilusões se seguem, nomeadamente a sua colocação como psiquiatra de Sector quando a sua expectativa era a de ser psiquiatra de Comando. Tratou-se duma dura prova que o deixaria, por muito tempo, decepcionado e amargo.

### 1.3. O homem: sua infelicidade, sua sobrevivência

*"...e alguns de vós  
chamaram-me distante  
e embriagado com a minha própria solidão."*

*Khalil Gibran*

Colocado na unidade de Selhurst gostou do comandante e o facto da sua mulher trabalhar em Londres aproxima o casal, estabilizando a sua vida. A actriz enche-o de orgulho, dado o seu sucesso no palco, mas Bion conta igualmente com o seu apoio e ternura e é para ela que deseja aumentar o seu prestígio militar, tal como anteriormente desejara ser um grande herói para a sua mãe.

Betty fica grávida e o casal vira toda a sua atenção para o nascimento da criança. O optimismo é grande e o fim da guerra parece próximo. Bion deixa-se nomear para uma última missão com o objectivo de dar apoio, enquanto psiquiatra, ao General Montgomery, procurando deste modo refazer a sua imagem. Vai para a Normandia com o desejo de utilizar os métodos sobre grupos.

Recebe a notícia de que o parto fôra bem sucedido e do nascimento da sua filha. Só três dias depois recebe a notícia da morte de sua mulher, provocada por embolia pulmonar.

Volta destroçado para Londres. Confia a filha, Partênope, aos cuidados de uma ama e não volta ao exterior.

Desempenha bem as últimas tarefas neste final de guerra. Oficiais interessados nas suas teorias sobre grupos vêem ouvi-lo e Lacan interessa-se por introduzir, em França, os progressos da psiquiatria inglesa. Nos seus textos, irá descrever Bion e Rickman do seguinte modo:

"Pode-se dizer que brilha nestes dois homens a chama da criatividade: num deles [ escreve Lacan referindo-se a Bion] como que congelada numa máscara imóvel e lunar ... tudo nos informa estarmos frente a um destes seres solitários até mesmo numa das suas mais altas dedicações."<sup>97</sup>

Se do ponto de vista profissional ganha prestígio, a dor pela perda da mulher, a responsabilidade de criar a filha e as recordações, são uma ferida viva.

Atormentado, decide iniciar, em 1945, uma análise com Melanie Klein retomando, em simultâneo, a sua formação no Instituto de Psicanálise. Esta análise, que durará até 1953, virá provocar um crescimento interior e um novo equilíbrio que lhe permitirão renascer para o amor, o que acontecerá em 1950, quando começa a sair com uma jovem viúva, Francesca, pesquisadora assistente no Instituto Tavistock.

Em 1951 começa a escrever-lhe, como se através da escrita os seus afectos fossem mais fáceis. Estas cartas não deixam sombra para dúvidas sobre a primavera que esta mulher fez renascer dentro de si.

Para além deste amor, Francesca ajuda-o a reconciliar-se com sua filha. Escreve Bion a este respeito:

"... você me devolveu Partênopo e me fez sentir o que era ter uma criança. Você não pode imaginar o quanto era terrível sentir, durante este tempo todo, que eu a perdia um pouco mais a cada dia, a tal ponto que algumas vezes ela não parecia ser minha filha de jeito nenhum."<sup>98</sup>

Deste casamento nascerão mais dois filhos: em 1952 Julian e, em 1955, Nicola. Os dois compromissos, matrimonial e profissional, durarão até à sua morte e foram, os pilares dos anos de maturidade.

Floresce então um período de criatividade que durará até ao final da sua vida.

---

<sup>97</sup> - Lacan in Gérard Bléandonu. Ibid., p. 72

<sup>98</sup> - W.R.Bion in Bléandonu Ibid., p.107

#### 1.4. Revisitando o homem

*"...só se conhece alguém  
com os olhos do coração."*

*Saint-Exupery*

Para se compreender alguém é necessário sentir-lhe o pulsar.

Sentir-lhe a alma.

Neste acto de conhecer a sua história, compreender a sua evolução e as suas ideias, algo de essencial nos parece ter ficado para trás. Algo de importante - o homem ele mesmo.

Nasce-me o desejo de contar uma história... " Era uma vez...". Era uma vez um menino pequeno que vivia num país distante, país de fortes contrastes. Este menino solitário tinha dificuldade em identificar-se com o pai, hábil caçador de feras.

Um dia, o menino é obrigado a deixar o seu país natal para ir estudar num país frio e distante. A solidão e a saudade acompanham-no.

Chegado o fim da escola, ocorre uma guerra mundial e ele oferece-se para combater. Fisicamente não é mais menino mas as vivências de menino acompanham-no e ele continua, apesar dos seus sucessos, sem conseguir dentro de si comparar-se ao caçador de feras que casara com a sua mãe. Sente medo, sofre pelos companheiros que perde e adquire o sentimento de que nada é permanente, nem a vida, nem a saúde mental.

A este sofrimento acresce-se outro - o do abandono. A linda noiva que cativara, a tanto custo, desiste dele. Podemos imaginar, senão sentir, este homem, sofrendo interiormente o abandono, incapacidade e solidão, adoptar uma máscara de frieza e de distanciamento.

Finda a guerra, procura integrar-se e ser útil. Estuda e desenvolve-se intelectualmente. Procura conhecer-se melhor e para isso procura um analista. O crescimento interno que a análise lhe permite, transforma-o num homem mais aceite e capaz de amar. É esta capacidade de amar que lhe permite conhecer uma mulher por quem se apaixona e com quem casa.

Não foram felizes para sempre, como nas verdadeiras histórias!

Trabalha arduamente para ofertar à sua amada o que ela merece, tal como anteriormente gostaria de ter feito à sua mãe, quando desejou "ofertar-lhe" as suas condecorações de guerreiro.

Este homem chama-se Bion e transporta dentro de si em toda a sua força, emocionalidade e problemática o menino, nascido num país de fortes contrastes, que se chama Wilfred.

Mas, eis que outra guerra rebenta e com o seu saber e experiência entra nela, lutando com os seus conhecimentos, valores e ideias.

Mais sofrimento e desilusão o aguardam. Pede à sua mulher que lhe dê um filho e quando o seu nascimento se aproxima ele parte novamente, tentando preencher um espaço de satisfação e resolver questões antigas e actuais.

Recebe a notícia do nascimento da sua filhinha que se chamará Partênopo, nome de sereia. Certamente o seu coração exulta de felicidade. Mas, esta felicidade não terá continuidade pois a sua amada morre.

Profundamente amargurado, abandonado, culpado e triste terá de desempenhar o difícil papel de pai da pequena Partênopo. Este facto, apesar dos seus esforços, não é vivido pacificamente e o sentimento de que perde afectivamente a sua filha é muito forte e dolorosamente vivido.

Com a cabeça coberta pelas cinzas das recordações, é um homem atormentado pelas suas vivências, preocupado pela sua dupla responsabilidade, "culpado" pela morte da mulher e "abandonado" por esta, que procura apoio junto de uma psicanalista que poderá cuidar do seu lado infantil e tratar do seu sofrimento acrescido por todos os abandonos sentidos ao longo da sua vida.

#### 1.4.1. A sua análise

Ao escolher Melanie Klein para sua analista, Bion é certo. Ela poderia cuidar do sofrimento do seu eu infantil, dada a sua larga experiência com crianças, mas também conseguiria lidar com a sua couraça narcísica e esquizoide, graças às suas pesquisas.

Mas, para além disto, Bion percebe que tinha os mesmos interesses que Klein ainda que estes interesses se possam ter manifestado de forma diferente. No fundo, através da vida grupal, procura as emoções arcaicas, as manifestações psicóticas subjacentes, bem como as angústias infantis.

Por outro lado e como afirma Bléandonu: "Era preciso alguém forte como Melanie Klein para suportar oito anos um homem carregado de tão acentuada contestação e litígio com o sexo oposto", o que é confirmado por Bion, citado pelo mesmo autor: "As experiências que eu tivera associando-me a mulheres não eram nem

um pouco encorajadoras, ou não permitiam que desenvolvesse nenhuma crença num final feliz."<sup>99</sup>

O encontro entre Klein e Bion foi, em grande parte, um encontro entre um "universo feminino e um mundo masculino". Bion apresenta-se esperançoso de ser apreciado pelos seus méritos masculinos, façanhas desportivas e condecorações militares.

Cedo percebe que o caminho não é esse. Melanie Klein não se deixa perturbar por estes galardões nem sequer pelas suas queixas acerca das dificuldades económicas.

Não é de estranhar, portanto, que tenha sentido rancor e oposição. Segundo Bléandonu: "Não podia conformar-se com o facto de que a sua analista pudesse ser um substituto para os seus sentidos, interpretar em seu lugar o que estes sentidos lhe diziam e escolher entre suas contradições".<sup>100</sup>

Por outro lado, confidenciara a um amigo a sua opinião de que Klein não seria favorável ao seu trabalho com grupos, trabalho este que decorre durante toda a análise. Bion acentuava as diferenças entre ambos: ela confinada à Sociedade Psicanalítica, ele publicamente interessado, até mesmo intelectualmente responsável pelo futuro da Grã-Bretanha.

No entanto, o amadurecimento, a capacidade de amar e de trabalhar são reencontrados com esta análise.

Antes da análise, Bion escrevera apenas um artigo. Durante a análise escreve todo o seu trabalho sobre grupos.

As relações entre eles acabam por estreitar-se embora não sejam fáceis. Na correspondência que Bion trava com sua mulher, Francesca, ele dá conta de alguns aspectos negativos desta relação. Escreve ele: "Melanie é extremamente exigente. Suponho que seja porque ela sofreu tantas agressões e teve tão poucos momentos de verdadeira felicidade na sua vida, que me sinto sempre sugado até à medula."<sup>101</sup>

No entanto, ambos, Klein e Bion, têm aspectos em comum, quer a nível das ideias quer da evolução criativa - ambos começaram a criar após a crise da meia-idade.

---

<sup>99</sup> - W.R.Bion in Bléandonu Ibid., p.102

<sup>100</sup> - Gérard Bléandonu Ibid., p.105

<sup>101</sup> - W.R.Bion in Bléandonu Ibid., p.108

### 1.5. Sua evolução: o cidadão e o psicanalista

Em Janeiro de 1947 dirige-se, na condição de Presidente, à Secção Médica da Sociedade Britânica de Psicologia a fim de perceber como poderiam ajudar a sociedade ocidental em crise. A situação na Grã-Bretanha era difícil: Churchil perdera as eleições, a Índia iria oficialmente tornar-se independente e, deste modo, o Império Britânico perdia a sua supremacia para os Estados Unidos da América e União Soviética.

Se do ponto de vista técnico a humanidade fizera grandes progressos, sob o ponto de vista individual, o Homem permanece com a sua problemática pessoal e emocional.

Na sua reflexão sobre a sociedade e acerca do modo como alguns tipos de organizações sociais perturbam tão profundamente as pessoas, Bion conclui que para que o homem se possa desenvolver harmoniosamente deverá ter a liberdade e a possibilidade de estabelecer relações pessoais bem sucedidas.

Nesta reflexão, parte do homem para o grupo e para as civilizações.

Bion só tardiamente ingressa na Sociedade Psicanalítica, talvez por isso a sua voracidade seja imensa.

Em 1956, torna-se Director da "London Clinic of Psycho-Analysis", cargo que mantém até 1962, tendo publicado quase todos os anos um artigo original, artigos estes que figuram nos anais da psicanálise mundial.

A par disto, procura ser um marido perfeito e um pai atencioso para os seus três filhos.

Trabalha arduamente. Em Fevereiro de 1959, acaba por adoecer e ser hospitalizado. Afastada a hipótese de ataque cardíaco, torna-se necessário fazer um regime de emagrecimento que foi acompanhado por um marcado sentimento depressivo.

As preocupações com a saúde, as tendências depressivas e as responsabilidades familiares, provocam-lhe sentimentos de incapacidade relativamente ao trabalho. No entanto, o seu desejo de êxito profissional é imenso e, como tal, aproveita todos os momentos para trabalhar. Duvida, apesar de tudo, do valor da sua criação, tal como anteriormente duvidara do seu merecimento pessoal.

Na parte final do ano de 1950, torna-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise tendo escrito para tal, e lido publicamente, um artigo dedicado ao "Gémeo Imaginário". Baseado num estudo de caso, debruça-se sobre a função do gémeo imaginário. Escreve:

"Proponho que o gémeo imaginário remonta à relação mais arcaica do paciente, sendo expressão da sua incapacidade para tolerar um objecto que não esteja inteiramente sob seu controle. A função do gémeo imaginário era, portanto, negar uma realidade distinta da pessoa do próprio paciente."<sup>102</sup>

Através da criatividade expressa nesta construção, prova que aprendera o "ofício de analista".

A propósito deste artigo, e reflectindo sobre a solidão, escreve Melanie Klein:

"o desejo de entender-se a si mesmo está ligado ao desejo de ser entendido por um objecto bom interno. Esta aspiração expressa-se numa fantasia universal, a de ter um gémeo, sobre a qual Bion nos chamou a atenção .... Às vezes o gémeo representa um objecto interno em quem se pode confiar completamente; por outras palavras, trata-se de um objecto interno idealizado."<sup>103</sup>

M. Klein foi, sem sombra de dúvida, um pilar na construção levada a cabo por Bion; mas, a partir dos anos sessenta, torna-se mais livre e ousado sem a preocupação de pertencer ou não à escola kleiniana.

Em 1962, é eleito para o cargo de Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise onde permanece durante três anos, prazo máximo previsto pelos estatutos. De 1966 a 1968, é membro da comissão de ensino e Presidente da comissão de publicação da Sociedade de Psicanálise, assumindo, em simultâneo, a presidência do Melanie Trust. Em 1968, retira-se da condição de membro da Sociedade Britânica e vai viver para Los Angeles onde continua a escrever, ensinar e desenvolver as suas ideias.

Com sessenta e cinco anos, a sua capacidade de viver e de criar parece ter florescido escrevendo várias obras e desenvolvendo um trabalho verdadeiramente digno de admiração.

Do que foi a sua estadia nos Estados Unidos e do que foram as suas vivências, nesta fase da sua vida, daremos conta transcrevendo um texto escrito por Francesca Bion:

---

<sup>102</sup> - W.R.Bion. (1950). O Gémeo Imaginário in *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994. p. 29

<sup>103</sup> - Melanie Klein in Gérard Bléandou, *Ibid.*, p.115

"Em 1968, quando nos pediram para irmos para Los Angeles onde havia um interesse crescente pela obra de Melanie Klein, a nossa decisão de deixar a Inglaterra não foi tomada de ânimo leve ou com falsas expectativas. As reacções da comunidade de analistas foram: uma grande surpresa misturada com mais ou menos incompreensão, desaprovação, lamento e talvez admiração pela sua coragem. Este desafio revelou-se maior do que se esperava. Com setenta anos, afrontava uma tarefa impressionante: trabalhar num país estrangeiro como «estrangeiro registado», sem qualificação e relativamente desconhecido; a hipótese de vencer parecia verdadeiramente pequena nos primeiros anos. No fim de 1971, ele escreveu: «As relações com os meus colegas podem praticamente ser descritas como um fracasso. Eu desconcerto-os e eles não me compreendem mas têm respeito mesmo por aqueles que não compreendem. Há, se não me engano, mais crença do que compreensão ou simpatia pelos meus pensamentos, pela minha personalidade e pelas minhas ideias. Não há dúvida que a situação, a situação emocional não teria podido ser melhor onde quer que fosse.». Com efeito, quaisquer que fossem as dificuldades, a Califórnia oferece ambiente ao mesmo tempo emocional e físico que lhe permitia libertar-se, desenvolver ainda a sua individualidade, ter aquilo que chamava «pensamentos selvagens» e de se oferecer a «conjecturas imaginativas».

Foi um período muito fecundo. Ao lado de uma prática a tempo completo, conferências, seminários e viagens profissionais ... ele escrevia a sua autobiografia e os três livros de «Memória do Futuro», encontrando mesmo tempo para nadar e andar todos os dias, ouvir música, encontrar amigos, sem esquecer os prazeres de comer e dormir.

[Francesca Bion termina esta exposição falando do seu sentir através das palavras do poeta John Donne] ... após a tua partida: onde quer que tu estejas deixaste nela [na vida] teus olhos atentos, teu coração amante.»<sup>104</sup>

A sua autobiografia, que Francesca Bion publicará em 1982, encontra-se dividida em três partes. Marcos que Bion certamente considerou importantes: "A Índia", "A Inglaterra" e "A Guerra". O sentimento que ressalta desta obra é, segundo Bléandonu, o de raiva contra os pais, os professores, os superiores e também contra si

---

<sup>104</sup> - Francesca Bion. (1989). *La vie est pleine de surprise. W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Paris: Éditions Métailié. 1991- p.27.

mesmo. No entanto: “... existe uma extraordinária vitalidade que envolve o leitor e o tranquiliza sobre a capacidade do ser humano se sair bem, apesar de tudo.”<sup>105</sup>

É claro que a vida de qualquer autor só tem sentido em sua unidade e totalidade mas, como a verdade última permanece incognoscível, só haverá conhecimento do homem, das suas vivências e do seu pensamento, se abandonarmos a ideia de apreender a verdade na sua totalidade.

Fiquemos então com o que nos é permitido.

Fiquemos com o menino que amava a Índia. Fiquemos com o estudante solitário e, finalmente, com o homem, algo enigmático, amargurado pela guerra e pelas decepções.

Ficaremos a partir daqui com o pensador genial e criativo que foi.

No final da sua vida recebe um convite para ir a Bombaim. Morre dois meses antes, com uma leucemia, a 8 de Novembro de 1979.

## 2. BION : AS SUAS IDEIAS

### 2.1. Suas Influências

*– o simpatizante de Freud e o discípulo de Klein –*

O que queremos enfatizar neste ponto é a importância das ideias de Freud e de Melanie Klein no nascimento da teoria bioniana. Verificaremos como Bion foi além destes autores.

Debrucemo-nos por um momento, e de maneira forçosamente superficial, sobre Freud e Melanie Klein.

#### 2.1.1. Freud

"Era necessário abolir as fronteiras do bem e do mal, reconduzindo-as a uma fonte comum e subterrânea, o inconsciente, onde dominava a força imperiosa do

---

<sup>105</sup> - Gerard Bléandonu. Ibid., p.150

instinto sexual.<sup>106</sup> Para o fazer, Sigmund Freud nasceu no dia 6 de Maio de 1856, em Freiberg, na Morávia. Quando tinha quatro anos, a família mudou-se para Viena, onde residirá até 1938.

O clima anti-semita, prevalecente na época em que viveu, parece ter fortalecido, segundo Fadiman e Frager<sup>107</sup>, a sua capacidade para suportar críticas. As suas vivências na Universidade de Viena, onde estudou Medicina e foi tratado como "inferior e estranho", são testemunho disso.

Aos vinte e seis anos, recebe o diploma de médico e de Outubro de 1885 a Fevereiro de 1886 segue os cursos de Charcot, na Salpêtrière, orientando-se para a psicopatologia. Compreende e sente com muita vivacidade o sofrimento dos neuróticos, sendo o estudo persistente da génese desta patologia que o conduz à descoberta da etiologia sexual da neurose.

Se fosse necessário reduzir, muito sinteticamente, a sua obra, diríamos que ela é a definição e o estudo de três objectos indissociavelmente ligados: o inconsciente, o desejo e a pulsão de morte e, finalmente, o complexo de Édipo. Estes três pontos, interligados, formam o campo da Psicanálise e da antropologia freudiana.

A partir de Freud, o inconsciente torna-se um "lugar psíquico", uma "instância". No fundo, aquela parte de nós que organiza a nossa história individual com a qual somos obrigados a existir.

Embora estivesse interessado nos mecanismos da consciência, o seu interesse era muito maior relativamente às áreas menos expostas e inexploradas da consciência: o pré-consciente e o inconsciente.

Na sua obra "Metapsicologia", escreve Freud:

"Um acto psíquico passa geralmente por duas fases, dois estados entre os quais está intercalada uma espécie de censura. Na primeira fase, o acto psíquico é inconsciente e pertence ao «sistema inconsciente»; se for desviado pela prova a que a censura o submete é-lhe recusada a passagem à segunda fase: diz-se então que é «recalcado» e deve necessariamente permanecer no inconsciente. Mas se passar naquela

---

<sup>106</sup> - Sacha Nacht. (1971). *Freud e a psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores, 1979, p.7

<sup>107</sup> - Fadiman e Frager. (1979). *S. Freud. Teorias da Personalidade*. S.Paulo: Harbra - Ed. Harper & Row do Brasil, Lda.

prova, entra então na segunda fase e pertence doravante ao segundo sistema a que decidimos chamar «sistema consciente»<sup>108</sup>.

Temos consciente e inconsciente. Mas, o inconsciente apresenta uma outra parte - o pré consciente. Neste, encontra-se o material que pode, com facilidade, tornar-se consciente.

É no inconsciente que se encontram as fontes de energia psíquica e as pulsões ou instintos. Estas são as forças propulsoras que incitam as pessoas à acção.

A partir de 1920, Freud modifica a sua descrição do aparelho psíquico e apresenta um novo modelo a que chama "segunda tópica". Aparentemente, a dualidade "inconsciente-consciente" é substituída por um conjunto de três formações: o id, o ego e o superego. Mas, o sistema continua a assentar na dualidade de territórios - o id e o ego - uma vez que o superego está inscrito no território do ego.

Se no primeiro modelo descrevia duas forças opostas: a sexual e a agressiva, as últimas descrições, mais globais, encaram estas forças como forças de vida ou como incitadoras da morte: Eros e Tanatos. Cada um destes instintos tem uma fonte de energia em separado: a "líbido".<sup>109</sup>

No seu modelo, a ideia de conflito é permanente e as observações que faz revelam um conjunto interminável de conflitos e de acordos psíquicos. Freud pôs ordem neste caos aparente propondo a existência, anteriormente referida, de três componentes básicos estruturais da psique.

- *O id* que é a fonte de energia da personalidade, desenvolvendo-se as outras partes da estrutura a partir daqui. Afirma Freud: "As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id ... Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro".<sup>110</sup>

O conteúdo do id é quase todo ele inconsciente, incluindo configurações mentais que nunca se tornaram conscientes, bem como o material considerado inaceitável pela consciência.

- *O ego*, trata-se da parte do aparelho psíquico que se encontra em contacto com a realidade externa e desenvolve-se a partir do id, à medida que a pequena criança ganha consciência da sua identidade.

---

<sup>108</sup>- S. Freud. (1915). *Métapsychologie*. In André Akoun. (1979). S.Freud: A ciência do Inconsciente. pp. 54-77. *Os 10 grandes do Inconsciente*. Lisboa/S. Paulo: Verbo Ed. pp.59-60.

<sup>109</sup> - advém da palavra latina para "desejo" ou "anseio".

<sup>110</sup> - S. Freud. (1933). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*: Ed. Standard. Vol. XXII. p. 28

É criado a partir do id visando reduzir a tensão. Para dar solução a isto, o ego tem de controlar ou regular os impulsos do id, por forma a que a pessoa possa procurar soluções menos imediatas e mais realistas.

- O *superego* desenvolve-se a partir do ego e actua como um censor sobre as actividades e pensamentos do ego. Trata-se do nosso depósito de códigos morais.

Estes três subsistemas estão relacionados, sendo a meta fundamental da psique manter um nível aceitável de equilíbrio dinâmico que maximize o prazer e minimize o desprazer.

Freud considera que no decurso dos primeiros meses de vida da criança se constitui um núcleo de experiências positivas, ligadas ao prazer, ou negativas, ligadas ao desprazer. Na sequência da ligação das experiências de tonalidade afectiva, quer positivas quer negativas, a certas percepções, irá nascer uma sensibilidade relativamente aos estímulos perceptivos vindos do mundo exterior. Na sua teoria, parece existir predomínio da sensibilidade interna sobre a sensibilidade externa, dado que no início apenas existe um Id somato-psíquico, com os seus instintos ou impulsos. Deste, irá emergir o Ego que é responsável pelo contacto com a realidade - a dura realidade - que com os seus aspectos frustrantes força o aparecimento do Eu e das relações com as pessoas que ajudam a criança a satisfazer os seus desejos.

Na elaboração da sua teoria, Freud debruçar-se-à sobre as fases psico-sexuais do desenvolvimento, mas a nossa abordagem do aparelho psíquico ficaria, sem dúvida, incompleta se a separássemos da abordagem histórica a que procedeu e que se organiza à volta do complexo de Édipo.

Sigamos as suas ideias: a criança pequena encontra-se absolutamente dependente da figura materna que a alimenta e acaricia marcando a sua existência pela alternância da ausência e da presença; do nada de satisfação ao nada de aflição. O "pequeno mundo" da criança, sem a consciência de um "eu", reduz-se, assim, à presença ou ausência da figura materna. O Édipo sendo o amor pelo pai do sexo oposto é, em primeiro lugar, a separação da criança da mãe, separação organizada pela instituição que regula as leis do parentesco e a proibição do incesto. O pai, encarnando a lei contra este amor, expulsa-a do primeiro paraíso e obriga-a, a grande custo, a tornar-se um sujeito.

Afirma Freud: "todo o ser humano é obrigado a enfrentar a tarefa de dominar o complexo de Édipo; se falha nesta empresa, será um neurótico".<sup>111</sup>

Desde o início, procura entender melhor os aspectos obscuros e aparentemente inatingíveis da vida mental. Chama Psicanálise à sua teoria e à sua terapia.

Os métodos de que a psicanálise se serve são a associação livre e a transferência. Escreve Sacha Nacht:

"No domínio da técnica, Freud descobriu a importância central da transferência, na evolução do tratamento. A noção de transferência e a de contratransferência, que é o seu corolário e se aplica a todo o comportamento consciente e inconsciente do médico, frente ao seu doente, permanece o pivô de todo o tratamento psicanalítico."<sup>112</sup>

Pela transferência, a pessoa repete, revive inconscientemente o que viveu outrora, substituindo uma pessoa do seu passado pelo analista.

Utilizando estes métodos, o objectivo da Psicanálise é o de libertar material inconsciente, antes inacessível, de forma a que se possa lidar com ele conscientemente.

Freud parte do pressuposto de que se uma pessoa se libertar das inibições do inconsciente, o ego estabelecerá novos níveis de satisfação em todas as áreas de funcionamento.

Através da associação livre e da sua própria análise, Freud apercebeu-se da importância dos sonhos. Para ele, mais importante que o valor biológico dos sonhos é o facto psicológico da elaboração onírica. Esta é o "conjunto das operações que transformaram os materiais do sonho (estímulos corporais, restos diurnos e pensamentos do sonho) num produto: o sonho manifesto"<sup>113</sup> que remete para um conteúdo - o conteúdo latente.

Ao longo da sua obra, Freud debruça-se sobre a ansiedade e sobre os problemas da psique em enfrentá-la. Existem muitas situações que provocam ansiedade que é sentida pelo ego como uma ameaça; o ego irá proteger a personalidade desta ameaça através dos mecanismos de defesa.

---

111 - S. Freud. (1914). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, p.127

112 - Sacha Nacht. *Ibid.*, p.12

113 - LaPlanche, J. e Pontalis. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Santos: Livraria Martins Fontes Ed., Lda. p.664.

A cura psicanalítica assenta inteiramente na linguagem. A propósito disto escreve, em 1890, o artigo "Tratamento Psíquico":

"As palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico. Um profano achará certamente que é difícil compreender como as perturbações patológicas do corpo e da alma podem ser eliminadas por meio de simples palavras. Terá a impressão de que lhe pedem para acreditar em magia. E, aliás, não andarão muito longe da verdade, porque as palavras que utilizamos na nossa linguagem de todos os dias não são mais do que magia disfarçada. Mas teremos necessidade de seguir um caminho indirecto para explicar como a ciência se propõe restaurar as palavras a fim de lhes atribuir pelo menos uma parte do seu antigo poder mágico."<sup>114</sup>

Freud precisou, certamente, de muita coragem para proclamar os resultados das suas descobertas, sobretudo se pensarmos que se expôs, através de uma longa auto-análise vivenciada com sentimentos de sofrimento e de depressão.

A sua bibliografia é vastíssima e foi, sem sombra de dúvida, o criador de um novo tipo de abordagem que nos permite um olhar diferente sobre nós e sobre o mundo.

Bion partirá da teoria psicanalítica, mas irá além dela com a ajuda de conceitos formulados por Melanie Klein.

### 2.1.2. Melanie Klein

*Quando o seio que frustra é o mesmo que gratifica*

De origem austríaca, Melanie Klein (Reizes, em solteira) nasceu em Viena, a 30 de Março de 1882. Tinha mais de trinta anos quando tomou contacto com a Psicanálise. Esta descoberta ocorreu, em 1910, quando foi viver para Budapeste cidade onde existia um destacado grupo psicanalítico. Descobriu Freud, através do seu trabalho sobre os sonhos, tendo ficado verdadeiramente fascinada. Escreve sobre aquela época: "Aquilo era o que eu estava aspirando, ao menos durante aqueles anos

---

<sup>114</sup> - S. Freud. (1890). Tratamento Psíquico. In André Akoun. Sigmund Freud: a ciência do inconsciente in *Os 10 grandes do Inconsciente*. Lisboa/S.Paulo: Verbo Ed. pp.55-76

em que estava tão ávida por encontrar o que me satisfizesse intelectual e emocionalmente."<sup>115</sup>.

Fez análise com Ferenczi e, posteriormente, com Karl Abraham. Influenciada pelo primeiro, especializou-se na análise de crianças através do brincar. Em 1921, a convite de Abraham, instala-se em Berlim com os seus três filhos. Pela sua técnica com crianças foi convidada, por Ernest Jones, Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, a apresentar um conjunto de Conferências acabando, pouco depois, em 1926, por se instalar em Londres.

Este trabalho com crianças foi o seu alicerce. Fez uso do seu talento para compreender o sentido das fantasias inconscientes nunca perdendo de vista a criança como um todo, seus objectos internos e mundo externo.

A autora defende que a criança entra, à nascença, em relação com o seio materno, fonte de satisfação e simultaneamente de frustração. A dialéctica do "bom" e "mau" objecto, que se reproduzirá em diferentes estádios da evolução psíquica, forma a trama de todo o devir ulterior. Afirma:

"Esse mundo interno, que pode ser descrito em termos de relações e acontecimentos internos, é o produto dos próprios impulsos, emoções e fantasias do bebé. Sem dúvida, esse mundo é profundamente influenciado pelas boas e más experiências do bebé, provindas de fontes externas.<sup>116</sup> Mas, ao mesmo tempo, o mundo interno influencia sua percepção do mundo externo de uma maneira não menos decisiva para o seu desenvolvimento. A mãe - e antes de tudo seu seio - é o objecto primário tanto para os processos introjectivos como para os processos projectivos do bebé. Desde o começo o amor e o ódio são projectados sobre ela e, simultaneamente, ela é internalizada com essas duas emoções primordiais contrastantes, o que fundamenta o sentimento do bebé de que existe uma mãe (seio) boa e outra má. Quanto mais a mãe e seu seio são investidos - e a extensão do investimento depende de uma combinação de factores internos e externos, entre os quais a capacidade inerente de amar é da maior importância -, mais seguramente o seio bom internalizado, protótipo dos objectos internos bons, será estabelecido na mente do bebé."<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> - Grosskurth, P. (1986). Melanie Klein: Seu Mundo e sua obra. In Hanna Segal. (1994). Prefácio de *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p.16

<sup>116</sup> - Entre elas, desde o começo da vida, a atitude da mãe é de importância vital, continuando a ser um dos principais factores no desenvolvimento da criança.

<sup>117</sup> - Melanie Klein. (1955). Sobre Identificação. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos. 1946-1963*. (1991) . Vol. III das Obras Completas de M. Klein. Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 170

Melanie Klein rapidamente ganha reputação na Sociedade Britânica e se, a princípio, as suas reflexões sobre a vida mental infantil seguiam as de Freud e de Abraham, por volta dos anos trinta, desenvolve as suas próprias ideias que foram, para a época, bastante radicais e desafiantes.

Tal como Freud, concebia a pessoa como sendo impelida por pulsões de vida e de morte, mas pulsões intrinsecamente ligadas a objectos. A sua teoria é, assim, uma teoria de pulsões e uma teoria de relações objectais.

Mas se Melanie Klein se aproxima também se afasta de Freud. Acompanhemos a sua reflexão:

"É inerente à concepção de Freud de vida e de morte que o id, como reservatório das pulsões, opera *ab initio*.

Concordo plenamente com essa concepção. Difiro no entanto de Freud, na medida em que me proponho a hipótese de que a causa primária de ansiedade é o medo de aniquilamento, de morte, que surge no trabalho interno da pulsão de morte. O medo primordial de ser aniquilado força o ego a agir e engendra as primeiras defesas. A origem fundamental destas actividades do ego está no funcionamento da pulsão de vida. A premência do ego para a integração e organização revela claramente a sua derivação da pulsão de vida - como Freud colocou, «... o principal objectivo de Eros - o de unir e ligar ...»".

Em oposição ao impulso para a integração e todavia, alternando com ele, existem processos de cisão que, junto com a introjecção e projecção, representam alguns mecanismos iniciais mais fundamentais."<sup>118</sup>

Desenvolveu a concepção de fantasia inconsciente, já anteriormente defendida por Freud, a partir da descoberta de que as pequenas crianças que analisava tinham fantasias violentamente agressivas e, simultaneamente, de amor que constituíam uma fonte de intensa ansiedade.

Incorajada por Abraham e estimulada pela teoria freudiana, descobriu que as crianças desde muito cedo possuíam um superego muito precoce e severo, que considerou como sendo o resultado da projecção dos impulsos violentos da criança para dentro dos seus "objectos primários".

---

<sup>118</sup> - Melanie Klein. (1952). Influências Mútuas no Desenvolvimento do Ego e Id. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Ibid., p. 81

Em 1935, introduziu o conceito de *posição depressiva* facto que viria a determinar uma ruptura histórica com a Sociedade Britânica de Psicanálise. Ruptura esta que se virá a intensificar a partir de 1940, quando coloca este conceito em correspondência com o luto, a reparação e a criatividade.

Em 1946, no artigo "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides", Melanie Klein descreve a *posição esquizo-paranoide*. Defende que o indivíduo é ameaçado por fontes de destrutividade que brotam do interior, da pulsão de morte, e que são projectadas para dentro do objecto criando, assim, o protótipo de uma relação de objecto hostil. Dado que o bebé odeia e teme o ódio do objecto "mau", então, como resultado, desenvolve-se uma situação persecutória que provoca ansiedade do tipo persecutório.

Paralelamente, fontes primitivas de amor, oriundas da pulsão de vida, são projectadas criando o protótipo de uma relação de objecto "amorosa".

Nesta posição, estes dois tipos de "relação de objecto" - amor e ódio - encontram-se completamente separados graças à clivagem do objecto. Este é visto como completamente "bom" ou como completamente "mau". Tal como ocorre a clivagem do objecto, ocorre a clivagem do self em bom e mau self. Afirma: "Acredito que o ego é incapaz de cindir o objecto - interno ou externo - sem que ocorra uma cisão dentro dele".<sup>119</sup>

Neste período, o ego encontra-se insuficientemente integrado e como tal não há lembranças do "bom" objecto quando este está ausente. Na realidade, a perda do "bom" objecto é vivenciada como a substituição de uma situação idealizada por uma situação persecutória. A integridade da pessoa é ainda inexistente e, assim, "self" e "objecto" são vistos parcialmente (seio, rosto, mãos, etc.).

Existe, deste modo, um período que precede a posição depressiva e que é mais primitivo do ponto de vista do desenvolvimento. É a posição *esquizo-paranoide*. Trata-se de uma das contribuições mais importantes de Melanie Klein que veio modificar muitas das concepções sobre o desenvolvimento psíquico.

O desenvolvimento do conceito de *posição depressiva* apresenta um importante avanço na compreensão do desenvolvimento infantil. A autora concebe-a como uma constelação de ansiedades, defesas e relações de objecto que se desenvolve no segundo trimestre de vida do bebé, mas que nunca é completamente elaborada, continuando por

---

<sup>119</sup> - Melanie Klein. (1946). Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizoides. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. 1946-1963. Ibid., p.25

toda a vida. As características fundamentais desta fase são, essencialmente, a integração de objectos parciais para formar o objecto no seu todo, bem como o sentimento doloroso de que os seus sentimentos de amor e ódio são dirigidos ao mesmo objecto.

Afirma:

"A síntese entre os sentimentos de amor e os impulsos destrutivos a um só e mesmo objecto - o seio - dá origem à ansiedade depressiva, à culpa e à necessidade permanente de reparar o objecto amado danificado - o seio bom .... Parece que à medida que o desenvolvimento se dá, experiências de síntese e ansiedade depressiva se tornam mais frequentes - tudo isto fazendo parte da crescente integração."<sup>120</sup>

Do ponto de vista da evolução afectiva, a posição depressiva não vai eliminar a clivagem uma vez que é necessário que surjam novas clivagens para evitar que o estado afectivo desta fase, caracterizado por angústia e sentimentos de perda, se torne excessivamente pesado. Há, por isso, sobreposição e alternância da posição depressiva com a posição esquizo-paranóide.

Melanie Klein vai utilizar o termo "posição" e não fase, a fim de enfatizar a sua convicção de que estas posições poderão ser encontradas, transitoriamente, ao longo da vida da pessoa.

Talvez a diferença mais significativa entre as duas posições referidas - a esquizo-paranóide e a depressiva - se encontre na dimensão de "integração" que conduz a sentimentos de integridade tanto do self quanto das relações de objecto. Esta integração progressiva ocorre à medida que a posição depressiva se aproxima. Mas, a par da integração, ocorrem outras mudanças: assim, de uma preocupação com a sobrevivência do self, a criança passa a um reconhecimento da sua dependência em relação ao objecto e à conseqüente preocupação em proteger os bons aspectos deste.

Quanto às *ansiedades*, verifica-se que na posição esquizo-paranóide a ansiedade dominante é a persecutória, típica da ameaça ao indivíduo, enquanto que na posição depressiva a ansiedade prevaiente é a depressiva, semelhante à da perda de objecto preconizada por Freud. Para lutar contra as ansiedades depressivas, a criança vai

---

<sup>120</sup> - Melanie Klein. (1952). *Influências Mútuas no Desenvolvimento do Ego e Id. Inveja e Gratidão e outros trabalhos. 1946-1963.* Rio de Janeiro: Imago Ed. pp.90-91

utilizar vários mecanismos de defesa, dos quais destacamos: reparação, clivagem e identificação projectiva .

Mas, estas duas posições encontram-se também directamente relacionadas: se o bebé não conseguir elaborar a posição esquizo-paranóide, a elaboração da posição depressiva encontra-se seriamente comprometida.

Como vimos, Melanie Klein debruça-se sobre as ansiedades e defesas destas posições e, no seu estudo, irá identificar um novo mecanismo de defesa: a *identificação projectiva*<sup>121</sup>. Escreve Michael Feldman:

"A Sr<sup>a</sup>. Klein usava o termo "identificação projectiva" para se referir ao que era essencialmente uma fantasia inconsciente e onnipotente, na qual conteúdos mentais indesejados e perturbadores eram expelidos - projectados para dentro de um objecto - como meio de livrar o self de algo mau, mas às vezes a fim de atacar ou controlar o objecto para dentro do qual ocorreu a projecção"<sup>122</sup>.

A identificação projectiva tem por função aliviar o ego das partes más e preservar as partes boas, protegendo-as de um mundo interno percebido como mau. Uma das consequências deste processo é a de que ao projectar as partes más (sob a forma de fantasias e de maus sentimentos face a um bom seio), a criança poderá reintprojectar o projectado de forma modificada, ou seja, tolerável para o seu psiquismo.

A identificação projectiva acompanha de perto a posição esquizo-paranóide.

Afirma a autora:

"A identificação projectiva está ligada a processos de desenvolvimento surgidos durante os três ou quatro primeiros meses de vida (a posição esquizo-paranóide) quando a cisão está em seu auge e predomina a ansiedade persecutória. O ego ainda está muito pouco integrado e, portanto, passível de cindir-se a si próprio, suas emoções e seus objectos internos e externos ...".<sup>123</sup>

---

<sup>121</sup> - Klein considera-a como um dos mais antigos mecanismos de defesa do ego contra a ansiedade.

<sup>122</sup> - Michael Feldman. (1992). Cisão e Identificação Projectiva. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. (1994). Rio de Janeiro: Imago p.99

<sup>123</sup> - M. Klein. (1955). Sobre Identificação. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos. 1946-1964*. Ibid., p.172

A identificação projectiva é a principal defesa contra a ansiedade na posição esquizo-paranóide e na descrição desta posição este mecanismo é, sem dúvida, um conceito chave.

O funcionamento normal da identificação projectiva constitui um dos factores principais na formação de símbolos e na comunicação humana, através da possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro e compreendê-lo.

Embora tenhamos consciência da magnífica obra desta psicanalista e da importância da sua contribuição para a Psicanálise, retirámos apenas alguns dos seus conceitos, os que consideramos serem fundamentais para uma melhor compreensão da obra de Bion. Recordemo-los: fantasias inconscientes das crianças, posição esquizo-paranóide, posição depressiva e identificação projectiva.

Melanie Klein desenvolverá as suas ideias e ampliará a sua teoria até ao final da vida.

Morre a 22 de Setembro de 1960, mas a sua importante contribuição para a Psicanálise dará origem à formação da Escola kleiniana, onde podemos encontrar nomes importantes do meio psicanalítico como Hanna Segal e Bion.

Bion mencionava, frequentemente, a sua dívida para com Freud e Klein. Se o ódio à realidade e ao pensamento, bem como a perda da realidade pelo ego, na psicose, estão ligados a Freud, a existência de ansiedades primitivas não modificadas e o uso excessivo de defesas, nomeadamente a clivagem e a identificação projectiva, são noções que Bion foi "beber" a Klein.

A sua teoria, a sua caminhada, parece assemelhar-se a uma frondosa árvore com ramos distintos que prefiguram a sua evolução. Temos, segundo Bléandonu, representando esta evolução, três períodos. São eles: o período grupal, o período psicótico e o período epistemológico.

Detenhamo-nos um pouco sobre cada um deles e tentemos a sua compreensão.

## 2.2. O período grupal

*o indivíduo funciona como um grupo, o grupo funciona como o indivíduo*

Bion sustenta a ideia de que nenhum indivíduo, ainda que esteja isolado, possa ser considerado como marginal relativamente a um grupo. As teorias psicanalíticas, nomeadamente a do complexo de Édipo e as concepções de Klein, sobretudo as ansiedades psicóticas e os mecanismos precoces de defesa, podem ser utilizadas para explicar alguns fenómenos grupais que Bion observa. A propósito, escrevem Grinberg e outros:

"as teorias de Freud, entre elas as do Complexo de Édipo, mostram a grande importância do grupo familiar para o desenvolvimento do ser humano [enquanto que] os trabalhos de M. Klein, em particular suas hipóteses sobre as primeiras relações objectais, as ansiedades psicóticas e os mecanismos de defesa primitivos permitem entender que o indivíduo não só pertence desde o início da sua vida a um grupo familiar, mas que os seus primeiros contactos com a sua mãe e as pessoas que o rodeiam, têm qualidades em si mesmas particulares e de profunda importância para o seu desenvolvimento ulterior."<sup>124</sup>

As ansiedades psicóticas, que surgem em relação aos primeiros objectos, são reactivadas em muitas situações da vida adulta, uma vez que a pessoa necessita de estabelecer contacto com a vida emocional de diferentes grupos; facto que a confronta com o dilema de evoluir e diferenciar-se, enfrentando os temores ligados a esta evolução. As exigências e a complexidade de pertencer a estes grupos levam a pessoa a confrontar-se com um estado que podemos chamar de "regressão" e que parece ser comparável às teorias de Melanie Klein.

Neste estudo sobre grupos Bion pretende clarificar, através das teorias kleinianas, os pontos que Freud deixara obscuros quando se debruçara sobre os grupos e concluirá que quanto mais estável é o grupo, mais ele se aproxima do ponto de vista freudiano. Por outro lado, quanto mais perturbado ele for, mais facilmente se podem ver os mecanismos e fantasias primitivos descritos por Melanie Klein.

---

<sup>124</sup> - Leon Grinberg, Dario Sor, Elizabeth Tabak de Bianchedi. (1973). *Introdução às Ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p.20

### *Os grupos sem líder*

No auge da guerra, a Psiquiatria e a Psicologia ganharam uma importância que não tiveram até aí. Tornava-se necessário recrutar os melhores oficiais, os melhores líderes, para além de todo um trabalho a nível do tratamento e recuperação dos que tinham sido atingidos pela guerra.

Para esta situação de escolha de líder, Bion propõe a "técnica de grupos sem líder" que permite avaliar a aptidão relacional para enfrentar tensões, sentidas a nível pessoal e a nível do grupo, provocadas pelo medo do fracasso colectivo e pelo desejo de êxito pessoal. Este método rompe, radicalmente, com a prática da selecção psicológica e apresenta um carácter revolucionário.

Outras comissões de selecção, semelhantes a esta, começaram a nascer, dando origem à criação do "Research and Training Center", em Londres, do qual Bion esperava tornar-se chefe. Porém, tal não veio a acontecer sentindo-se ultrapassado por um oficial da tropa.

Fica seriamente decepcionado, pede a sua transferência para o "Hospital Militar de Northfield" e a sua técnica não obteve o êxito esperado.

No Hospital de Northfield a eficácia deixava muito a desejar, mas Bion preconizava tornar este Hospital Psiquiátrico apto para dar respostas adequadas às necessidades. Enquanto Director do Sector de Reabilitação, irá considerar a reabilitação como um problema grupal.

A sua atitude clínica é, assim, do indivíduo para o grupo e a neurose será um problema a encarar de frente, em vez de se fugir dele como era habitual. Este sistema de reabilitação restabelecia a disciplina e ocupava de maneira útil as pessoas, constituindo um verdadeiro "espírito de grupo".

A sua experiência durou apenas seis semanas, mas esta manifestação de genialidade, lançada por Bion e Rickman, não cairá em saco roto e o "Hospital de Northfield" virá a tornar-se o "berço da comunidade terapêutica", figurando Bion como precursor dos grupos sem líder.

No início do ano de 1948, na "Clínica Tavistock", organiza grupos terapêuticos, consistindo o seu trabalho no "estudo das tensões" destes grupos. Uma vez criada a tensão pela ausência de regras, pela espera e pelas interpretações, pôde observar que o comportamento dos participantes está influenciado pelo que pensam - consciente ou inconscientemente - ser a atitude do grupo para com eles.

Verifica, também, que quando várias pessoas se juntam para efectuar uma tarefa, se podem observar dois tipos de tendências: uma dirige-se à realização da tarefa enquanto que a outra parece opor-se a ela. A actividade de trabalho é, assim, obstruída por uma actividade mais regressiva e primária.

Para dar corpo a este trabalho, Bion vai criar noções completamente novas, a saber:

- *a mentalidade de grupo*: este fenómeno grupal passa pelo facto de qualquer grupo manifestar uma mentalidade em oposição aos objectivos conscientes dos indivíduos que o constituem. A sua uniformidade contrasta, deste modo, com a diversidade dos pensamentos individuais. Afirmo Bléandonu: "A oposição conflitiva entre a necessidade individual e a mentalidade de grupo toma a forma de uma cultura de grupo que parece ser análoga ao inconsciente individual."<sup>125</sup>

Para dar maior precisão ao conceito de mentalidade de grupo, Bion introduz o conceito de *pressuposto básico*, termo que qualifica a mentalidade grupal.

Assim, ao trabalhar com a vida emocional dos grupos, descobre que o objectivo das relações no grupo se explica por três pressupostos básicos: "dependência", "acasalamento" e "ataque e fuga".

- O pressuposto básico de *dependência* surge na situação em que um grupo se reúne para ser sustentado por um líder, do qual depende para ser protegido e alimentado quer material, quer espiritualmente.

- O de *acasalamento* torna-se evidente quando, num grupo, duas pessoas monopolizam a conversa, mantendo-se o resto do grupo à parte não evidenciando, apesar disso, qualquer sentimento de exclusão. O que predomina é a esperança e é essencial que o líder do grupo seja vindouro. No entanto, esta esperança messiânica nunca deverá cumprir-se.

- O terceiro pressuposto básico diz respeito à reunião do grupo para lutar ou fugir de algo. A este estado mental dá o nome de grupo de *ataque e fuga*. O líder é todo aquele que apoie a agressão ou a evitação desta.

A característica principal de qualquer pressuposto básico é a existência de participação instantânea, inevitável e instintiva.

---

<sup>125</sup> - Gérard Bléandonu, *Ibid.*, p. 76

Em suma, os pressupostos básicos são o equivalente, para o grupo, de fantasias onnipotentes a respeito do modo como serão resolvidas as dificuldades, destinando-se a evitar a frustração inerente à aprendizagem pela experiência, aprendizagem esta que implica esforço, dor e contacto com a realidade.

Ao delimitar estas três configurações emocionais específicas, Bion propõe-nos um novo instrumento para a compreensão dos fenómenos grupais.

A "mentalidade de grupo" funciona como recipiente ou *continente* de todas as contribuições feitas pelos membros do grupo, enquanto que o conceito de "pressuposto básico" diz respeito aos *conteúdos* dessas opiniões.

Propõe, ainda, o termo *grupo-de-trabalho* que advém da sua observação de que um grupo se reúne sempre com um objectivo comum, utilizando métodos racionais e mantendo contacto com a realidade. Por isto, Bion considera-o com características semelhantes àquelas que Freud atribuía ao ego.

As funções do grupo de trabalho encontram-se sempre interpenetradas por qualquer um dos pressupostos básicos.

Utiliza a expressão *sistema proto-mental* para explicar tanto a ligação dos afectos quanto o destino dos pressupostos básicos inoperantes. Considera-o como um todo no qual o físico, o psicológico e o mental parecem indiferenciados funcionando como uma matriz que contém os protótipos dos três pressupostos básicos, anteriormente referidos.

Finalmente, postula a existência do *grupo de trabalho especializado* no qual se verifica que alguns grupos são responsáveis pela estimulação de dado pressuposto básico, por forma a que os seus objectivos sejam alcançados. Para uma melhor compreensão deste tipo de grupos, Bion vai debruçar-se sobre a Igreja e sobre o Exército.

Durante toda a sua vida, interessou-se pelos grupos e, em 1961, permite a reimpressão dos seus artigos sobre este tema, no entanto, o prefácio que escreve é já o prefácio do psicanalista chamando a atenção para o facto de que o "tratamento psicanalítico do indivíduo" e a "análise que faz sobre o grupo" abordam diferentes aspectos do mesmo fenómeno.

Mas, o período grupal não é mais do que um ramo da frondosa árvore que é a sua teoria. Um outro ramo, vasto ramo, é o seu interesse pela psicose, dando origem a um novo período - o período psicótico.

### 2.3. O período psicótico

A personalidade psicótica e o tratamento psicanalítico da psicose foram objecto de aprofundado estudo, realizado por Bion, no início dos anos cinquenta.

Nesta década, Bion considera-se como um membro do grupo kleiniano. Afirma: "mesmo quando não o admito explicitamente a obra de M. Klein ocupa uma posição central no meu modo de conceber a teoria da esquizofrenia".<sup>126</sup>

Como discípulo de Melanie Klein, vai seleccionar da sua teoria sobre psicose infantil três pontos cruciais:

- *a precocidade do complexo de Édipo*<sup>127</sup>: o corpo da mãe é concebido como palco de todos os acontecimentos sexuais, sendo as angústias sentidas e os ataques mais violentos dirigidos às imagos parentais;

- *o conflito pulsional*: para Klein as defesas opõem-se, nos estádios incipientes do conflito edípico, às pulsões destrutivas. Bion irá conceber a esquizofrenia dando relevo às pulsões, nomeadamente à pulsão de morte.

- *a estreita relação entre epistemofilia e sadismo*: a pulsão de saber é estimulada pelo aparecimento do complexo de Édipo e pela curiosidade sexual que o acompanha.

Klein e Bion defendem que a criança faz, a si mesma, as primeiras perguntas antes de ter atingido a linguagem verbal; mas, a insuficiência dos seus conhecimentos não lhe permite enfrentar a quantidade de questões que a assaltam.

Os primeiros trabalhos de Bion são contemporâneos da posição esquizo-paranoide. Toma-a como elemento central do desenvolvimento psíquico dado que a

---

<sup>126</sup> - W.R.Bion. (1953). Notas sobre a Teoria da Esquizofrenia. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ibid., p.33

<sup>127</sup> - M. Klein defende a existência de uma separação precoce das imagos parentais acalmando, deste modo, as angústias da criança e organizando o complexo de Édipo. O complexo de Édipo precoce resulta de clivagens defensivas que permitem dissociar a imago dos pais reunidos, estabelecendo um dos pais como bom e polarizando o outro as emoções agressivas. No decurso desta situação, cada um dos pais vai tornar-se alternadamente desejável. O complexo de Édipo será ultrapassado quando ambos os pais forem amados, i.é, quando a criança renunciar a eles enquanto objectos do seu instinto sexual.

resolução da posição depressiva depende, essencialmente, do modo como os elementos foram, ou não, modulados na posição anterior.

Mas se utiliza conceitos kleinianos, Bion baseia-se também na herança freudiana ao iniciar este novo período de trabalho do qual resultará uma verdadeira Teoria sobre a Esquizofrenia.<sup>128</sup>

Considerando de grande importância a compreensão dos fenômenos associados ao processo psicótico e o modo como se enfrentam e resolvem os fenômenos emocionais, Bion vai debruçar-se sobre a "consciência" - considerada por Freud, como o órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas - postulando a sua existência, ainda que sob uma forma rudimentar, desde o início da vida.

O nosso contacto com a realidade interna e externa está estreitamente relacionado com esse órgão. As múltiplas experiências da pessoa consigo mesma e com os outros implicam uma confrontação entre a sua tendência a "ter" ou "não ter consciência". Esta confrontação e as suas consequências configuram os diferentes modos de funcionamento individuais, nomeadamente o da personalidade psicótica.

Nesta caminhada teórica, Bion irá basear-se no modelo freudiano do aparelho psíquico, "posto em funcionamento" pelo princípio da realidade<sup>129</sup>.

Para dar corpo à sua teoria, debruça-se sobre as diferenças entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica<sup>130</sup>; seguidamente, examina a natureza das divergências entre estes dois tipos de personalidade e, finalmente, avalia as consequências desta forma de desenvolvimento.

Neste trabalho, irá basear-se em três pontos que considera indispensáveis:

1. A descrição que Freud fez do aparelho mental (1911), no artigo denominado "Os dois princípios do funcionamento mental". Neste, Freud debruça-se sobre o aparelho mental "posto em funcionamento" pelas exigências do princípio da realidade, particularmente sobre a parte destinada à percepção consciente das impressões sensoriais.

---

<sup>128</sup> - Em 1911, E. Bleuler, no seu livro "Demência precoce ou o grupo das Esquizofrenias", aplicou pela primeira vez o nome de esquizofrenia a um certo tipo de doentes que apresentavam como perturbação fundamental o enfraquecimento das associações que unem os diferentes pensamentos afectos e acções. A clivagem foi identificada por este autor como o mecanismo que predomina na esquizofrenia.

<sup>129</sup> - A relação do ego com a realidade é, como sabemos, central à concepção de Freud de como a psicose difere da neurose e de como a neurose difere de estados mais normais. Em condições normais, o ego encontra-se "subordinado" ao princípio da realidade. Realidade interna e externa que se dá a conhecer através dos sentimentos, da consciência e do pensar.

<sup>130</sup> - W.R.Bion.(1957). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago Ed. pp. 55-79.

2. A hipótese de Freud em *O Mal-Estar na Civilização* no que se refere à importância do conflito entre os instintos de vida e de morte<sup>131</sup>.

3. A descrição de Melanie Klein acerca dos ataques sádicos que, na fantasia, o bebê faz contra o seio durante a "fase" esquizo-paranóide e, finalmente, baseia-se na descoberta do mecanismo da identificação projectiva.

Melanie Klein aborda a psicose através da ansiedade. Na sua perspectiva, as nossas primeiras ansiedades são, em termos de conteúdo, psicóticas. O desenvolvimento normal "... pode ser considerado como uma combinação de processos através dos quais ansiedades de natureza psicótica são ligadas, elaboradas e modificadas."<sup>132</sup> Se estes processos de ligação, elaboração e modificação não ocorrerem, as ansiedades primitivas não modificadas ameaçam dominar a psique do bebê e do psicótico adulto, com tal intensidade, que o ego acabará por recorrer a um uso excessivo de defesas, nomeadamente a clivagem e a identificação projectiva.

Tendo presentes as noções de ódio à realidade e ao pensar, de perda da realidade pelo ego na psicose, propostas por Freud, e a existência de ansiedades primitivas não modificadas bem como o uso excessivo da clivagem e da identificação projectiva, defendidas por Melanie Klein, Bion irá, no seu artigo de 1957, estabelecer a diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica, nos seguintes termos:

"A diferenciação entre a personalidade psicótica e a não-psicótica depende da fragmentação, em pedaços mínimos, de toda aquela parte da personalidade que se relaciona com a percepção da realidade interna e externa e da expulsão dos minúsculos fragmentos, de forma que eles ou penetram nos objectos, ou os englobam."<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> - Este ponto é, depois de Freud, retomado por M. Klein que defende a manutenção deste conflito durante toda a vida, considerando-o de grande importância para a compreensão do esquizofrénico. Tivemos oportunidade de aprofundar no ponto 2.1.2. as diferentes visões de Freud e de Klein, acerca do assunto.

<sup>132</sup> - Melanie Klein. (1952). Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. *The Writings of Melanie Klein*, vol 3, in Edna O'Shaughnessy. *Psicose: O não pensar num mundo bizarro. Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Ibid., p.104.

<sup>133</sup> - W.R. Bion. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e não-psicótica. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ibid., p. 55.

A personalidade psicótica tem a sua origem na fragmentação e na expulsão dos meios pelos quais o ego ganha contacto com a realidade. São, deste modo, fragmentados e expulsos os sentidos, a consciência e o pensar.

Nesta sua reflexão, Bion, para além de repegar no conceito que Freud denominou de "princípio da realidade", acrescenta que existem duas pré-condições para que a mente institua um funcionamento psicótico:

- uma condição inata adversa, caracterizada pela preponderância de impulsos destrutivos, conflito entre as pulsões de vida e de morte, uma ansiedade de tal modo forte que lhe chamou "terror de aniquilamento iminente" e total intolerância à frustração; e,

- interacção desta disposição inata com um meio igualmente adverso.

Falámos de factores inatos, capacidade ou incapacidade para tolerar a frustração e de factores ligados com o meio, nomeadamente a capacidade ou incapacidade de "rêverie" materna, assunto que aprofundaremos no ponto 2.4.1. "Rumo à Teoria do Pensamento".

O que pretendemos estabelecer neste ponto é, em linhas gerais, a hipótese de Bion da constituição de uma matriz patológica, constituída por aspectos inatos adversos que, associados a uma "maternage" inadequada, conduzem à formação de uma personalidade psicótica, no início da vida.

Mais uma vez, podemos observar como as teorias de Freud e de Melanie Klein se harmonizam, dando lugar a uma teoria mais abrangente.

Neste contexto, Bion irá ainda pegar na distinção que Freud<sup>134</sup> fez, em 1924, entre Neurose e Psicose. De acordo com Freud, na neurose, a relação com a realidade é mantida à custa da repressão do instinto, enquanto que na psicose a relação com a realidade é perdida.

Segundo Bion, na psicose, encontramos-nos perante um "ódio à realidade e a tudo o que contribua para a percepção da mesma".<sup>135</sup>

Ampliando a função e importância do pensamento, fará duas modificações à tese defendida por Freud:

- a primeira prende-se com a sua hipótese, baseada na prática clínica, de que na psicose o ego não se retira integralmente da realidade;

---

<sup>134</sup> - S. Freud. (1924). Neurose e Psicose. Edição Standard das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* - ESB - Vol. XIX. Imago Editora.

<sup>135</sup> - Wilfred R. Bion. (1956). Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico. *Estudos psicanalíticos revisados*. Ibid., p. 58

- a segunda tem a ver com o facto de, a par de uma personalidade psicótica, existir uma personalidade não-psicótica, que se encontra obscurecida pela primeira.

Ouçamo-lo:

"Faria duas modificações na descrição de Freud, para colocá-la na mais estreita relação com os factos. Pelo menos no que se refere aos pacientes que temos chance de encontrar na prática analítica, não creio que alguma vez o ego esteja inteiramente afastado da realidade. Diria que o contacto com a realidade é mascarado pelo predomínio, na mente e na conduta do paciente, de uma fantasia onipotente, que visa destruir ou a realidade, ou a consciência que tenha dela e, assim, atingir um estado que não é vida, nem morte. Uma vez que jamais se perde, por completo, o contacto com a realidade, os fenómenos que costumamos associar às neuroses jamais estão ausentes ... . A existência de uma personalidade não-psicótica paralela à personalidade psicótica, embora obscurecida por esta última, depende disso - do facto do ego conservar contacto com a realidade."<sup>136</sup>

Continuemos a acompanhá-lo e a reflectir com ele:

" ... o afastamento da realidade é uma ilusão e não um facto, e decorre do emprego da identificação projectiva contra o aparelho mental mencionado por Freud, [é tão forte o domínio dessa fantasia] que fica evidente, para o paciente, que ela não é uma fantasia mas um facto, e este age como se o seu aparelho de percepção pudesse ser cortado em diminutos fragmentos e projectado no interior dos objectos."<sup>137</sup>

Assim, considerando o ódio à realidade sentido pelo psicótico e constatando que existe uma parte não psicótica da personalidade, Bion irá assinalar que, a par deste ódio, encontramos no bebé psicótico as fantasias de ataques sádicos ao seio, típicas da posição esquizo-paranóide. Ao estilhaçar os objectos e fragmentar o sector da personalidade que o leva a tomar conhecimento da realidade, por ele odiada, o psicótico tem a sensação de que não é capaz de restaurar os seus objectos ou o próprio ego.

Deste modo, todas as funções que Freud descreveu como sendo uma resposta evolutiva ao princípio da realidade, numa etapa mais avançada, são alvo, no princípio da vida, de ataques sádicos que conduzem à fragmentação das funções, sua expulsão da

---

<sup>136</sup> - Ibid., p. 59.

<sup>137</sup> - Ibid., p. 59.

personalidade e sua penetração ou enquistamento nos objectos. Na fantasia da pessoa, as partículas do ego expelidas seriam independentes, ora contendo objectos, ora sendo por eles contidas. Estas partículas são denominadas, de *objectos bizarros*.

A expressão "objecto bizarro" foi criada, por Bion, para descrever o tipo de objectos de que o paciente psicótico se sente rodeado. Através da identificação projectiva patológica, utilizada pela personalidade psicótica, na qual predominam a inveja e a voracidade, o psicótico tenta livrar-se do objecto mas também de todas as funções egóicas responsáveis pelo princípio da realidade, sobretudo dos elementos com função vinculativa. Afirma Bion:

"Se tivermos em conta que um dos objectivos do paciente, ao empregar a cisão e a identificação projectiva, é livrar-se da percepção da realidade, ficará claro que poderá conseguir o máximo de afastamento da realidade, com um mínimo de esforço, se puder desfechar esses ataques destrutivos exactamente no elo de ligação, seja qual for, que vincula as impressões sensoriais à consciência."<sup>138</sup>

O resultado será, então, o objecto bizarro composto por uma parte da personalidade e por partes de objectos que mantêm, entre si, uma relação negativa de continente-conteúdo.

Debruçar-nos-emos, mais aprofundadamente, sobre os conceitos de continente e de conteúdo. Queremos no entanto introduzir, desde já, a ideia de que o continente dá forma e limites seguros ao que contem, enquanto que o conteúdo dá sentido ao contexto que o contem. Na relação mãe-filho, a mãe é o continente para as aflições do seu bebé.

As particularidades da personalidade do esquizofrénico fazem com que este passe pelas posições esquizo-paranóide e depressiva, de modo bem diferente daquele com que o fazem personalidades não-psicóticas<sup>139</sup>. A divergência entre estes dois tipos de personalidade depende, essencialmente, do facto do psicótico recorrer ao uso maciço da identificação projectiva enquanto que o não-psicótico utiliza a repressão. Logo, e contrariamente ao neurótico, o psicótico constitui um mundo de objectos sem inconsciente e sem sonhos.

---

<sup>138</sup> - Ibid., p. 61.

<sup>139</sup>- Quando falamos de personalidade psicótica e de personalidade não-psicótica, temos presente que toda a pessoa contem, potencialmente, funcionamentos mentais e respostas derivadas da personalidade psicótica que se manifestam como hostilidade ao aparelho mental, à consciência e à realidade quer interna quer externa.

Finalmente, o uso da identificação projectiva maciça impede o psicótico de introjectar e, conseqüentemente, de constituir uma base sólida de bons objectos que são condição para o pensamento verbal.

Em resumo, de entre os traços da personalidade psicótica, destacamos a intolerância à frustração, o predomínio dos impulsos destrutivos, nomeadamente o ódio violento à realidade, aos sentidos e às partes da personalidade que servem para reconhecer e contactar a realidade e o ódio à consciência e a todas as funções<sup>140</sup> que se lhe encontram associadas.

Os artigos que Bion escreve, cuja originalidade lhe assegura um lugar destacado no tratamento das psicoses, colocam a ênfase na relação entre pensamento, linguagem e psicose.

Baseado no artigo de Freud, "O Inconsciente" (1911), Bion vai defender que "o pensamento verbal é a característica essencial de todas as cinco funções do ego e que os ataques destrutivos ao pensamento verbal ou aos seus rudimentos constituem, inevitavelmente, um ataque a todas."<sup>141</sup> Quanto à natureza destes ataques, o autor considera-os verdadeiros exemplos dos mecanismos descritos por Melanie Klein nas posições esquizo-paranóide e depressiva e, sobretudo, da identificação projectiva.

O conceito de "identificação projectiva", construído para dar conta dos fenómenos da fantasia onipotente de que partes não desejadas da personalidade e dos objectos internos podem ser dissociadas e projectadas no interior do outro, sofreu transformações ao apropriar-se de outros conceitos e ainda ao evidenciar a sua componente comunicativa e construtiva.

Reflectindo sobre a identificação projectiva, escreve Amaral Dias:

"... os níveis afectivos, cognitivos e transformadores presentes na identificação projectiva foram, pela mão de Bion, introduzidos no conceito. A projecção passou a ser assim uma forma de procurar significações ou de expulsar uma significação intolerável ou ainda de evacuar uma não significação."<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> - Estas funções, correspondem, tal como Freud as descreve, às funções da consciência ligadas aos órgãos sensoriais. A saber: notação, atenção, juízo, controle da mobilidade e pensamento.

<sup>141</sup> - W.R.Bion. (1953). *A Linguagem e o Esquizofrénico. Novas Tendências na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A.. 2ª.edição. p. 234

<sup>142</sup> - Carlos Amaral Dias. (1987). Reflectindo a partir de Bion. *Psicanálise* 5. Porto: Afrontamento, p.25

Também Michael Feldman<sup>143</sup> encontra dados, na sua prática clínica, que o levam a afirmar que a projecção não é apenas fantasia interna, usada para comunicar um estado emocional ou estados mentais, mas que é um meio real de "afectar" o objecto e de influenciar o seu comportamento. Bion, nas descrições que faz de casos clínicos, ressalta igualmente este aspecto, através das suas vivências enquanto psicanalista.

Debruçando-se sobre a divisão do pensamento verbal, Bion vai afirmar que esta divisão se realiza de forma cruel, sendo as tentativas de síntese, inerentes à posição depressiva, frustradas por esta crueldade. Este mecanismo de divisão encontra-se ao serviço da voracidade do psicótico sendo:

"...o resultado de uma determinação que se pode expressar verbalmente como uma intenção de ser tantas pessoas quanto possível, de modo a estar em tantos lugares quanto possível, assim como obter tanto quanto possível durante tanto tempo quanto possível - na verdade indefinidamente."<sup>144</sup>

Finalmente, conclui que no começo da posição depressiva infantil os elementos do pensamento verbal aumentam em intensidade e profundidade e, conseqüentemente, a realidade psíquica e sofrimento associados ficam exacerbados. Como forma de reduzir este sofrimento, a pessoa regride à posição esquizo-paranoide destruindo a sua capacidade embrionária de pensamento verbal.

A propósito, afirma no seu artigo "A Linguagem e o Esquizofrénico":

"Em minha concepção, o que Freud descreve como a instituição do princípio da realidade é um acontecimento que nunca foi satisfatoriamente alcançado pelo psicótico, e o principal malogro ocorre no ponto que Melanie Klein descreve como o desenvolvimento da posição depressiva."<sup>145</sup>

Para se defender da depressão e culpabilidade, associadas à posição depressiva, o psicótico desfecha ataques destrutivos sobre os aspectos do seu ego responsáveis pelo contacto entre o "interior" e o "exterior".

---

<sup>143</sup> - Michael Feldman. (1992). Cisão e Identificação Projectiva. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Ibid., pp. 88-102.

<sup>144</sup> - W.R.Bion.(1953). A Linguagem e o Esquizofrénico. *Novas Tendências na Psicanálise*. Ibid., pp. 234-235

<sup>145</sup> - W.R.Bion. (1953). A Linguagem e o esquizofrénico. Ibid., p. 233

Desta forma, baseando-se na herança freudiana numa estreita ligação com os conceitos de Melanie Klein, Bion desenvolve uma verdadeira teoria<sup>146</sup> da psicose, rapidamente adoptada pela maioria dos kleinianos.

Mas, a partir dos anos sessenta, não se preocupa mais com o facto de ser ou não kleiniano.

O seu êxito profissional e social é uma realidade. A vida familiar é tranquila, os seus interesses aumentam e a sua criatividade dispara.

Iniciar-se-á, então, um novo período na vida deste pensador, que surpreenderá a comunidade psicanalítica ao publicar diversos livros com conteúdos perturbadores e ambiciosos.

## 2.4. O período epistemológico

É, assim, com mais de sessenta anos que Bion inicia este período da sua obra. Afirma Bléandonu: "Se a criatividade é avaliada pela sua originalidade e profundidade, não há a menor dúvida de que Bion atingiu o apogeu nesta época."<sup>147</sup>

O salto do período psicótico para o epistemológico se tem a ver com a ruptura de conteúdos, tem igualmente a ver com o modo como estes se expressam. Nos primeiros períodos, a produção surge sob a forma de artigos expostos verbalmente nas sociedades científicas, enquanto que no período epistemológico a teoria revela-se sob a forma de livros, abarcando a globalidade das questões seleccionadas. A metodologia utilizada na escrita inspira-se na técnica analítica, sendo um convite que favorece o processo de associação e de elaboração. Escreve Bléandonu, acerca da obra de Bion: "Esta funciona como um continente intelectual que permite ao leitor introjectar um estado de espírito favorável à busca da verdade."<sup>148</sup>

Debrucemo-nos, então, sobre as suas ideias nesta etapa do seu pensamento.

---

<sup>146</sup> - A palavra "teoria" veio do modelo visual, tal como no-lo ensina Muniz de Rezende: "o modelo da visão está presente na própria palavra "teoria", que vem do grego *oráo*, que significa ver. A teoria é uma visão (...). Visão, ideia, teoria são palavras empregues a partir do modelo visual". António Muniz de Rezende. (1994). *A Metapsicanálise de Bion*. Campinas: Papyrus Ed., p.96.

<sup>147</sup> - Gérard Bléandonu. *Ibid.*, p.139

<sup>148</sup> - *Ibid.*, p.141

### 2.4.1. Rumo à teoria do pensamento

*"todo o pensamento é verdadeiro enquanto não for formulado por um pensador"*

W.R.BION

O desenvolvimento do pensamento, a sua natureza e conteúdos a partir das origens mais primitivas, tem dado lugar a inúmeras reflexões e estudos elaborados ao longo dos tempos. No seu trabalho, "Uma Teoria do Pensamento", Bion desenvolve uma das suas ideias mais atractivas e avançadas: a da existência de um aparelho para pensar os pensamentos.

Debruçando-se sobre o pensar, considera que este resulta da conjugação feliz de dois desenvolvimentos básicos:

- o desenvolvimento dos pensamentos, exigindo estes um aparelho para os pensar;
- o desenvolvimento deste aparelho.

A teoria do pensamento estabelece, assim, a existência de pensamentos e de um "aparelho para pensar".

Mas, com o termo "pensar", designa dois processos diferentes:

- um "pensar" que dá origem aos pensamentos;
- e, um "pensar" que consiste em usar os pensamentos epistemologicamente pré-existentes.

Para tal, é necessária a diferenciação, dentro do psiquismo, de um aparelho especial para "pensar os pensamentos", sendo os pensamentos considerados como genética e epistemologicamente anteriores à capacidade de pensar.

Baseando-se no modelo do desenvolvimento infantil e na relação mãe-filho, expõe o modo como o pensamento evolui para a abstracção e complexidade partindo de origens rudimentares. Tomando como modelo esta relação, podemos, de forma esquemática, apresentar e compreender os conceitos envolvidos na sua teoria:

- o bebé chora, pressionado pela fome, e a mãe satisfá-lo: temos a união de uma *pré-concepção*<sup>149</sup> (expectativa inata de seio) com uma *realização* o que dará lugar

---

<sup>149</sup> - citando Kant, Bion considera que a pré-concepção pode ser concebida como um "pensamento vazio".

a uma *concepção* com qualidade sensório-perceptiva. Se a pré-concepção corresponde a um conhecimento *a priori* do seio, a tomada de consciência da realização acompanha-se, então, de desenvolvimento conceptual.

A propósito deste encontro, afirma Muniz de Rezende: "Deu tudo certo. Havia uma pré-concepção, uma realização, o seio estava lá, houve concepção, um conceito, um nome."<sup>150</sup>

Mas Bion limitou o termo "pensamento" à união de uma pré-concepção com uma frustração, ou seja:

- o bebé tem fome e a mãe não está para o satisfazer: temos a união de uma "pré-concepção" com uma *realização negativa* (a ausência de seio). Estamos, deste modo, perante uma frustração (provocada pelo não-seio) que pode dar lugar ao aparecimento do *pensamento* propriamente dito. Afirma o autor:

"Restringirei o uso do termo «pensamento» à união de uma pré-concepção com uma frustração. Esta união é sentida como uma ausência de seio ... . A etapa seguinte depende da capacidade que a criança tem de tolerar a frustração."<sup>151</sup>

Amaral Dias, abordando esta questão, ajuda-nos a compreender melhor a noção de "não-seio" ao afirmar:

"...a minha ideia é que a pré-concepção do objecto se junta a uma realização negativa do objecto mais uma determinada quantidade de tolerância à frustração. A pessoa há-de tolerar a frustração do negativo: e esta realização negativa, que se junta a uma pré-concepção é que caracteriza um conceito ... implica a existência de uma coisa chamada não, o não-seio; não é ausência de seio mas uma entidade chamada não-seio. ... Para Bion a ausência do objecto cria uma realização negativa do objecto (isto é, uma entidade como a existência própria do objecto).<sup>152</sup>

Freud, no seu texto "Dois princípios do funcionamento mental" (1911), estabelece a origem evacuatória do pensamento, defendendo que a descarga motora alivia o aparelho psíquico de uma sobrecarga de excitação durante o predomínio do

---

<sup>150</sup> - António Muniz de Rezende.(1995). *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papyrus Ed. p. 44.

<sup>151</sup> - W. R. Bion. (1964). *Theorie de la pensée. Revue Française de Psychanalyse. Tome 28. Ibid.*, p. 77.

<sup>152</sup> - Carlos Amaral Dias. (1990). "Sobre o Saber e a Ignorância". *Psicologia Clínica* 3/4. Lisboa: Escher. p. 26.

princípio do prazer. Neste mesmo artigo, debruça-se sobre o princípio da realidade que é, na sua perspectiva, sincrónico com o desenvolvimento de uma capacidade de pensar, ou seja, com a capacidade de "preencher o vazio" da frustração, entre o momento em que a necessidade é sentida e o momento em que dada acção apropriada culmina na sua satisfação.

Freud fala-nos na necessidade de "preencher o vazio" da frustração. Frustração que não é só do plano físico mas que é também do plano do desejo.

Também Bion valoriza fortemente a frustração e debruça-se sobre a capacidade de a criança a tolerar ou não. Acompanhemos as suas ideias:

- Se o bebé tem *tolerância à frustração*, frente a uma experiência de realização negativa, surgirá nele uma noção de ausência de objecto e de frustração, ou seja, um problema a solucionar que é, para Bion, o pensamento propriamente dito.

Afirma: "Se a capacidade de tolerância à frustração é suficiente, o não-seio em si torna-se um pensamento e um aparelho para pensar se desenvolverá."<sup>153</sup>

- Mas se a capacidade de *tolerância à frustração* é insuficiente, o "não-seio" interno confronta a psique com a necessidade de decidir pela fuga à frustração. No sentido kleiniano, o bebé tenderá à evasão da frustração, mediante o desenvolvimento do aparelho para a identificação projectiva, tornando-se assim mais onipotente, logo, menos realista e sem capacidade para levar em conta a presença real do "objecto continente".

Escreve Bion:

"Um lactente capaz de tolerar a frustração pode permitir-se ter um sentido da realidade, de ser dominado pelo princípio da realidade. Se a sua intolerância à frustração vai além de certo limite, começam a funcionar os mecanismos onipotentes, especialmente, a identificação projectiva."<sup>154</sup>

A mente deste bebé funcionará como um músculo que descarrega continuamente "elementos-beta" e não se formará o "aparelho para pensar os pensamentos".

A *tolerância à frustração* é, por tudo o que temos vindo a referir, de grande importância no processo de formação dos pensamentos e da capacidade de pensar.

Temos, deste modo, segundo Muniz de Rezende:

---

<sup>153</sup> - W. R. Bion. *Theorie de la pensée*. Ibid., p.77

<sup>154</sup> - W. R. Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p. 60

"... de um lado a pré-concepção, realização, encontro, concepção, conceito, conhecimento. De outro lado, pré-concepção, realização negativa de não-seio, frustração, pensamento. A frustração é uma paragem no processo de conhecimento e uma viragem para o processo de pensamento."<sup>155</sup>

Assim, se a capacidade de tolerar a frustração é suficiente, o "não-seio" torna-se num pensamento e desenvolve-se um *aparelho para pensar*.

Na formação deste aparelho tomam parte dois mecanismos:

- o primeiro está representado pela relação dinâmica entre algo que se projecta: o "*conteúdo*" e o objecto que o contém: o "*continente*";
- o segundo está representado pela relação dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva: (PS ↔ D).

Torna-se particularmente importante introduzir, neste momento, a noção de *função*. Bion postula o "pensar" como uma função da personalidade que surge da interacção de uma variedade de factores. Em *Aprendiendo de la Experiencia*, propõe uma *teoria das funções* na qual a *função-alfa* desempenha um papel primordial quer como instrumento no trabalho psicanalítico, quer como mecanismo responsável pela transformação de uma experiência emocional em *elementos-alfa*. Esta transformação é fundamental para que a pessoa aprenda com a experiência.

Se a *função alfa*<sup>156</sup> se encontra perturbada não é possível a modificação das impressões sensoriais e das emoções, resultando daqui a produção de *elementos-beta* que serão vividos como "coisas-em-si" e, finalmente, evacuados através da identificação projectiva. Deste modo, se a função-alfa se encontrar inoperante e só existirem elementos-beta, não será possível a aprendizagem nem os processos de repressão e recalçamento. Logo, a pessoa será incapaz de captar os estímulos sensoriais e, conseqüentemente, de obter um contacto adequado com a realidade.

Os *elementos-alfa* ( $\alpha$ ) são dados sensoriais, correspondentes à percepção dos objectos materiais, nos quais se pode incluir a mãe. Estes elementos nasceriam na fase do objecto unificado que se encontra significativamente rodeado de associações e,

<sup>155</sup> - António Muniz de Rezende.(1994). *A Metapsicanálise de Bion*. Campinas: Papyrus Ed. Ibid., p. 45

<sup>156</sup> - A função-alfa representa uma incógnita. Ela deverá encontrar uma realização que a satisfaça, como em matemática um elemento satisfaz os termos de uma equação. Por intermédio desta função, Bion faz a descrição de um aparelho hipotético capaz de transformar os dados sensoriais em pensamentos oníricos e pensamentos inconscientes da vigília.

através deles, far-se-ia a consolidação com a passagem do objecto unificado a objecto permanente. Neste estágio, a representação ganharia novo significado emocional tornando possíveis todas as construções posteriores a nível representativo e afectivo.

Estes elementos podem ser transformados, armazenados ou reprimidos. Deste modo, as impressões sensoriais e experiências emocionais são transformadas em imagens visuais ou imagens que correspondem a modelos olfactivos, auditivos, etc. No domínio do mental, são utilizados para a formação de pensamentos oníricos, do pensar inconsciente, sonhos e recordações.

As impressões sensoriais e experiências emocionais não transformadas são denominadas *elementos-beta* ( $\beta$ )<sup>157</sup> que são vividos como "coisas-em-si", permanecendo no seu estado original, e sendo geralmente evacuados através da identificação projectiva.

Bion considera os *elementos-alfa* como "fenómenos" e os *elementos-beta* como "factos não digeridos". Os primeiros são digeríveis, alimentando o pensamento, enquanto que os segundos são eliminados através da identificação projectiva.

No seu modelo, vai propor a existência de uma *barreira de contacto* que funciona como uma membrana semi-permeável separando os fenómenos mentais em dois grupos: "dormir versus estar acordado", "consciente versus inconsciente" e "passado versus futuro". Trata-se de uma estrutura que faz parte do aparelho mental, produzida pela "função-alfa", com o propósito de proteger o contacto com a realidade evitando que esta seja distorcida por emoções de origem interna. Tem, no fundo, uma função parecida com o sonho enquanto protector do dormir.

Porém, a "barreira do contacto" pode deteriorar-se. Os "elementos-alfa" ficam então despojados das suas características, convertendo-se em "elementos-beta" aos quais se agregam vestígios do ego e do super-ego, configurando os *elementos bizarros* que surgem na patologia, e já abordados quando nos debruçámos sobre o período psicótico.

Por isto, Bion vai defender a existência de uma tela, a *tela-beta*, proveniente de um aglomerado de elementos que, não podendo ligar-se entre si, não permitem o estabelecimento de uma divisão funcional entre consciente e inconsciente.

No modelo mãe-criança, que tem sido o exemplo eleito, a mãe é o continente afectivo das sensações do bebé. Com a sua maturidade e capacidade de estar atenta às

---

<sup>157</sup> - No modelo de Bion, os elementos-beta são o caos, ou melhor, é tudo, como nos ensina Muniz de Rezende. O elemento-alfa é o visto, de entre o todo que é olhado. (Não esqueçamos que olhar é uma coisa, ver é outra).

necessidades do seu filho - "rêverie"<sup>158</sup>- vai conseguir transformar a fome em satisfação, a solidão em companhia e a dor em prazer. Vejamos como:

- perante a frustração, o bebé tende a evacua-la. Esta evacuação do "seio-mau", no seio real externo, produz-se através da identificação projectiva realista. A mãe, através da sua capacidade de "rêverie", irá transformar as sensações desagradáveis ligadas ao "seio-mau" e procurar alívio para o seu filho. Esta experiência emocional modificada e tornada tolerável é, então, reintrojectada pelo lactente, tornando-o capaz de suportar a frustração.

Segundo Muniz de Rezende, a criança projecta na mãe que acolhe, elabora e devolve o que foi projectado, mas acrescido de um sentido que ela lhe dá. Este sentido é descoberto pela mãe, graças à "rêverie", ou seja, à sua capacidade de gestar, de pensar o vivido do seu filho. "Ela devolve nomeando", afirma este autor que acrescenta: "para Bion, o conceito é o nome que a mãe dá ao vivido do bebé."<sup>159</sup>

Mas, a mãe pode não ser capaz de suportar estas projecções ansiogénicas, ou seja, a mãe falha e, então, uma nova carga cai sobre o lactente. Tal como afirma Bléandonu: "...o bebé fica limitado a utilizar a identificação projectiva com uma frequência e força cada vez maiores [e] ... acaba reintrojectando «um terror sem nome»".<sup>160</sup>

No mesmo sentido, aponta Muniz de Rezende quando afirma: "Angustiada, a mãe acrescenta ao medo da criança a sua própria angústia ... medo + angústia = pânico. É a loucura a dois"<sup>161</sup>.

O desenvolvimento dos pensamentos e do pensar dependem, deste modo, de:

- 1) factores inatos - *tolerância à frustração*;
- 2) e de factores ambientais - *capacidade de "rêverie" materna*.

Estes factores, em inter-relação, determinarão a evolução da capacidade para pensar que, no caso de evolução positiva, dará lugar à formação de conceitos, abstracções, etc. A capacidade de associar pensamentos, de criar símbolos e linguagem inclui, para além da correlação, a *publicação* e a *comunicação*.

---

<sup>158</sup> - a capacidade de "rêverie" permite ao bebé a reintrojecção das experiências emocionais modificadas, ou seja, a reintrojecção da "função-alfa", aspecto não sensorial do amor da mãe.

<sup>159</sup> - António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion*. Ibid., p. 45

<sup>160</sup> - Gérard Bléandonu. Ibid., p. 144. O termo "terror sem nome" é referido por Bion durante os seus tempos de guerra. Foi esta vivência, que certamente o ajudou a compreender de forma tão sensível o que pode ser este "vivido" infantil.

<sup>161</sup> - António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion*. Ibid., p.20

A *publicação* corresponde à capacidade de trazer para o mundo exterior dados do nosso mundo interno, enquanto que a *comunicação* se realiza, primitivamente, pela identificação projectiva realista e desenvolve-se como parte da capacidade social do indivíduo.

*Mas porque é que se desenvolve um aparelho-para-pensar?*

Bion costumava responder com a seguinte metáfora: "... a incapacidade de juntar os dados sensoriais produz «um estado mental de debilidade como se a privação da verdade fosse análoga à privação do alimento.»"<sup>162</sup>

O desenvolvimento deste aparelho para pensar os pensamentos prende-se, assim, com a nossa necessidade de buscar a verdade. Verdade que jamais veremos de frente, mas que nunca poderemos perder de vista.

É no período epistemológico que se torna claramente visível a preocupação com a verdade, surgindo a Psicanálise como a disciplina dedicada à sua busca.

A partir de certo momento, as ideias de Bion surgem-nos mais orientadas para discussões epistemológicas ou filosóficas. Exemplo disto, são as afirmações em que postula a existência do "pensamento" sem que a presença de um pensador para pensá-lo, seja essencial ou indispensável. Na sua opinião, todo o pensamento é verdadeiro enquanto não for formulado por um pensador. Retomaremos estas ideias, de forma mais aprofundada, no capítulo IV da nossa dissertação.

Continuemos a reflectir sobre as ideias de Bion tendo consciência de que a sua teoria sobre o pensamento e o pensar é, simultaneamente, uma teoria sobre o conhecer, valorizando assim a evolução do conhecimento que o indivíduo tem de si mesmo e dos outros.

#### 2.4.2. Sobre o conhecimento

*"conhecer é um acidente inevitável de ser"*

A teoria de Bion acerca do pensamento e do pensar é, simultaneamente, uma teoria sobre o conhecimento, sobre a aprendizagem através da experiência e, essencialmente, sobre a questão do ser.

Até Kant a pergunta era:

---

<sup>162</sup> - W.R. Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p. 85.

- "o que conhecemos quando dizemos que conhecemos?"

Com Kant, a pergunta começou a ser:

- "o que dizemos quando dizemos que conhecemos?"

A ênfase deixa pois de ser colocada no conhecimento para se transformar na questão do pensamento e da linguagem. Bion utiliza Kant como modelo, mas uma vez intuído o que considera essencial, abandona-o. "E a grande intuição é que SER é mais importante do que DIZER".<sup>163</sup>

A sua teoria do conhecimento (embora para Bion conhecer seja, de algum modo, limitar enquanto que pensar é abrir), parte do princípio de que todo o conhecimento tem origem em experiências primitivas de carácter emocional, relacionadas com a ausência do objecto. Quanto às emoções básicas que estão presentes, sempre que existe um vínculo entre dois objectos, são: o amor, o ódio e o conhecimento, que Bion representa da seguinte forma: "L" de "love", "H" de "hate" e "K" de "knowledge". O termo vínculo descreve uma experiência emocional em que duas pessoas, ou duas partes da mesma pessoa, se encontram relacionadas.

O sinal K refere-se ao vínculo entre um sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que se presta a ser conhecido. O vínculo K pode, deste modo, representar a pessoa que procura conhecer a verdade sobre si própria.

Conhecer a verdade sobre si mesmo é uma função da personalidade que existe desde o princípio da vida e que se irá desenvolvendo. O desenvolvimento desta função vai sendo conseguido através de sucessivas e variadas experiências emocionais nas quais intervêm os mecanismos continente-conteúdo e a interacção dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva PS ↔ D.<sup>164</sup>

A esta função, que se encontra relacionada com o conhecimento da realidade psíquica, chamou Bion *função psicanalítica da personalidade*.

O modo como adquirimos o conhecimento é importante. O vínculo K, à semelhança da pré-concepção, refere-se a uma expectativa de saber algo. A atitude *conhecer*, utilizando o modelo continente-conteúdo e a relação entre ambos com um "transfundo emocional de dúvida tolerada", é a actividade pela qual a pessoa ganha

---

<sup>163</sup> - António Muniz de Rezende. (1993). *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas: Papyrus p. 21

<sup>164</sup> - Neste ponto, parece-nos interessante reflectir à cerca da filosofia oriental, e encontrar semelhanças com o pensamento dos filósofos chineses. Estes viam a realidade, a cuja essência primária chamaram *tao*, tal como um processo de contínua mudança. Todos os fenómenos que observamos participam deste processo cósmico e são intrinsecamente dinâmicos.

consciência da experiência emocional e abstrai dela uma formulação que representa essa experiência. Este processo de abstracção é indispensável à experiência emocional do vínculo K, uma vez que os elementos extraídos servem para a aprendizagem pela experiência e para a compreensão.

Como modelo do vínculo K, temos os mitos, tema que aprofundaremos no capítulo IV.6., e verificaremos como estes têm sido uma fonte imensa de conhecimento.

Acerca das origens da aspiração ao conhecimento, Freud parece admitir a subordinação da curiosidade ao instinto sexual. No entanto, Melanie Klein considera o impulso epistemofílico como arcaico, surgindo, em sua opinião, antes da fala. Consequentemente, o desejo de saber está destinado à insatisfação. Muito do desamparo primitivo da criança advém, segundo a autora, do facto da criança, face à sua avidez de saber, não poder utilizar as palavras para a expressar.

Com Bion encontramos uma posição conceptual mais radical proposta através das três ligações essenciais: L, H e K, ganhando K uma autonomia em relação ao amor e ao ódio que nem Freud nem Klein formularam. Mas K está também em função do amor e do ódio, do sim e do não, como nos lembra Muniz de Rezende<sup>165</sup>.

Para Bion, a ligação K toma vários aspectos: procurar um conhecimento para não experimentar uma vivência dolorosa de perda (está implícita a procura da onisciência) e buscar conhecimentos parciais, que sejam ponto de partida para novos conhecimentos; encontrando-se aqui incluída a aprendizagem pela experiência.

A esquiva à dor pode estar ao serviço da actividade "vínculo -K", predominando, do ponto de vista emocional, a inveja e a voracidade que em termos de continente-conteúdo constituem uma relação destrutiva, na qual significados e emoções são despojados de vitalidade. Logo, não haverá desenvolvimento possível.

Em -K não haverá função que discrimine "verdade" de "mentira", "coisa-em-si" de "representação". Estamos, então, no domínio da personalidade psicótica ou da parte psicótica da personalidade.

#### **2.4.2.1. Distúrbios do conhecimento**

Bion debruça-se sobre os distúrbios do conhecimento. Destes, destaca o "*des-conhecimento*" e a "*inversão de perspectiva*".

O primeiro -"des-conhecimento"- torna-se visível através do facto de alguns analisandos tentarem entravar as tentativas de interpretação do analista. Bion sugere

---

<sup>165</sup> - Muniz de Rezende. *Wilfred R. Bion. Uma Psicanálise do Pensamento*. Ibid. p.138.

que a actividade de conhecer, K, se inverte, transformando-se em -K. Em -K existe infiltração da inveja na relação entre "continente" e "conteúdo" e o crescimento mental não é possível uma vez que a inveja elimina a possibilidade de relação. O sentimento aproxima-se, nesta situação, de "um terror sem nome" que vem substituir o medo da morte, no interior do lactente.

Através do segundo distúrbio - inversão de perspectiva - ocorre a fuga à dor mental inerente ao processo de crescimento. Na peça de Sófocles, *Édipo Rei*, este distúrbio ganha forma quando Tirésias afirma a Édipo que este é o assassino que procura, e Édipo considera-o louco por esta afirmação.

Sigamos, por um momento, esta fala:

"Tirésias - Digo que és tu próprio o assassino que procuras.

Édipo - Contas com a impunidade?

Tirésias - Decerto se a verdade ainda tem alguma força.

Édipo - Sem dúvida que tem, mas não por ti; não por ti que és cego dos olhos, dos ouvidos e do espírito. ... Andas perdido na noite eterna e não me podes ofender a mim, nem a nenhum dos que vêem luz."<sup>166</sup>

O que Édipo faz é a inversão de perspectiva<sup>167</sup> quando proclama a loucura do adivinho, a "cegueira de espírito", mobilizando, assim, todos os recursos para afastar tudo o que possa ameaçar a sua convicção.

A inversão torna estática uma situação dinâmica e impede o desenvolvimento psíquico. Este tema será ainda abordado no capítulo IV.5. "O Tratamento", desta dissertação.

Os distúrbios do conhecimento são, deste modo, fugas à verdade e formas de mentira;

### 2.4.3. Sobre a verdade e a mentira

Bion, nesta sua viagem ao longo do pensamento e do pensar, debruça-se, de modo extremamente interessante, sobre questões como "verdade", "falsidade" e

---

<sup>166</sup> - Sófocles. *Édipo Rei*. 7ª. edição. Lisboa: Clássicos Inquérito. (1992). pp. 30-31

<sup>167</sup> - Bion baseia-se no modelo da Psicologia Experimental da figura-fundo que para uns é uma jarra e para outros dois perfis. O "Vaso de Rubin" de Edgar Rubin. Quando se consegue ver ambas as figuras, Bion relaciona isto com a compreensão interna a que chamamos de "insight".

"mentira". Sustentando que todo o pensamento uma vez formulado é falso, se confrontado com a "verdade do facto que formula", vai considerar que a "verdade" é essencial para o crescimento mental.

Quanto à verdade absoluta, esta é um "pensamento sem pensador", um "conteúdo sem continente". Exemplo disto, podemos considerar a sexualidade infantil que sempre existiu mas que apenas ganhou "forma" quando Freud a enunciou.

Na sua obra, *Transformations*, Bion fala-nos das transformações em "O". "O" tem um carácter incognoscível, podendo chamar-se-lhe a "verdade absoluta", a "coisa-em-si-mesma", o "desconhecido", o "infinito".

As transformações em "O" estão relacionadas com um processo de exploração e elaboração cognitiva, associada com a pulsão epistemofílica a que Bion denominou "vínculo K" ou "estado mental de curiosidade". Mas como esta forma de conhecimento era insuficiente para a aproximação à realidade psíquica, destacou a importância da transformação  $K \rightarrow O$ , como a que possibilita alcançar o conhecimento mais profundo e vivencial da realidade psíquica: "o devir O".

A transformação em "O" é algo como "ser o que se é", ou seja, "a pessoa e a sua própria verdade".

Falámos, anteriormente, de "pensamentos-sem-pensador" e de pensadores ...

*mas como se estabelece a relação de um pensador com o pensamento?*

Bion considera que esta relação pode ser de três tipos: comensal, simbiótica e parasitária.

No primeiro caso: a *comensal*, "ideia nova" e "pensador" não se influenciam entre si. Este estado de coisas pode mudar quando, em dado momento da sua evolução, ideia e pensador se encontram. Ocorre então aquilo a que Bion chama "*mudança catastrófica*". Esta pode comparar-se a uma explosão que transforma um momento "pré-catastrófico" em outro "pós-catastrófico", rico em emoções.

A mudança catastrófica está, assim, associada a uma transformação. Não é um desastre, é apenas o ponto de partida de uma evolução.

A teoria das transformações pode ser aplicada a este acontecimento catastrófico que é, no fundo, uma conjunção constante de elementos e factos entre um conteúdo e um continente.

Se o continente é a "mente" ou a "personalidade" e o conteúdo é "O", a sua interação envolverá violência, subversão e invariância enquanto processo de transformação.

Da mudança catastrófica surgirá uma relação *simbiótica*, na qual "pensamento" e "pensador" evoluem numa relação mutuamente benéfica.

Desta relação irão emergir pensamentos; pensamentos a ser formulados. Pensamentos inclusos na relação continente-conteúdo em K, e como tal falsos. Falsos quando comparados com a "verdade original".

Se o vínculo é -K, a relação "pensamento não pensado" e "pensador" é *parasitária*, logo, o resultado desta interacção é a mentira, existindo, conseqüentemente, uma destruição mútua de pensamento e pensador.

Nesta dissertação, dividimos a obra de Bion em três períodos: o período grupal, o período psicótico e, finalmente, o período epistemológico sobre o qual nos detivemos de maneira mais alargada, dada a riqueza e a profundidade dos conceitos nele contidos.

Na frondosa árvore que é a sua obra e a sua teoria, centrámo-nos sobre estes três períodos. No entanto, autores há que referem a existência de um quarto período: o período místico. Afirma Muniz de Rezende:

"Com mudança de vértice, passamos para um quarto período reconhecido como místico, caracterizado pela "busca da verdade última" em que o analista se põe de acordo com O, em direcção a O. Neste período, o interesse de Bion passa do campo do conhecimento para o do ser."<sup>168</sup>

Trata-se de SER de acordo com "O", em direcção a "O". Aspecto que abordámos e que voltaremos a retomar. Mas, porque é impossível abarcar neste trabalho toda a sua obra, optámos pela divisão em três períodos, defendida por Bléandonu, e com esta opção respeitamos Bion quando afirma:

" Meu conhecimento do misticismo é de ouvir dizer e não me sinto, pois, qualificado para expressar uma opinião que pode receber apreço maior que o merecido. Está presente sempre o perigo de que o conhecimento não muito grande de psicanálise de alguém confira uma autoridade imerecida àquilo que dizemos."<sup>169</sup>

No entanto, Muniz de Rezende continua a perseguir-nos e a insistir, nos seguintes termos:

---

<sup>168</sup> - António Muniz de Rezende. *Ibid.*, p. 120

<sup>169</sup> - Wilfred R. Bion. (1973). *Conferências Brasileiras I*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 133

"Há duas etapas complementares no início do itinerário de Bion. A primeira é tranquila e ele mostra-se confiante na epistemologia, contando com ela para fazer da Psicanálise uma verdadeira ciência. ... Em 1967, com [a publicação de] *Second Thoughts*, Bion reconsiderou o percurso feito ... [mas] um outro tempo forte da caminhada de Bion é quando dá uma viragem para o vértice místico ... com ênfase na Realidade Última ... O interesse passa do campo do conhecimento (*knowledge*) para o do ser (*being*)."<sup>170</sup>

Tendo consciência de que abordámos, no período epistemológico, conceitos de Bion atribuídos, por Muniz de Rezende, ao período místico, não queremos deixar um hiato neste trabalho. Debrucemo-nos, então e apenas, por um momento, sobre um possível período místico, a nossa possível reflexão, abrindo talvez uma janela a futuros investimentos, ou parafraseando Bion em *Memória do futuro*:

*Sou o sonhador que sonha um sonho*

#### 2.4.4. Sobre o período místico

Segundo César e Sára Botella,<sup>171</sup> em Bion a noção de mística situa-se na charneira do processo psíquico da interpretação analítica e da descoberta científica. Quanto a Bion "... os poetas e artistas têm os seus métodos para registar certas influências que eles percebem, os estímulos vindos do exterior, o desconhecido que é tão terrífico e provoca sentimentos de tal modo fortes que não podem ser descritos em palavras comuns."<sup>172</sup>

Deste modo, parece pouco ajustado supor-se que a linguagem que falamos nos permita dizer o indizível, isto é, que a linguagem seja uma transição entre o esquizo-paranóide e o depressivo, entre os objectos fraccionados e os objectos inteiros. Já os místicos orientais insistem, repetidamente, no facto de que a realidade última não pode ser descrita adequadamente através de palavras, na medida em que se situa além do reino dos sentidos e do intelecto, fonte das nossas palavras e conceitos.

Afirma Capra:

---

<sup>170</sup> - Muniz de Rezende. *Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento*. Ibid., p.14.

<sup>171</sup> - César e Sára Botella. (1989). *Mystique, connaissance et trauma. W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Paris: Métaillé.

<sup>172</sup> - W.R. Bion. (1978). *Textes Inédits. W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Paris: Métaillé., p.160.

"O reino do conhecimento racional é, naturalmente, o reino da ciência que mede e quantifica, classifica e analisa. As limitações de qualquer conhecimento assim obtido têm-se mostrado cada vez mais evidentes na ciência moderna. Nas palavras de Werner Heisenberg «cada palavra ou conceito, por mais nítidos que sejam, só possuem uma faixa limitada de aplicabilidade»<sup>173</sup>.

Sabemos como a ama hindu que Bion teve, durante a infância, o marcou. Segundo Bléandonu, Bion chegou a pensar que o seu amor por ela era maior do que o amor pela própria mãe. Esta influência, acrescida do seu sofrimento pessoal, das suas leituras e profundas reflexões, certamente marcaram o homem e o pensador. Neste período, Bion cita o Bhagavad-Gitã e o Cântico dos Cânticos da Bíblia, interessando-se pelo misticismo oriental e pela Física quântica. Toda esta riqueza, certamente, influenciou o seu modo de olhar para o Homem e para o mundo.

Em 1975, na sua obra, *Uma Memória do Futuro I - O Sonho*, escreve: "Sustento ao lado de Kant, que a coisa--em-si é incognoscível."<sup>174</sup> Existe em todo o objecto de estudo a "essência", ou "coisa-em-si-mesma" de Kant, que é inacessível para o observador pelo facto da sua própria natureza e da nossa incapacidade para a apreender. Estamos a falar da "realidade última" a que Bion também chama o ponto "O", do qual, no processo psicanalítico, apenas podemos conhecer as transformações. Para nos aproximarmos deste, o psicanalista deverá, tal como o místico, seguir uma caminhada mística. Caminho que, parece-nos, Bion se propõe seguir ao renunciar, no tratamento psicanalítico, à memória, ao desejo e à compreensão.

O psicanalista pretende conhecer o "ser" e, a mística, se a considerarmos como um modo de conhecimento, diz, sem sombra para dúvidas, respeito à psicanálise.

Deste modo, um dos grandes méritos de Bion é a reabilitação da mística, campo que nos deixa um forte desejo de descoberta.

Em estado de descoberta eu desejaria estar, mas a realidade impõe-se, impondo-me limites: os limites desta dissertação. Retomaremos, ainda, no Capítulo IV, conceitos que aqui foram, apenas, aflorados.

---

<sup>173</sup> - Fritjof Capra. *O Tao da Física*. Ibid., p. 30.

<sup>174</sup>-W.R. Bion (1975). *Uma Memória do Futuro I - O Sonho*. S.Paulo: Livraria Martins Fontes. 1989. p.9.

## 2.5. A Sua Obra

Embora tenha começado tardiamente, a obra de Bion é vasta e rica. São muitos os artigos que escreve mas, a partir de certa altura, o seu estilo de escrita modifica-se e publica diversos livros. Em 1963, publica "Learning from Experience"; "Transformations" em 1965; em 1966, "Elements of Psychoanalysis"; "Second Thoughts" em 1970 e "Attention and Interpretation" também em 1970.

As três primeiras obras constituem uma trilogia inicial, três aproximações ao crescimento psíquico. Um pensamento em movimento tentando captar o movimento do pensamento.

Mas existe, igualmente, uma trilogia final: "Memória do futuro", "O passado presentificado" e "A meia luz do esquecimento" e a sua autobiografia que será publicada em 1982.

Debrucemo-nos, então por um momento, sobre algumas das suas obras sobretudo sobre as que consideramos como mais importantes para a evolução desta dissertação.

### **Aprender com a experiência**

*"nem pensamento sem experiência nem experiência sem pensamento"*

*Bion*

Nesta obra, Bion debruça-se sobre o processo do pensar, assentando a sua reflexão na prática psicanalítica com pacientes que sofrem de graves transtornos do pensamento. Irá ainda aprofundar a origem e a natureza dos pensamentos e debruçar-se sobre os mecanismos que permitem pensar os pensamentos.

Na reformulação das teorias existentes sobre o processo de pensar, considera, de forma criativa e original, que o "pensar" é uma função da personalidade que surge da interacção de uma variedade de factores que, combinando-se, produzem entidades estáveis.

A tentativa de conhecer alguma coisa implica um sentimento doloroso que é inerente à experiência emocional própria do conhecimento. Esta dor é vivida, por cada um de nós, de acordo com a nossa personalidade e, sobretudo, de acordo com a nossa capacidade para tolerar a frustração.

Os conceitos kleinianos, nomeadamente a identificação projectiva, estão presentes na mente do autor e, conseqüentemente, na sua obra. Debruçando-se sobre o ódio e a inveja, Bion considera que estes "atacam" a função-alfa impedindo o estabelecimento de contactos conscientes da pessoa consigo mesma ou com os outros, enquanto seres vivos.

A destruição da função-alfa, em situações de temor e voracidade, impede o desenvolvimento de um aparelho para pensar. A ausência deste aparelho implica uma vida mental sem poder de abstracção, ficando o universo da pessoa povoado de objectos concretos.

Estamos então no reino da psicose.

Passando da teoria à prática, Bion constata que a sua teoria das funções bem como a função-alfa possibilitam interpretações e a compreensão de como uma pessoa sente que tem sentimentos e sensações não podendo, no entanto, aprender com eles.

Ainda nesta obra pretende demonstrar como é possível, na análise, usar a teoria das funções como um instrumento de trabalho.

Mas, qualquer teoria será pouco eficaz sem uma notação científica adequada, que permita transmiti-la com precisão e sem falsificações. Para uma maior eficácia e clareza, Bion propõe representar a experiência emocional através de três factores inerentes ao vínculo entre objectos. São eles: o amor, o ódio e o conhecimento.

Mas neste acto de aprender com a experiência, como é que a pessoa usa o pensamento?

Para a compreensão deste processo, o autor utiliza o modelo do lactente com a sensação de fome. Esta sensação irá associar-se à imagem visual de um seio que é "mau" porque é um objecto necessário. Pode-se dizer que estes pensamentos primitivos - os *protopensamentos*, são objectos maus dos quais o bebé necessita libertar-se. Neste acto de libertação, irá evadi-los ou modificá-los.

Se a evasão predomina, usará a evacuação dos elementos-beta ou "coisas-em-si". Se predominar a modificação da frustração, resultará daqui a produção de elementos-alfa e pensamentos que representam a "coisa-em-si-mesma".

A capacidade de formar pensamentos resultará, assim, da capacidade do bebé em tolerar a frustração e o "não-seio" torna-se um pensamento, desenvolvendo-se, então, um "aparelho para pensar".

No desenvolvimento deste aparelho joga importante papel o modelo de um *continente*, no qual o bebé, através da identificação projectiva, lança os objectos, ou *conteúdo*. Ambos, "continente" e "conteúdo" são susceptíveis de união e de emoção, logo de vitalidade.

A mais elementar manifestação de K ocorre na relação mãe-filho. Trata-se de uma relação de objectos parciais que resulta benéfica para ambos. Desta relação comensal de "continente-conteúdo" a dúvida é tolerada e o conteúdo em desenvolvimento pode ser visualizado como semelhante aos elementos da posição esquizo-paranóide, mas sem o sentido persecutório.

Em suma, o crescimento de continente e conteúdo, providencia a base para um aparelho para aprender através da experiência. A aprendizagem depende da capacidade do continente para permanecer integrado e flexível. Esta é, para Bion, a base do estado mental do indivíduo que retém conhecimentos e experiências disponíveis para servirem de modelo à reconstrução das experiências passadas e, sobretudo, ser receptivo a novas ideias.

### **Transformações**

Com este termo, Bion introduz uma nova perspectiva para a colocação de problemas na área do pensamento e da psicose.

O autor propôs denominar de "invariantes" os elementos imutáveis da "transformação".

Relacionado com o conceito de "transformação" está, então, o de "invariância". Para uma melhor compreensão e como modelo do conceito de "invariante", utilizaremos o exemplo de um quadro representando uma paisagem: podemos supor que um pintor observa um campo de papoilas e o pinta. Nesta sequência de acontecimentos, temos numa extremidade o campo de papoilas e na outra uma tela sobre cuja superfície se encontram dispostas as cores que o representam. O acto de reconhecimento de que o quadro representa o campo, apesar das diferenças entre eles, quer dizer que algo ficou inalterado, apesar da transformação que o pintor efectuou. Compreendemos, assim, que este é o resultado de um conjunto de transformações.

De acordo com a simbologia usada por Bion, teríamos:

A paisagem seria o "O" e o quadro o " $T\beta$ "<sup>175</sup>. Se no quadro encontrarmos a paisagem, então, é porque algo ficou sem alteração. A esse algo, chamaríamos o "invariante". Finalmente, o " $T\alpha$ "<sup>176</sup> do pintor é o processo que se inicia com as suas impressões visuais da paisagem e se estende ao longo da elaboração do quadro.

---

<sup>175</sup> - representa o produto em transformação.

<sup>176</sup> - representa o processo de transformação.

Este pintor irá utilizar uma técnica para efectuar estas transformações; ela poderá ser o realismo, o impressionismo, etc. Às diferentes técnicas usadas chama, Bion, "*grupos de transformações*".

Do mesmo modo, na prática psicanalítica existem factos "O" que o paciente transformou e que apresenta de dada maneira  $T_p(\beta)$ , dando o analista por garantido que entre os pensamentos e palavras do paciente existem "invariantes". Por vezes, o analista interessa-se por conhecer os processos de transformação usados pelo paciente  $T_p(\alpha)$  e, sobretudo, os factores emocionais que intervêm no processo.

Para o analista, os factores da sessão são o "O" (associações do paciente, gestos, conduta, etc.). Os seus processos mentais a partir destes factores são o " $T_a\alpha$ " do analista e, finalmente, à sua interpretação corresponde o " $T_a\beta$ ". A interpretação irá realizar-se com técnicas diversas ou "grupos de transformações" mas cada perspectiva, freudiana ou kleiniana por exemplo, dará ordem hierárquica a diferentes "invariantes".

Bion irá distinguir, no plano mental, vários grupos de transformações:

- a. Transformações de movimento rígido,
- b. Transformações projectivas,
- c. Transformações em alucinose.

Nestes três grupos de transformações o ponto de partida é uma experiência ou situação inicial: o "O" da transformação ou Transformações de "O".

Mas, para além de referir aspectos da realidade física ou psíquica, este "O" tem, para Bion, um carácter incognoscível, podendo chamar-se-lhe a "verdade absoluta", a "coisa-em-si-mesma", o "desconhecido", o "infinito".

As transformações referidas, anteriormente, têm a ver com transformações de "O", podendo englobar-se em K (conhecer) bem como na sua contrapartida -K (menos conhecer).

A estes três modelos de transformações, Bion vai acrescentar um outro: o das transformações em "O".

Este modelo de transformações contrasta com os outros tipos dado que se relacionam com a mudança, o "insight" e o devir "O".

Esta transformação é temida e, como tal, oferece-se-lhe forte resistência. Por outro lado, está acompanhada por turbulência emocional.

Bion afirma que a realidade não pode ser conhecida, por definição, se bem que possa ser "sida". Denomina a isto "*devir O*". A realidade psíquica tem de ser sida. Em sua opinião, deveria haver uma forma transitiva do verbo "ser" para se usar expressamente em relação com esta realidade.

Somente as interpretações que consigam efectuar as transformações do "saber acerca de algo" ao "ser esse algo" ( $K \rightarrow O$ ) terão um efeito de mudança e maturação emocional.

As transformações em "O" apresentam um carácter disruptivo a que Bion chamou "*mudança catastrófica*".

Para Bion, o vértice psicanalítico é "O", isto é, o desconhecido, o que ainda não evoluiu.

O termo "transformação" serve para denominar três operações diferentes:

- a operação total "T" que compreende a acção e seu produto final;
- o processo de transformação  $T\alpha$ ;
- o produto final  $T\beta$ .

Mas, qual o estado mental adequado para a captação intuitiva das evoluções de "O"?

As evoluções de "O" apresentam-se à intuição do analista e este deve esperar que esta evolução ocorra para formulá-la numa interpretação.

Esta interpretação e o processo que lhe vai dando forma,  $T\alpha\beta$  e  $T\alpha\alpha$ , dão-se a partir de uma intuição súbita de fenómenos aparentemente dispersos entre si e que reunindo-se dão coerência e significado aos fenómenos. Este processo chama-se *evolução*.

Para que tal ocorra, Bion propõe uma postura de "sem desejo" e "sem recordação". A isto acrescenta a capacidade de tolerar o sofrimento e a frustração associados ao "não saber" e ao "não entender". Reunidos estes factores será então possível o "insight" que está intimamente ligado ao vir-a-ser "O".

A *linguagem de êxito* que deriva da possibilidade de tolerar a dúvida e as meias-verdades está estreitamente associada ao estado de sem memória e sem desejo do analista.

A obra *Elementos de Psicanálise* dá continuação ao *Aprendiendo de la Experiencia*. Nesta obra, encontramos exposto o método da melhor forma de ordenar o material recolhido pelo analista permitindo-lhe aguçar a sua capacidade de observação e clarificar a sua reflexão a respeito do trabalho quotidiano. Bion representa este método através de duas coordenadas: uma diacrónica, dependendo da evolução genética ou da complexidade do pensamento e outra sincrónica que corresponde aos usos que serão atribuídos a essas produções. Trata-se da Grelha (vide anexo II).

A relação "continente-conteúdo" é a expressão utilizada para caracterizar a identificação projectiva. Bion considera-a um elemento da Psicanálise. Um outro elemento é a oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva (PS ↔D), oscilação da fragmentação e dispersão para a integração, característica da posição depressiva. A formação do pensamento e o desenvolvimento da capacidade de pensar depende deste mecanismo bem como da identificação projectiva.

Também os vínculos L, H e K são elementos psicanalíticos.

Nesta obra, debruça-se sobre os mitos, assinalando que os pensamentos e o pensar podem ser considerados como parte da situação edípica: refere o mito de Édipo, mas também o do Éden e da torre de Babel, reflectindo em como a curiosidade dos homens é castigada.

Finalmente, tomando como modelo o conhecido modelo da Psicologia experimental, vaso de flores ou dois perfis, relaciona a capacidade de ver ambas as imagens à compreensão interna ou "insight".

Na sua obra *Atenção e Interpretação* um dos temas centrais é a dificuldade de observar, avaliar, interpretar e comunicar as experiências emocionais que não são sensoriais. O inconsciente ou realidade psíquica não é acessível aos órgãos dos sentidos e Bion vai propor a utilização do verbo *intuir* para se referir ao contacto com a realidade psíquica. A utilização desta capacidade intuitiva encontra-se obstruída quando o que se deve captar são as transformações da parte psicótica da personalidade. Para que o psicanalista possa participar dela deve colocar-se num estado mental apropriado que Bion denomina "acto de fé".

Os vínculos entre continente e conteúdo são abordados e a mentira surge como o estado mental oposto à evolução de qualquer ideia nova que provoque crescimento ou evolução.

Mentira para a qual é indispensável a existência de um pensador.

### 3. ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE BION

A obra de Bion é, como vimos, multifacetada. A evolução das ideias é permanente e o homem, tal como o intuimos, foi-se expandindo com elas.

Desta evolução demos conta em capítulos anteriores. Tentemos o seu resumo:

- Num primeiro tempo, debruçámo-nos sobre o período grupal definindo-o através da frase: "o indivíduo funciona como um grupo, o grupo funciona como um indivíduo".

- Num segundo tempo, analisámos o período psicótico. Neste período assiste-se ao desenvolvimento da Teoria da Esquizofrenia.

Partindo de conceitos freudianos (a consciência e o ódio à realidade sentido pelo psicótico) e de conceitos kleinianos (a clivagem, a identificação projectiva e as posições esquizo-paranóide e depressiva), Bion vai além de Freud e de Klein. É, sem sombra de dúvida, inovador ao diferenciar a parte psicótica da parte não-psicótica da personalidade, concluindo que estas duas partes coexistem em cada um de nós.

- Num terceiro tempo, reflectimos sobre o período epistemológico e aflorámos o período místico. Neste terceiro tempo, Bion debruça-se sobre o pensamento e sobre o "aparelho para pensar os pensamentos", defendendo que os pensamentos são genética e epistemologicamente anteriores à capacidade de pensar. Vejamos, de forma mais pormenorizada, as suas ideias neste período da sua obra.

1- Baseado na identificação projectiva que tem como função aliviar o psiquismo do bebé dos medos que este sente, como excessivos, colocando-os temporariamente num bom seio para que possam ser transformados, e posteriormente reintrojectados, propõe como modelo a ideia de um *continente* no qual um objecto é projectado - o *conteúdo*.

2 - Ambos, continente e conteúdo, são susceptíveis de ser unidos e impregnados pela emoção.

Bion refere a existência de emoções básicas que denomina de *vínculos*. Identifica os vínculos L, H e K e enfatiza o vínculo K, referindo que a manifestação mais primitiva de K ocorre na relação mãe-filho (relação de objectos parciais: boca e seio). A relação mãe-filho deve ser uma relação proveitosa para ambos, proporcionando crescimento.

3- Esta relação é introjectada pelo bebé, de tal forma que o aparelho "continente-conteúdo" se instala dentro de si como parte da função-alfa.

Tudo começa nesta experiência primitiva de um seio na boca de um bebé.

4 - A experiência primitiva mãe-filho, continente-conteúdo, vai proporcionar um modelo a partir do qual se pode abstrair uma Teoria que represente a realização do desenvolvimento dos pensamentos. Para tal, Bion propõe os seguintes termos:

- *pré-concepção* ou expectativa (algo que pode ser pensado mas não conhecido);

- *concepção* ou resultado da união de uma pré-concepção com as impressões sensoriais apropriadas.

5- Ao longo do seu trabalho, Bion desenvolve a *teoria das funções*, nomeadamente a teoria da *função-alfa*, que encara como um instrumento de trabalho usado, pelo psicanalista, para facilitar a compreensão dos problemas do pensar acerca de algo desconhecido.

6 - Bion debruça-se, aprofundadamente, sobre o *pensar* e preconiza a existência de *pensamentos sem pensador*.

O pensamento resulta da união de uma pré-concepção com uma frustração.

Mas Bion vai mais longe e propõe-nos a formação do *aparelho-para-pensar* os pensamentos, na qual tomam parte dois mecanismos:

- a relação dinâmica conteúdo-continente;

- a relação dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva.

7- O desenvolvimento dos pensamentos e do pensar depende de *factores inatos*: capacidade de tolerar a frustração e de *factores ambientais*: a capacidade de "rêverie" materna.

8- O desenvolvimento deste aparelho-para-pensar prende-se com a nossa necessidade de buscar a *verdade*.

9- O conjunto crescente de continente-conteúdo providencia a base de um *aparelho para aprender através da experiência*, utilizando processos de abstracção e generalização.

10 - De começo tão singelo como a relação mãe-filho, continente-conteúdo, abstraem-se sucessivas hipóteses cada vez mais complexas que o autor refere serem sistemas científico-dedutivos. A *prática psicanalítica* é, na sua opinião, repetição desta relação, funcionando o psicanalista como um continente para as emoções do seu analisando.

11 - A noção de *mudança catastrófica*, enquanto factor de sofrimento, que conduz à mudança e ao crescimento, é realçada, de forma particular, por Bion.

12 - Finalmente, debruça-se sobre a Realidade Última e destaca a importância de sermos capazes de *tolerar a dúvida* e o sentimento de *infinitude*.

Esta tentativa de resumo não significa que abandonemos Bion. Ficaremos, ainda mais um pouco, com este admirável pensador, reflectindo acerca dos seus contributos para a Psicanálise.

Entretanto, façamos nossas as palavras de Grinberg:

"Um dos méritos de Bion é o de situar a teoria e a prática da psicanálise dentro de uma nova dimensão, a qual conserva, sem dúvida, a mais valiosa das contribuições clássicas de Freud e Melanie Klein, encarando-as em perspectivas (ou vértices) diferentes. Acrescenta-lhes nova vida e originalidade ... assim como novas aberturas para novas maneiras de pensar em psicanálise."<sup>177</sup>

Novas maneiras de pensar em Psicanálise, remetem-nos para uma questão que não podemos deixar em aberto: a Psicanálise ela mesma.

---

<sup>177</sup> - Grinberg, L. (1972). Prefácio. *Introdução às Ideias de Bion*. Ibid., p. 14

#### 4. BION E A PSICANÁLISE

*"o movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão a transformação do antigo torna-se fácil. O antigo é descartado e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo não resultando daí, portanto, nenhum dano."*

##### *I Ching*

Bion apresenta contribuições importantes para o desenvolvimento da Psicanálise. Tratando-se de Bion, quando falamos de Psicanálise, falamos da Psicanálise actual. Entre a Psicanálise freudiana, dita clássica, e a actual, onde se insere Bion, houve uma ruptura e não apenas uma passagem.

Comparando o modelo da Psicanálise com o da Física, Muniz de Rezende ajuda-nos a reflectir sobre esta ruptura.

Freud e Einstein foram contemporâneos. Em 1900 é publicada a *Interpretação dos Sonhos*, enquanto que em 1905 sai a primeira formulação da *Teoria da Relatividade*. Quando fala de psicanálise actual, Bion avisa-nos de que a época de Einstein e de Freud foi superada. Estamos com outra Física, com outra Psicanálise. "O que ocorreu neste século, de 1900 até agora, foi uma mudança de universo"<sup>178</sup>. A Física voltou a ser metafísica, uma física aberta ao futuro, um universo em expansão. Expansão não só do universo mas do próprio pensamento.

Também da Psicanálise. E das ideias.

A mente em expansão.

Thomas Kuhn, na sua obra *Estruturas das Revoluções Científicas*, faz a diferenciação entre as ciências paradigmáticas e pré-paradigmáticas. As primeiras, enquanto paradigmas de outras, servem-lhes de modelo. Quanto às segundas são ciências que no uso dos modelos inovam e, como tal, encontram-se em mutação, ou seja, ainda não se constituíram paradigmaticamente.

António Muniz de Rezende recorre a essa terminologia para situar a Psicanálise como ciência pós-paradigmática, porque:

---

<sup>178</sup> - António Muniz de Rezende. *Bion e o futuro da psicanálise*. Ibid., p. 14.

"Ela é tão revolucionária que o que tem de mais específico é exactamente o questionamento dos paradigmas quaisquer que sejam ... diríamos que a psicanálise é a revolução permanente em epistemologia. No dia em que deixar de ser revolucionária, deixará também de ser psicanálise. Pelo menos na visão de Bion."<sup>179</sup>

Retomando a ideia de psicanálise clássica, podemos afirmar que Freud é clássico, que Melanie Klein está em mutação, e que Bion é actual. Afirma Muniz de Rezende: "Acho que Bion nos fala de uma psicanálise actual na medida em que se abre ao que virá. A característica dessa passagem é precisamente as transformações. Há um invariante e há as variáveis."<sup>180</sup>

Freud praticou a psicanálise revolucionária mas fê-lo invocando um tipo de ciência não revolucionária - a ciência médica. Bion no seu artigo a "Medicina como Modelo", em *Atenção e Interpretação*, volta a Freud e critica este modelo. Tal facto significa uma revolução epistemológica, ou seja, Bion deixa de pensar como médico e passa a pensar como psicanalista.

Indo além de Freud. Não significa, no entanto, que o perca de vista.

Freud continua a ser o fundador da Psicanálise e, tal como a Física clássica de Einstein se completa na Física quântica de Max Plank, a Psicanálise clássica parece completar-se através deste novo olhar sobre a Psicanálise.

O que em Freud estava presente, em germe, parece ter florescido no movimento psicanalítico actual.

Bion fala-nos de flexibilidade mental e de mudança de vértice, concluindo sobre o assunto: " ... que o domínio da análise actual é muito mais amplo do que aquele que a análise clássica conhece."<sup>181</sup>

Em *Conferências Brasileiras*, afirma:

"É possível considerar a psicanálise como uma resposta ao inadequado; dessa percepção surgiu a busca da causa do inadequado [e acrescenta] Freud considerou o complexo de Édipo como uma das principais descobertas da psicanálise; é conveniente considerar que o uso que Freud fez da lenda (ou mito) de Édipo lhe permitiu descobrir a personalidade humana. Para nós não é necessariamente de grande importância aprender o que Freud e outros descobriram; o que importa é que se deveria aprender o valor daquilo que hoje em dia chamamos de actividade

---

<sup>179</sup> - Ibid., pp. 17-18.

<sup>180</sup> - Ibid., p. 16.

<sup>181</sup> - W.R.Bion. (1973). *Conferências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p.48

psicológica, isto é, psicanálise *prática*. Essa vasta área necessita de investigação, e não de ossificação. É de importância fundamental que não seja tratada como um assunto fechado."<sup>182</sup>

Os gregos diziam "não é o mesmo caminho que vai de Atenas a Corinto e de Corinto a Atenas".<sup>183</sup> Voltar é fazer uma outra viagem. Ao voltar, chegamos a lugares diferentes e isto porque olhamos do local onde estamos. Se Bion voltou a Freud foi efectuando uma outra viagem, olhando do lugar onde já se encontrava.

"Sendo a epistemologia «terra de ninguém»",<sup>184</sup> como afirma Amaral Dias, torna-se duro abordá-la. Mas torna-se também necessário.

Podemos imaginar como se torna difícil a um psicanalista, que trabalha com hipóteses, "provar" a cientificidade da Psicanálise. Quando olhamos para trás, verificamos que uma das preocupações de Freud, limitado pelos modelos científicos do seu tempo, foi a de construir uma Psicologia científica. Esta sua aspiração esbarrou nos modelos fisicistas, hidrostáticos e biológicos da sua época. Mas com o modelo identificatório quer a nível do sintoma neurótico, quer do funcionamento grupal e, ainda, na sua explicação da estrutura mental, Freud marca, na opinião de Laplanche e Pontalis, "um decisivo afastamento em relação aos modelos das ciências físicas, e muito provavelmente abrindo a Psicanálise e à Psicanálise uma via psicológica específica e original."<sup>185</sup>

A obra de Melanie Klein embora tenha trazido para a Psicanálise contemporânea contribuições de grande peso, nomeadamente a descrição das posições esquizo-paranóide e depressiva, a conceptualização da clivagem e da identificação projectiva, bem como o rigor analítico, de entre outros factores, é pouco fiável do ponto de vista científico, uma vez que a utilização que faz dos conceitos científicos é meramente clínica.

Mas o modelo que emerge, a partir de Freud, vai ser mais lógico e mais sólido, ao proceder-se ao enquadramento das descobertas kleinianas. De entre vários autores, destacam-se Meltzer, Matte-Blanco e sobretudo Bion.

---

<sup>182</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., pp. 14-15

<sup>183</sup> - António Muniz de Rezende. *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Ibid. p. 18

<sup>184</sup> - Carlos Amaral Dias. (1988). Reflexão sobre o Estatuto de Cientificidade em Psicanálise". *Revista n.º 9 de Psicanálise*. Porto: Afrontamento.

<sup>185</sup> - Ibid., p. 31

Ao longo da obra de Bion, encontram-se sucessivas contribuições para o aprofundamento dos fundamentos epistémicos da prática analítica. Destacamos os conceitos de "tolerância/intolerância à frustração" relativamente aos quais Bion conjuga factores biológicos e ambientais e ainda a gradação da dinâmica das posições esquizo-paranóide e depressiva, transformadas em "dinâmica dos processos integrativos". É, ainda, através dos conceitos de "finitude" e "infinitude", presentes na sua obra, e da compreensão das fantasias inconscientes, que vai caminhar rumo à fundamentação epistémica onde os conceitos das diferentes ciências dos nossos dias nos vão ajudar na compreensão do nosso mundo interno - seu objecto de estudo.

Não podemos deixar de destacar a importância, para a metapsicologia, do artigo escrito em 1962, "Theorie de la Pensée". Afirmo Ronald Britton:

"Esta é uma obra de metapsicologia importante e creio ser uma contribuição notável para a psicanálise. Ela lançou nova luz não apenas sobre a psicopatologia mas forneceu também um novo fundamento lógico para a eficácia da psicanálise, a saber, sua noção de transformação através do processo de continência".<sup>186</sup>

O contributo de Bion é importantíssimo mas algumas questões se colocam. Deste modo, para que a Psicanálise possa atingir a solidez de que necessita deverá procurar os seus fundamentos.

*Mas como poderá consegui-lo nesta área em que o que acontece depende do contexto da actividade do analista, esta também limitada pelo seu enquadramento técnico?*

Visando dar resposta a estas inquietações, afirma Amaral Dias:

"O que diferencia de uma maneira clara a Psicanálise de outras formas de exploração/tratamento da vida mental é a utilização sistemática da transferência como «filtro» para a clarificação da natureza e qualidade dos fenómenos psíquicos observados no analisando. Assim sendo, poderíamos afirmar, não tão longe assim de Freud, que o campo de estudo em Psicanálise se limita às relações objectais inconscientes (Meltzer) observadas via transferência e no quadro rigoroso do setting e da técnica analítica. O estudo combinatório daquelas relações objectais e da sua

---

<sup>186</sup> - Ronald Britton. (1992). Mantendo coisas em mente. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Ibid., p.119

modificação pela via activa (interpretação) e passiva (estar) do analista, esta última optimizadora das prospecções/projecções identificatórias do analisando, deveriam assim constituir-se como actividade essencial da pesquisa analítica."<sup>187</sup>

A tarefa do analista, nomeadamente a interpretação, faz parte da formulação de hipóteses a confirmar ou a infirmar posteriormente e isto não é fácil, uma vez que o analista oscila entre a "redução" (através da qual aplica o que já sabe e aqui corre o risco de deixar de saber) e a hermenêutica (aqui escuta-se o particular, facto que dificulta, profundamente, a construção científica dado que esta deverá ser plural). A fragilidade, que daqui resulta, leva a que o analista tenha de precaver-se adoptando procedimentos que Amaral Dias considera fundamentais na procura/pesquisa da realidade a investigar. Propondo-nos que o que o analista pode descrever e explicar provém do sector da realidade que o seu contexto permite perceber, afirma:

"O nível da realidade estudado em Psicanálise é, repito, o das relações objectais inconscientes mediadas pela instrumentação técnica da transferência / contratransferência. O campo epistémico gerado aplica-se ainda aí, aperfeiçoando o nível instrumental e aprofundando por isso o nível de pesquisa e investigação. ... As hipóteses analíticas quando postas a outros níveis da realidade, só podem então ter validade a esses mesmos níveis se as leis do estrato da realidade a que são aplicadas probabilisticamente as verificarem ... .

No interior do *setting* as hipóteses do analista são mais facilmente corroboradas nos diferentes níveis (gnoseológico, semiótico e instrumental), desde que as *regras de correspondência* entre o visível (objectivo) e o invisível (subjectivo/inconsciente) estejam claramente enunciados no seu nível transferencial."<sup>188</sup>

Amaral Dias sugere pistas quanto às contribuições da Psicanálise para a visão que a Epistemologia tem da marcha da ciência. Uma delas tem a ver com a ideia de Bion acerca dos "vértices". Esta ideia contém, em si mesma, uma hipótese epistemológica que é a interacção dinâmica entre o nível da realidade e o nível da observação. Em *Conferências Brasileiras*, afirma Bion:

---

<sup>187</sup>- Carlos Amaral Dias. (1988). Reflexões sobre o Estatuto de Cientificidade em Psicanálise. *Revista de Psicanálise* 9. Ibid., p. 33

<sup>188</sup> - Carlos Amaral Dias. Ibid., p.34

"Se a Psicanálise quer sobreviver e se desenvolver, terá que ser um contacto com a realidade com que lidamos. Por isso é que a prática da psicanálise depende de que o analista e o analisado sejam capazes de entrar em contacto com factos psicanalíticos. Quando falamos acerca de "factos psicanalíticos", isso é uma teoria; é uma hipótese definidora e a prática depende da capacidade de reconhecer que espécie de evento cabe na categoria de "facto".<sup>189</sup>

Bion pensou psicanaliticamente a Psicanálise indo além de Freud e de Klein. Os seus livros são prova disso e ajudam-nos a pensar psicanaliticamente a nossa própria experiência.

Partamos, agora, para o Capítulo IV que denominámos de "Aproximações", fazendo uma pequena paragem e uma curta reflexão acerca de nós mesmos, perante o conhecimento e o sofrimento inerente ao mesmo.

---

<sup>189</sup> - W. R. Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., p.89

*"Quando o imperador fitou o espelho, o seu rosto tornou-se numa mancha vermelha de sangue e depois numa caveira donde escorria mucosidade. O imperador, horrorizado, desviou o rosto. «Majestade», disse Shenkua, «não desvieis o vosso rosto. Só vistes o princípio e o fim da vossa vida. Continuai a olhar para o espelho e vereis tudo o que existe e poderá existir. E quando tiverdes alcançado o máximo de enlevo, o próprio espelho mostrar-vos-á até mesmo coisas que não podem existir...»*

CHIN NUNG *TUDO SOBRE ESPELHOS*

*Se tivesse tal espelho provavelmente poderia contemplar o Mundo das Formas, os Pensamentos à espera de pensador, em suma, a Verdade.*

*Se possuísse tal espelho e me fosse possível aguentar a dor mental que o Imperador não conseguiu, não estaria na condição tão precariamente humana de necessitar atravessar um mar munida apenas da crença de que tal é possível.*

*Vivi na pele, ao longo desta travessia, muitos dos conceitos que Bion refere, certamente vividos também por ele próprio e não só observados em outros. Refiro-me à capacidade para tolerar a dúvida e a frustração.*

*Por outro lado, ser um "aparelho para pensar os pensamentos" de Bion é uma tarefa de peso. Reflectir sobre Platão e finalmente comparar algumas ideias, dos dois autores, é uma tarefa vivida com incerteza.*

*Procuro ter a mente aberta; mas o meu mar nem sempre funcionou como um continente ... a dúvida sempre presente ... nem sempre tolerada.*

*Sobrevivo, no entanto. As velas estão descoloridas pelas dificuldades e a estrutura do meu barco não está tão sólida como desejaria.*

*Continuo, mesmo assim, com as minhas poucas ferramentas, certa de que a última palavra jamais será dita. A questão da "última palavra", acerca de tudo, aparecerá sem dúvida sempre em aberto.*

#### IV. APROXIMAÇÕES

A cultura conserva, como património da humanidade, o pensamento dos grandes pensadores. Pensar é entrar em contacto com os seus pensamentos e ser herdeiro deste património.

Se Platão foi um grande pensador, Bion, ao longo da sua vida e obra, parece ter dialogado com os grandes pensadores da humanidade, tornando-se, ele próprio, um grande pensador.

Talvez possamos afirmar que alguns dos pensamentos de Platão encontram em Bion um continente. Por isso, é nossa intenção reflectir sobre as "Aproximações" entre as ideias de Platão e de Bion.

Para antecipar a futura discussão, alguns dos temas sobre os quais nos deteremos são:

- as relações entre Filosofia e Psicanálise, seus modelos e bases comuns, nomeadamente a abstracção e a matemática enquanto modelo de abstracção;
- a ideia de que o Homem é um ser em conflito. Neste ponto, tentaremos a compreensão de como ambos os pensadores olham para o homem. Platão é dualista: corpo e alma; Bion é monista: o self;
- o tema do Amor enquanto factor de desenvolvimento humano;
- as suas perspectivas acerca da Doença;
- o tipo de Terapia necessária para mudar a pessoa e as resistências que esta oferece, ao processo de mudança. Neste subcapítulo, abordaremos ainda a diferença entre diálogo e dialéctica e sua comparação com o diálogo psicanalítico;
- os Mitos, enquanto modelos primitivos para o crescimento mental e como um meio privilegiado de abordar as questões do conhecimento;
- a questão da Verdade que podemos representar sob a forma do "Mundo das Ideias" para Platão e de "Pensamentos sem Pensador" para Bion.

Neste movimento de aproximação, o nosso destino é o ponto de origem: o "O". Ponto de impossível acesso, que jamais veremos de frente, mas ao qual não viraremos as costas.

## 1. SOBRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

Sendo a Filosofia o palco onde tomamos consciência da história que temos e da história que somos, verificamos que apresenta determinado grau de sobreposição com a Psicanálise em questões ligadas ao Homem, sobretudo no que concerne à forma pela qual as pessoas adquirem, organizam, mantêm e modificam os seus conhecimentos. A preocupação de Platão assenta na teoria dos universais que não se confina a casos individuais, enquanto que a Psicanálise se debruça sobre a pessoa ela mesma. Afirmar Bion:

"... o analista não está lidando com a «raça humana» mas com a pessoa determinada. Cumpre-lhe, portanto, colocar [as questões] em termos compreensíveis para o indivíduo determinado, a quem se dirige."<sup>190</sup>

Ouvimos frequentemente a frase: "o todo contém as partes" e não esquecemos que Bion, através da *teoria dos fractais*<sup>191</sup>, acrescenta: "a parte contém o todo". É este posicionamento que lhe permite encontrar em cada um dos analisandos a problemática de toda a humanidade.

Assim, se na prática clínica o que interessa ao psicanalista é a pessoa ela mesma, não obstante isto, encontra-se em cada indivíduo uma problemática que é, ela mesma, universal. O complexo de Édipo parece-nos ser um bom exemplo para o que acabámos de afirmar.

Filosofia e Psicanálise ...

Na tentativa de compreensão destas duas disciplinas, tomamos como companheiro Muniz de Rezende. Debruçando-se sobre as dificuldades que a Filosofia traz para a Psicanálise, afirma:

"O principal obstáculo é que a filosofia trabalha com os conceitos, os processos dedutivos, lógicos e críticos, de maneira a situar-se num nível de abstracção característico ... no qual se pode dizer que também a filosofia não precisa de

---

<sup>190</sup> - W. R. Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., p. 113

<sup>191</sup> - Os fractais apresentam uma relação parte-todo e uma infinita diversidade no interior de uma unidade.

filósofo. Quem sabe se não é nesse sentido que Bion sugere que «os pensamentos estão à procura de pensadores?»<sup>192</sup>

Embora reflectindo sobre as dificuldades que uma disciplina traz para a outra, este autor parece ter apontado uma aproximação entre a Filosofia e a Psicanálise: a abstracção.<sup>193</sup>

A noção clássica de abstracção, distingue dois tipos de abstracção: a total e a formal<sup>194</sup>. Com a ajuda da filosofia clássica é, ainda, possível distinguir ao nível do formal outros níveis de abstracção. O primeiro grau de abstracção é o da física, no segundo encontramos as entidades matemáticas, enquanto que no terceiro grau se situam as entidades que não precisam de matéria para existir ou para serem definidas. São entidades imateriais tanto no seu modo de existir quanto na sua essência. Podemos encontrar neste terceiro grau de abstracção as ideias de Platão. O mundo das Formas encontra-se, em nossa opinião, aqui contido.

Segundo A. Freire, Platão não faz uso da abstracção enquanto ponte entre o sensível e o inteligível, uma vez que a ciência, na qual acredita, não tem por objecto os dados dos sentidos mas as realidades ideais descobertas pela contemplação e pela reminiscência. Mas é, sem dúvida, através de um processo de abstracção que, na dialéctica, se evolui.

O pensamento racional vai desenvolver-se à medida que, progressivamente, através da abstracção, se afasta dos sentidos.

Abel Jeannièrre, em *Platon*, ajuda-nos a defender este ponto de vista quando afirma que a Dialéctica não é mais do que a proporcionalidade que existe entre os degraus do sensível e do inteligível, proporção matemática que Platão simboliza por segmentos de linha que lhe permitem relacionar todas as secções do ser (vide capítulo II. 3.1.).

Degraus que vamos subindo à medida que, na abstracção, evoluímos. A ideia vai tornar-se cada vez mais geral, até atingirmos a ideia de *ser*.

---

<sup>192</sup> - António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion. Além dos Modelos* Ibid., p.76

<sup>193</sup>- No processo de abstracção, Bion distingue, segundo Muniz de Rezende, dois momentos: um que é a extracção (que aqui corresponde ao substrato) e cita Bion: "o exame do *substrato* de experiências emocionais do qual se abstraíu (*ab-straiu*) a teoria" e outro que é a "trans-acção". Extrai-se e chega-se ao conceito (na "trans-acção"). Ibid., p. 40

<sup>194</sup> - A abstracção total permite a classificação dos indivíduos pertencentes a uma mesma classe. É total porque extrai o todo das suas partes. Quanto à abstracção formal, e baseados na filosofia clássica, dir-se-á que todos os indivíduos contidos na categoria "homem" podem definir-se como animais racionais. Esta definição de animal racional é o formal; é a essência que nos permite atribuir o mesmo nome a todos os elementos da classe.

Mas, Muniz de Rezende não pára por aqui e propõe-nos a existência de um quarto grau de abstracção, no qual podemos encontrar a Psicanálise. Afirma:

" ... a psicanálise constitui um quarto grau de abstracção. A começar pelo facto de que estamos no CAMPO psíquico das entidades psíquicas, no VÉRTICE psicanalítico ..."<sup>195</sup>

Deste modo, Filosofia e Psicanálise, embora situadas em diferentes graus, possuem elevado nível de abstracção.

Vejamos como Bion usa a abstracção:

Em *Aprendiendo de la Experiencia*, verificamos que a passagem da experiência para a aprendizagem é um processo de abstracção. Para que a aprendizagem se efectue é necessário que a função-alfa opere sobre a captação da experiência emocional.

Se utilizarmos como modelo o exemplo de uma criança que começa a andar, podemos encontrar os diferentes passos atrás mencionados. Num primeiro tempo, a criança tem a experiência emocional a que podemos chamar “aprender a andar” sendo capaz, graças à função-alfa, de acumular esta experiência. Logo, pensamentos conscientes tornam-se inconscientes e a criança pode, num segundo tempo, andar sem ter necessidade de consciencializar isto. A função-alfa desempenha, portanto, um papel indispensável no acto de pensar ao relegar as aprendizagens para o inconsciente, libertando o consciente da sobrecarga de pensamentos.

Há, desta forma, aprendizagem com a experiência.

Simbolizar é, para Bion, um processo que sendo abstractivo é simultaneamente integrativo, dado que integra a pré-concepção com a sua realização numa concepção que pode ser nomeada.

Simbolizar é, assim, um processo de crescimento.

Bion utiliza modelos. Para que uma experiência emocional possa usar-se como modelo é necessário que os dados sensoriais sejam transformados em elementos-alfa para serem “acoplados” e ficarem disponíveis para a abstracção. O processo de

---

195 - António Muniz de Rezende. *Bion e o futuro da Psicanálise*. Ibid., p. 35

abstracção relaciona-se, segundo Bion, com a notação no sentido em que Freud a utilizou para se referir à memória<sup>196</sup>.

A função-alfa, durante a experiência, providencia os elementos necessários para a construção de modelos a utilizar em experiências posteriores.

Grosso modo, podemos afirmar que a personalidade abstrai da experiência os elementos passíveis de repetição formando um modelo que preservará de maneira flexível aspectos da experiência original, por forma a permitir a adaptação a outras experiências que são percebidas como similares.

As abstracções extraídas da experiência serão, segundo Bion, combinadas de acordo com as regras da lógica. Este sistema de abstracções é um sistema dedutivo-científico.

O modelo constrói-se, assim, com elementos extraídos do passado da pessoa, enquanto que a abstracção se encontra impregnada de pré-concepções que vão em direcção ao futuro.

Bion baseia-se no modelo do desenvolvimento infantil e expõe o modo como o pensamento evolui de origens rudimentares para a abstracção. Quando se debruça sobre o "aparelho para pensar os pensamentos" afirma que a sua ausência implica uma vida mental sem poder de abstracção; logo, o universo da pessoa encontra-se povoado de objectos concretos: é o universo da psicose.

A Psicanálise, neste processo de abstracção e de simbolização, supõe capacidade de afirmar e negar. A negativa deixa o pensamento em aberto tal como um universo em expansão. A propósito, afirma Bion: "Acho que isso é o que Keats quis significar quando disse que Shakespeare deve ter sido capaz de tolerar «a capacidade negativa»".<sup>197</sup>

Embora a questão da "capacidade negativa" não surja com Platão, aliás esta noção é típica das filosofias orientais, o que o modelo platónico defende é que possuímos uma parte equipada para conhecer o mais abstracto - a nossa parte racional. Quanto ao método de pergunta e resposta, utilizado no diálogo e na dialéctica, tem por

---

<sup>196</sup>- Freud defende a existência de um órgão sensorial para a percepção. Na sua perspectiva, ter-se-á constituído uma função especial a "atenção" que tem como objectivo indagar o mundo externo por forma a conhecê-lo e poder actuar quando surgir uma intensa necessidade interna. Esta função é, segundo Bion, um factor da função-alfa. Na sequência desta procura activa do exterior, ter-se-á estabelecido um sistema de notação bem como uma memória destas transformações, que é, para Bion, um fenómeno passível de ser estudado com a ajuda da teoria da função-alfa.

<sup>197</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., p.93 . Está aqui implícita a grande admiração de Bion por Shakespeare.

objectivo separar, definir e categorizar, caminhando assim para a abstracção. Este processo tem como finalidade encaminhar a pessoa para a verdade, para a justiça e para a racionalidade.

Se com Platão se instituiu a ordem da racionalidade e se, à semelhança do que afirma Cerqueira Gonçalves, entendermos por racionalidade:

"... o poder de acolher sentido, mas sobretudo o apelo para o desenvolver, continuando, desmontando, transformando e orientando o sentido dado para o abrir a um sentido novo."<sup>198</sup>;

reencontramos, então, Bion e as suas ideias.

Para Bion o processo de intuição, abstracção e transformação, que ocorre durante a psicoterapia (semelhante ao processo de descobrimento e abstracção que ocorre na mente do lactente, durante o seu desenvolvimento), faz-nos abrir e avançar.

Os modelos de que Bion se serve são instrumentos para pensar e neste processo de pensar cientificamente "... o momento seguinte ao uso do modelo é a realização que corresponde à intuição e à abstracção."<sup>199</sup>

Nos seus modelos, Bion evita a concretização defendendo que concretizar seria o mesmo que psicotizar. A abstracção é, assim, largamente utilizada por Bion.

Se para Platão possuímos uma parte racional que serve para conhecermos o mais abstracto, Bion fala-nos da nossa capacidade de aprendizagem através de processos de abstracção, generalização e simbolização. Abstracção que é indispensável à actividade K.

A abstracção é, assim, um ponto em comum entre os dois pensadores.

Para Bion, a relação que existe entre Filosofia e Psicanálise é a mesma que existe entre a matemática pura e a matemática aplicada. O seu interesse pela Matemática é evidente e desenvolve uma teoria das funções que se encontra altamente carregada de terminologia matemática. Matemática que tanto interessou Platão. Este, influenciado por Pitágoras e convivendo de perto com os matemáticos da sua época<sup>200</sup> ganha o respeito por esta ciência, única ciência abstracta, então existente. Reconhece

---

<sup>198</sup> - Joaquim Cerqueira Gonçalves. "O Estatuto das Humanidades - O regresso às Artes", in *Philosophica*. 1. 1993. p.9

<sup>199</sup> - António Muniz de Rezende. *Bion e o Futuro da psicanálise*, Ibid., p. 15

<sup>200</sup> - Segundo Abel Jeannièr: "As matemáticas fazem gigantescos progressos durante a vida de Platão e os matemáticos são frequentemente seus amigos, em todo o caso, seus interlocutores privilegiados." *Platon*. Ibid., p. 83

Platão que os objectos matemáticos não são as coisas concretas que nos rodeiam, mas objectos do pensamento cujo conhecimento se alcança quando a nossa inteligência se separa dos sentidos para "pensar por si mesma". Objectos que nos permitem alcançar mais facilmente o inteligível.

Para além do grande psicanalista que foi, não podemos esquecer-nos do lado filosófico de Bion, por isso a sua teoria é uma teoria aplicada e ele utiliza-a para que na prática esta seja ou não confirmada, ou seja, a psicanálise como prática de uma filosofia.

Quando compara a teoria à verificação empírica, vai estabelecer uma nova analogia: à teoria corresponde uma proposição matemática "comparável" a um círculo matemático enquanto que os factos observados são comparáveis ao desenho deste círculo sobre um papel.

Esboça-se, aqui, algo que não é novo para nós - as ideias de Platão.

Ambos, filósofo e psicanalista, utilizam modelos e teorias que os aproximam dos factos em estudo. Modelos e teorias que possuem elevado grau de abstracção.

O interesse pela Matemática, enquanto modelo de abstracção, e a abstracção em si mesma são, deste modo, um ponto de confluência entre os dois pensadores. No entanto, Muniz de Rezende faz uma ligeira ressalva, quando afirma:

"Eu observo que há em Bion dois movimentos: um em direcção à matemática e à abstracção; outro que se separa da matemática e vai em direcção à física ou à física-matemática."<sup>201</sup>

Deste modo, ao longo da sua evolução, enquanto pensador, Bion vai além da Matemática, sobretudo quando vai buscar à Física o termo "universo em expansão" para se referir às capacidades da nossa mente. Fritjof Capra ajuda-nos a compreender o significado de "universo em expansão" nos seguintes termos:

"Uma análise detalhada da luz recebida de galáxias distantes demonstrou que o conjunto das galáxias se expande de forma bem orquestrada ... quando estudamos o universo como um todo ... nesse nível cósmico, descobrimos que o universo não é estático mas que se encontra em expansão!"<sup>202</sup>

---

<sup>201</sup> - António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion*. Ibid., pp. 75-76.

<sup>202</sup> - Fritjof Capra. (1974). *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix Editora p. 151

Tal como se fala de universo que se expande também se fala de um universo que se contrai periodicamente. Este facto não veio à tona apenas na Cosmologia actual, pois já se encontrava presente na antiga mitologia indiana através da actividade criativa do Divino - *lila* - através da qual Deus se torna mundo e, no final, o mundo torna-se Deus.

Na concepção hinduista o mundo transforma-se continuamente e o sábio taoísta Huai Nan Tsé afirmava "aqueles que seguem a ordem natural, fluem na corrente do Tao".<sup>203</sup>

Heraclito de Éfeso, que tanto influenciou Platão, afirmava que tudo flui, enquanto Bion, tal como os físicos actuais, falam-nos de um universo em expansão quando se referem ao universo e também à nossa mente.

Também António Gedeão o faz no seu poema "O Homem":

"Inútil definir este animal aflito  
Nem palavras,  
nem cinzéis,  
nem acordes,  
nem pincéis  
são gargantas desse grito  
Universo em expansão.  
Pincelada de zarcão  
desde mais infinito a menos infinito."<sup>204</sup>

Relembremos, uma vez mais, a frase de Bion: "a relação que existe entre filosofia e psicanálise é a mesma que existe entre a matemática pura e a matemática aplicada". Embora diferentes, poderá uma existir sem a outra?

## 2. SOBRE O HOMEM

Sendo o homem e seu funcionamento objecto de estudo para Platão e Bion<sup>205</sup>, é de primordial importância compreendermos como é encarado por ambos os pensadores.

---

<sup>203</sup> - Huai Nan Tsé, citado por J. Needham, *Science and Civilisation in China*, Vol. I in Fridjof Capra. *O Tao da Física*. Ibid., p.88.

<sup>204</sup> - António Gedeão. *Poesias Completas 1956-1967*. Lisboa: Portugália Editora, p.3

Em toda a obra de Platão, podemos verificar quanto este valoriza a alma em detrimento do corpo. O corpo é apenas mero receptáculo da alma que o anima. Mas, vejamos, de modo mais detalhado, quais são as faculdades que atribui ao homem.

Da natureza da alma Platão falou, segundo Emile Boutroux<sup>206</sup>, de duas maneiras: uma mítica e outra científica. A primeira, no *Fedro*, onde podemos encontrar as suas ideias sobre a origem, a pré-existência, a eternidade e a reminiscência. A segunda, científica, podemos encontrá-la no *Fedro* mas encontramos-la, essencialmente, na *República* e já tivemos oportunidade de reflectir sobre ela no capítulo II.3.

Para Platão, do mesmo modo que a ideia, face ao múltiplo, é simples e imutável, também a alma ao lado do corpo, composto e perecível, é simples e eterna.

Alma e corpo...

Afirma António Pedro Mesquita:

"A alma é que é a vida e precisamente a vida do corpo; o corpo, quando vive, vive pela sua ligação com a alma e toda a sua vida é a alma. Nesta medida, enquanto o corpo vive pela alma e com a duração limitada daquela ligação, finda a qual perece, a alma vive sempre e por essência - sendo o "antes", o "durante" e o "depois" da ligação com o corpo."<sup>207</sup>

Insinua-se o dualismo de Platão. Se dantes o encontrámos entre "realidade e aparência", "ideias e objectos sensíveis", "razão e percepção pelos sentidos", encontramos-lo agora entre alma e corpo. Estes pares de opostos estão ligados entre si, sendo o primeiro em cada par superior ao segundo. A verdadeira existência é, assim, revelada à alma pelo pensamento e não pelos sentidos, não pelo corpo.

Mas, na medida em que nos retiramos para a nossa mente, esquecemo-nos de como "pensar" com o nosso corpo, logo, esquecemo-nos de usá-lo enquanto agente de

---

<sup>205</sup>- Para Bion, uma característica deste objecto de estudo, vinculada à realidade psíquica ou às fantasias inconscientes, é a sua qualidade não sensorial e a sua possibilidade de "crescer", "decrecer", "ser" e "vir-a-ser". Este revela-se na situação analítica e é esclarecido através das interpretações psicanalíticas. Consequentemente, ir-se-á modificando e adquirindo diferentes dimensões no sentido do mito, do significado e da teoria. O objecto psicanalítico será captado graças ao "estado de descobrimento" expresso na atitude de "sem memória, sem desejo e sem compreensão" (ver capítulo IV.5. Tratamento). O objecto psicanalítico representa-o, Bion, através da seguinte fórmula:  $\pm \gamma (\mu) (\epsilon) (\psi)$ .

<sup>206</sup> - Emile Boutroux. (1990). *Leçons sur Platon*. Paris: Editions Universitaires

<sup>207</sup> - António Pedro Mesquita. "O Argumento Ontológico em Platão" in *Philosophica* 2.1993 pp.38-39.

conhecimento. Tal facto acontece, a nosso ver, com Platão que relega o corpo para um plano verdadeiramente inferior. Quanto a Bion, frequentemente utiliza o termo *self* para marcar o aspecto totalizante da pessoa.

Se Platão não acredita nos sentidos, para Bion os "sentidos" são condição da experiência intuitiva e é deles que partimos para a sensibilidade a nível psíquico. Temos cinco sentidos e um sexto que resulta da conjugação deles todos.

Na sua teoria, toma como ponto de partida o desenvolvimento infantil bem como as experiências mais primitivas. Para Bion, o corpo é muito importante sendo a partir dele que começamos a simbolizar e a pensar.

"Quando o paciente entra no meu consultório, observo tudo",<sup>208</sup> afirma. Isto, porque o paciente é um todo. Temos, aqui, bem patente o seu monismo. O ser humano não é corpo e mente separados, mas uma unidade indissociável.

Se para Bion o corpo e os sentidos são importantes, Platão privilegia a alma apresentando, neste modo de olhar para o homem, perspectivas diferentes.

A abordagem de Platão é, por tudo o que temos vindo a referir, dualista: "corpo-alma", enquanto Bion é monista. O que lhe interessa é o *self* na sua integridade.

*A que é que isto se poderá dever, ou seja, qual a razão que levou Platão a olhar para o Homem de forma dualista, enquanto Bion o encara como um todo?*

Pensamos que questões ligadas com a cientificidade poderão estar aqui implicadas. Platão necessitava argumentar de forma muito sólida a fim de poder contrapor-se aos sofistas. A teoria das Formas apresenta este carácter científico, como vimos no ponto II.3.3. desta Dissertação.

Apesar da ênfase dada ao pensamento racional, tão típica da nossa cultura, não esqueçamos o "Penso, logo existo" de Descartes, Bion olha de modo diferente para o homem. Olha-o como um todo, valorizando intuição e emoções.

Se Platão teve de argumentar solidamente, Bion reflecte com os físicos actuais.

Parece-nos oportuno, neste ponto, reler Fritjof Capra:

"O racional e o intuitivo são modos complementares do funcionamento da mente humana. O pensamento racional é linear, concentrado e analítico. Pertence ao

---

208 - Bion in António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion*. Ibid., p. 91

domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência directa, não intelectual da realidade em decorrência de um estado ampliado de percepção-consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não linear."<sup>209</sup>

Comparando o modelo do homem com o da física actual, vamos socorrer-nos, novamente, de Capra para compreendermos o que poderá ter ocorrido:

"O universo deixou de ser visto como uma máquina, composta por uma profusão de objectos distintos, para apresentar-se, agora, como um todo harmonioso e indivisível .... O facto da física moderna ... estar agora estabelecendo contacto com o misticismo, essência da religião e manifestação de uma extrema especialização da mente intuitiva, mostra de uma bela forma a unidade e a natureza complementar dos modos racional e intuitivo de consciência."<sup>210</sup>

Não esqueçamos que Bion se serve dos modelos da física actual e sofreu influências místicas. Não esqueçamos a importância que a ama hindu teve na sua infância.

Deste modo, se podemos compreender Platão, à luz da sua época e da sua realidade, há certamente muitas razões para acertarmos o diapasão com Bion.

Por outro lado, se Platão considera o homem como um ser dividido entre razão e emoção, tal não acontece com Bion que liga estreitamente razão e emoção. Afirma Bléandonu: "Bion ligou muito estreitamente a razão à emoção, o desenvolvimento do intelecto ao desenvolvimento da personalidade..."<sup>211</sup>

O homem dividido: alma e corpo, razão e emoção, segundo Platão.

O homem na sua totalidade: o *self*, para Bion.

No entanto, Bion distingue consciente de inconsciente e, nesta divisão, "a barreira de contacto"<sup>212</sup> desempenha um papel crucial. Não há dúvida de que associamos o testar a realidade, o pensar e o verbalizar, ao consciente, enquanto que a impulsividade e a gratificação imediata estão associadas ao inconsciente. Quanto ao

<sup>209</sup> - Fritjof Capra. (1982). *O Ponto de Mutação*. S. Paulo: Ed. Cultrix. p. 35

<sup>210</sup> - Fritjof Capra. (1982). *O Ponto de Mutação*. S. Paulo: Ed. Cultrix. p. 45

<sup>211</sup> - Gérard Bléandonu: *Ibid.*, p.167

<sup>212</sup> - A barreira de contacto funciona, como vimos anteriormente, como passagem selectiva - contacto e separação - entre consciente e inconsciente. Bion sugere que devemos considerá-la como uma estrutura que faz parte do aparelho mental produzida pela função-alfa.

modelo platónico, este fala-nos de uma divisão entre razão e instinto. Neste sentido, podemos então afirmar que Platão e Bion se aproximam quando olham para a nossa mente como dividida:

"razão versus instinto"; "consciente versus inconsciente".

Encontramo-nos perante um ser dividido e, conseqüentemente, em conflito. O esquema do conflito encontra-se, a este nível, na obra dos dois pensadores. Platão fala-nos do conflito entre a parte racional e a parte apetitiva da alma, quanto a Bion fala-nos da luta que encontra no homem: pulsão de vida versus pulsão de morte, parte-*psicótica* e parte-*não-psicótica* da personalidade e fala-nos, ainda, das resistências que oferecemos aos processos de mudança.

Conflito que existe no homem, relativamente ao qual, ambos os pensadores, estão em sintonia.

Platão fala-nos em "psique" e Bion em "aparelho mental", possuindo ambos capacidade para converter as impressões sensoriais em conhecimento organizado e abstracto.

Porém, como factor primordial deste olhar, sobre o Homem, destacamos o facto de ambos os autores o considerarem como possuindo capacidade de crescimento interno, de mudança e de expansão.

Neste ponto, fundamental quanto a nós, Platão e Bion encontram-se, verdadeiramente, de acordo.

### 3. SOBRE O AMOR

*"e um ser humano atingido pelo amor estendeu,  
suplicante as suas mãos para uma estrela,  
sem se perguntar se era prazer ou dor o que implorava dela."*

*extraído de "Eros" de Lou Andreas-Salomé*

Miguel Oromi, na sua obra *El Pensamiento Filosófico de Miguel Unamuno*, representa plasticamente a figura trágica deste pensador espanhol como a figura revolta de Prometeu agrilhado, aos rochedos do Cáucasso, por ordem de Zeus. Uma águia rasga-lhe o fígado, por ter roubado o fogo do céu para benefício da humanidade.

Miguel Unamuno debruçou-se sobre o erotismo português e descreveu-o nos seguintes termos:

"Coimbra, Coimbra, tierra de encantos, ciudad bautizada por las lágrimas de Inés, vivero de la poesia de un pueblo que vive por el amor y por el amor muere! ... En Coimbra quemaron sus mocidades y talvez se iniciaron en el amor - esta, la casi única tragédia portuguesa - los más celebrados ingenios lusitanos ... Quien haya leído en los poetas portugueses saberá bien que no hay otra literatura alguna en que el amor haya hablado una lengua tão directa, tan pura, tan sencilla. Amando ... buscando en el amor a la mujer, el secreto de la vida."<sup>213</sup>

Esta é a concepção do amor, em Portugal, formulada por este pensador.

Em virtude dos laços afectivos que ligam o homem ao que o rodeia, aos seres vivos e aos objectos, parece-nos oportuno, neste contexto, reflectir um pouco sobre o amor, mantendo presente quanto Platão e Bion o valorizam.

Para nos ajudar, nesta reflexão, socorremo-nos de Lou Andreas-Salomé. Na sua obra, *Eros*, fala-nos acerca do amor, apresentando-o sob a forma de "individualidade" e de "fraternidade universal". Ao apresentá-lo como dois instintos fundamentais, reflecte sobre o modo como resolver o conflito que os opõe, concluindo:

"Todo o ser humano dotado de uma vitalidade sã participa de um e do outro, num grau maior ou menor, pois o culto exclusivo de um deles acabaria por constituir grave perigo. O amor dos homens por mais ilimitado que seja, necessita do apoio de um robusto amor-próprio, de modo a poder extrair do tesouro de riquezas individuais que sem dúvida possui aquilo que dá aos outros ... Na vida prática será sempre difícil traçar com alguma precisão as fronteiras que, em cada caso, separam a fraqueza da bondade, a dureza da força de ânimo. ... Há, no entanto, um facto que psicologicamente é de extremo interesse: é que o homem não pode renunciar a nenhum deles sem se mutilar a si próprio, e que estes dois instintos, ainda que na aparência opostos, devem acabar por se completar em algum recanto muito profundo da alma humana."<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup>- Miguel de Unamuno, *Andanzas y Visiones Españolas*. Madrid, 1940, pp.134-135 in António Freire. *O Pensamento de Platão*. Ibid. pp.170-171.

<sup>214</sup> - Lou Andreas-Salomé. (s.d.). *Eros*. Lisboa: Relógio D'Água. p.46

Platão parece abdicar da primeira forma de amor "individual" subordinando-o ao da fraternidade universal. Quando, neste contexto, falamos de amor individual, incluímos o amor sexual e Platão desvaloriza-o.

No *Simpósio*, na parte de Sócrates, afirma Diotima:

"Aqueles que são fecundos segundo o corpo, voltam-se de preferência para as mulheres, e esta é a sua maneira de amar, pois julgam que criar filhos assegura a imortalidade ... Para os que são fecundos segundo o espírito ... só a criação no domínio da alma desejam: a sabedoria e outras virtudes ..."215

Fecundos segundo o corpo versus fecundos segundo o espírito ...

O amor sexual, individual, é relegado para um plano secundário. As únicas vezes que Platão fala do amor sexual é no *Simpósio* colocando esta emoção no limiar inferior da escala ascensional. Nesta obra, considera-o como a procura da imortalidade por parte dos homens que fecundam segundo o corpo, enquanto que, na *República*, refere que as uniões sexuais se devem destinar à procriação.

*Mas porquê remeter o amor entre um homem e uma mulher para um nível tão inferior?*

Emil Reich<sup>216</sup> considera que a mulher era encarada como ser inferior. De facto, Platão afirma: "Rendo graças a Deus por ter nascido homem e não mulher..." mas, na *República* e nas *Leis*, propõe a igualdade de direitos políticos para mulheres e homens.

A questão não passará tanto pela mulher mas pela sua concepção de amor. Platão visava o amor, mas um amor ideal bastante diferente do amor tal como o concebemos.

Platão visava o amor pelo conhecimento.

Sobre a relação "amor - conhecimento", debruçou-se Agostinho da Silva:

"Embora as relações entre amor e conhecimento sejam tudo o que há de mais discutível, antes parecendo que não podemos dar a qualquer deles a primazia de aparecer, e os veremos pois, como concomitantes ou como duas inseparáveis páginas de uma folha - ama-se o que se conhece, conhece-se o que se ama -,

---

<sup>215</sup> - Platão. *O Simpósio*. Ibid., p. 88

<sup>216</sup>- Emil Reich. (1906). Plato and the Criticism of Life in António Freire. *O Pensamento de Platão*. Ibid., p. 172

podemos dizer que só haverá amor pelo mundo quando dele haja conhecimento, em todos os seus fenómenos, quer se trata de comportamento de átomos quer se trate de procedimento dos homens."<sup>217</sup>

Ama-se o que se conhece. Platão amava o conhecimento e conhecia o amor. Escreveu sobre ele.

No *Simpósio*, quando Agatão festeja o seu triunfo num concurso dramático, discursa-se aprofundadamente sobre Eros. Pausânias distingue o amor nobre do amor vil. Na sua perspectiva o instinto cego, que tende à simples satisfação dos instintos sexuais, é vil e abominável enquanto que o amor nobre, de origem divina, tende ao verdadeiro bem e perfeição do amado.

O amor é assim um meio para o desenvolvimento, no sentido da perfeição.

Aristófanes defende que o amor é a busca do homem pela totalidade do seu ser. Totalidade que jamais alcançará, dada a sua condição humana. O amor constitui, para este famoso comediógrafo, uma exigência de perfeição do próprio eu, visando o retorno ao estado primitivo de felicidade perdida. No entanto, Sócrates irá mostrar, através do seu diálogo com Diótima, que o amor não consiste em procurar nem a metade, nem o todo, a menos que isso seja o Bem.

Agatão foi o último a brindar e para este poeta trágico, que venera Eros, "...nenhum prazer está acima do amor..."<sup>218</sup>. Quanto a Sócrates, personificação viva das ideias de Platão, o amor não é um deus nem um simples mortal, encontrando-se a meio caminho entre os dois.

### *Mas como nasceu o amor?*

No banquete comemorativo do nascimento de Afrodite, os deuses festejavam o acontecimento. Um deles, Poros, após o jantar e entorpecido pelo néctar que bebera, foi deitar-se no jardim de Zeus, adormecendo rapidamente. Com o intuito de apanhar algumas migalhas da mesa dos deuses, Pénia (pobreza) introduziu-se no recinto sagrado e uniu-se a Poros. Desta união, de Poros (recursos) e Pénia (falta), nasceu Eros.

Eros herda do seu pai a coragem, a persistência, a arte de conseguir a realização dos seus intentos bem como o amor ao belo. Mas, tal como sua mãe, é pobre e sem abrigo nem conforto. Deste modo, no *Simpósio*, a noção de amor representada pela

---

<sup>217</sup> - Agostinho da Silva.(s.d.). *Dispersos*. Lisboa: ICALP. pp. 63-64

<sup>218</sup> - Platão. *O Simpósio*. *Ibid.*, p. 62

fala de Sócrates, quando este se debruça sobre a origem de Eros, dá-nos uma dimensão perfeitamente humana do amor. As suas manifestações revelam dignidade e baixeza, visão intuitiva e ignorância, bem estar e tristeza.

Neste sentido o amor é essencialmente ávido de ciência, logo, filósofo. É indigente, tendendo por isso, para um bem que não possui. Para Platão, os deuses não precisam de filosofar dado possuírem a plenitude da sabedoria. Por tudo isto, e o diálogo entre Sócrates e Diotima é bem claro, Eros não é um deus mas um espírito intermédio.

Porque não é um deus ...

"... o amor, sob a forma de Eros, contém em si todos os excessos de egoísmo e benevolência. Um e outro transmutados em paixões e fundidos num único sentimento, quaisquer que sejam os seus contrastes. Dir-se-ia que se produz na nossa vida secreta como que uma delicada fenda, através da qual conseguimos sair de nós, para nos lançarmos embriagados e de passo inseguro, para tudo o que existe à nossa volta de vida transbordante, e isto no próprio momento em que somos atingidos pelo mais apaixonado dos egoísmos."<sup>219</sup>

A noção platónica de amor reenvia-nos para a perfeição. Assim, o amor mais perfeito e mais intenso que o homem pode ter é o amor pela Sabedoria, Beleza e Bem.

Platão descreve, como vimos quando nos debruçamos sobre o *Simpósio*, três graus no amor, antes de atingirmos a meta definitiva. São eles: o amor dos corpos belos, o amor da ciência (amizade e amor intelectual) e, finalmente, a contemplação.

Contemplação ...

"...de um espectáculo surpreendente de Beleza eterna, sem princípio nem fim, sem aumento nem diminuição, sem alteração de espécie alguma, sem forma corpórea nem analogias científicas, distinta de tudo quanto existe, subsistindo sempre em si mesma em perfeita unicidade de essência."<sup>220</sup>

É esta, segundo Platão, a suprema aspiração da alma humana: a contemplação da Beleza que constitui a essência do verdadeiro amor.

---

<sup>219</sup> - Lou Andreas-Salomé. *Eros*, Ibid., p.50

<sup>220</sup> - Platão. *O Simpósio*. Ibid., p. 183

No princípio era o amor.

O significado que esta frase encerra, remete-nos para Klein, para Bion e remete-nos para a relação precoce mãe-filho. Se pensarmos com Bion, podemos reflectir sobre o acto de amor que é a capacidade de "reverie" materna. A propósito escreve: "Podemos deduzir que a *reverie* é como a fonte psicológica que satisfaz as necessidades de amor e de compreensão da criança ..."221.

A teoria da vinculação, subjacente às teorias de autores tão diferentes como Bowlby, Freud, Spitz, Winnicott, Klein e Bion, faz-nos reflectir sobre os vínculos que se estabelecem entre mãe e filho.

Vínculos que se estabelecem entre analista e analisando.

Melanie Klein, com a simplicidade de quem sabe, quando se refere ao seu pequeno paciente - Dick - afirma: "o tratamento de Dick tinha que começar pelo estabelecimento de contacto e vínculo."222 O problema da comunicação linguística, que este menino apresentava, passava pelas suas dificuldades de comunicação interpessoal afectiva e, aos poucos, através do estabelecimento de vínculos afectivos, foi-lhe possível passar para os vínculos simbólicos.

Bion fala-nos dos vínculos e concebe um vínculo para o amor - o vínculo L.

"Vínculo", "vincular" são palavras que nos reenviam para o latim (*vinculum*), significando atadura, laço. Laços que uniram a criança aos pais e que podem deixar traços.

Afirma Gaston de Bachelard:

"Por alguns dos seus traços, a infância dura a vida inteira. É ela que vem animar amplos sectores da vida adulta. Muitas vezes uma criança vem velar o nosso sono. Mas também na vida desperta, quando o devaneio trabalha sobre a nossa história, a infância vive em nós e traz o seu benefício.

É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso dá-nos uma consciência de raiz. Toda a árvore do ser que reconforta ... dramas da infância ... esses dramas não se apagam, podem renascer, querem renascer ... esse tempo de elegia íntima, esse tempo do pesar que perdura é uma realidade psicológica." 223

---

221 - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p.58

222 - Melanie Klein. A importância de formação de símbolos no desenvolvimento do ego in Sílvia Bleichmar. (1993). *Nas Origens do Sujeito Psíquico*. Porto Alegre: Artes Médicas. p.88.

223 - Gaston de Bachelard. (1988). *A prática do devaneio*. S. Paulo: Martins Fontes, p. 15

Estes traços são representações no interior da pessoa. Mas "vinculum" significa, igualmente, grilhões e algemas. Grilhões e algemas que constituem um vínculo patológico, não permitindo saídas para a vida.

Vínculos afectivos que é necessário compreender e que se repetem na adultícia quando conservamos, dentro de nós, os vínculos amorosos que nos uniram aos nossos pais. Afirma Amaral Dias: "... é o acto de amor que nos cria, em todo o sentido da palavra, e é a ele que voltamos nas vinculações possíveis que a vida nos oferece."<sup>224</sup>

Na terapia, encontro entre dois seres em que um - o analista - serve de continente às projecções do outro, tal como uma mãe com capacidade de "reverie", encontramos-nos também perante um modelo vincutivo. Perante o amor.

A palavra terapia, *therapeuein* em grego, significa cuidar de, havendo na palavra "the-rapia" algo de divino, uma presença de *theos*.

### *Mas de quem cuida o terapeuta?*

Segundo Pierre Fédida, o terapeuta cuida de Eros doente. Fédida refere-se à questão clínica, nos seguintes termos:

"O médico está constantemente em relação com o amor, porque as doenças físicas em sua evolução apresentam-se como paixões amorosas. O médico cuida de Eros doente. Therapie, em grego, é o cuidado exercido sobre o Eros doente. ... Amor de médico é amor justo; estabelece uma contrapartida, um novo equilíbrio com a parte doente de Eros.

Hoje em dia não há razão para recusar tal concepção. ... Ora, na tradição do poeta Ésquilo ... emprega-se a expressão *pathei/mathos* para designar o que é prático, o que é paixão, o que é vivido, aquilo que pode tornar-se experiência. ... Psicopatologia, literalmente, quer dizer um sofrimento que comporta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno."<sup>225</sup>

Falámos de psicopatologia na sua relação com o amor. Segundo Muniz de Rezende, o *pathos* está no coração da psicanálise e Bion interessa-se pela pessoa e seu

---

<sup>224</sup>- Carlos Amaral Dias. (1986). A Genealogia do Amor: Vinculação ou ilusão vinculativa. *Psicanálise* 3. Porto: Afrontamento. p. 47

<sup>225</sup> - Pierre Fédida. "Amor e morte na transferência" in António Muniz de Rezende. *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Ibid., pp 84-85.

*pathos*. Assim, se se está atento ao *pathos* do paciente não se argumenta, não se cataloga, antes se atenta para a relação terapêutica que se estabelece entre analisando e analista que, na situação psicanalítica, possibilita o crescimento interno.

Recordemos que, na Mitologia, Eros é filho de Pénia e de Poros. Pénia é falta e, porque é filho de Pénia, simboliza a penúria e a carência. Eros apresenta-nos, conseqüentemente, uma face de desejo insatisfeito, desejo que nunca se realiza, desejo inegavelmente ligado à frustração.

Platão e Bion encontram-se em harmonia.

Carência e falta que vão desiludir.

Desilusão e frustração que é necessário suportar e solucionar, ou seja, possuir um recurso para as ultrapassar.

Se Eros é filho de Pénia (falta) é também filho de Poros que significa recursos, sendo, por isto e em simultâneo, amante do bom e do belo. Logo, através dele pode-se caminhar na dialéctica e no processo psicanalítico.

Pode-se, segundo Platão, procurar o Bem e o Belo. Pode-se, segundo Bion, iluminar a pessoa.

"Ignorância versus Sabedoria" para Platão. "Falta versus Recursos" para Bion.

É através destes recursos que é possível o entendimento da nossa ignorância, da nossa dor, da nossa falta.

É através dos nossos recursos que, finalmente, é possível a transformação, para ambos os autores.

Platão e Bion, debruçam-se, assim, sobre o amor e dado que olham diferentemente para o homem e para a sociedade, a sua visão do amor é, conseqüentemente, diferente.

Platão representa-o como uma força intermédia entre a ignorância e a sabedoria, possibilitando a permanente aspiração do bom, do belo e da verdade. "O amor, segundo Platão, é essencialmente filósofo, isto é, ávido de ciência"<sup>226</sup>.

Quanto a Bion, o amor está presente, na sua obra e nas suas ideias, ganhando forma através da relação precoce mãe-filho e do peso que esta tem para o futuro do lactente. Por outro lado, a relação amorosa, se a considerarmos de maneira abrangente, é toda a história da pulsão sexual, nomeadamente o complexo de Édipo<sup>227</sup>.

---

<sup>226</sup> - António Freire, S.J. Ibid., p.179

<sup>227</sup>- A similaridade entre Eros e líbido foi apontada, por diversas vezes. Se a líbido é apresentada como mais corporal, apresenta, por outro lado, capacidade de sublimação.

A relação amorosa, no sentido lato em que a temos vindo a abordar, ganha ainda forma no vínculo que se estabelece entre analista e analisando. Vínculo que é um vínculo afectivo, no qual duas pessoas, conjuntamente, se debruçam sobre o mundo interno de uma delas.

Por outro lado, podemos reflectir sobre os "nós" que a vida provoca em cada um dos nossos pacientes. Desfazê-los é, ou não, um acto de amor?

No entanto, se Platão e Bion vêem o amor diferentemente - amor espiritual para Platão e amor total para Bion - estão em consonância quando olham para o amor como algo que favorece o crescimento interior rumo à harmonia e à verdade.

Mas, Eros remete-nos para Tanatos.

Temos vindo a falar do amor, das pulsões e dos vínculos mas, Bion fala-nos, igualmente, dos ataques aos elos de ligação, aos vínculos. Ataques que nos remetem para a doença.

Eros que nos remete para Tanatos.

#### 4. A LOUCURA

Tentaremos, neste ponto, compreender como encaram estes pensadores os distúrbios da mente.

*O que é para eles a loucura?*

Embora a visão de Platão e de Bion sobre o tema não seja idêntica, parece-nos importante enfatizar algumas similaridades.

A loucura e o delírio eram familiares à vida ateniense. Neste Século V, a.C., a tragédia grega encontrava-se repleta de cenas de heróis em conflito enlouquecendo, normalmente, um deles, no final da peça. Por outro lado, a medicina e as leis, embora em perspectivas diferentes, lidavam com a loucura. Ao termo "loucura" parece ter-se sucedido o termo "doença da psique", usado, frequentemente, por Platão.

Este filósofo efectuou, segundo Bennett Simon:

---

Bennett Simon. Plato and Freud. The Mind in Conflict and the Mind in Dialogue. Neste artigo, o autor refere que Pfister chamou a Platão "precursor de Freud".

"... uma transformação nas noções das doenças da alma e tratamento dessas doenças que foram muito além do que qualquer outra coisa na cultura da sua época. ... O que é único em Platão é que a sanidade vem equiparada às mais elevadas, racionais e abstractas actividades enquanto que a loucura vem identificada com o corpo, com o apetite e as suas formas associadas de pensamento."<sup>228</sup>

Como vimos anteriormente, Platão utiliza o termo opinião (doxa)<sup>229</sup> para o tipo de pensamento ligado à parte inferior da psique. O termo "doxa" também parece denotar o equivalente a alucinação e ilusão, para os autores gregos.

Ao distinguir dois modos diferentes de pensar e de discursar e ao afirmar a superioridade do primeiro, que é abstracto e racional, Platão define-o como equivalente ao bem moral, tendo proclamado que conhecimento é igual a virtude e a sanidade. Equipara saúde a harmonia, relacionando doença e loucura com a ausência destas. Existe ainda em Platão outra definição de loucura: loucura que se associa a ignorância.

No primeiro Diálogo - *Hípias Menor* - Sócrates pede aos seus amigos: "... far-me-ás muito melhor pondo fim à ignorância da minha psique do que à aflição do meu corpo."

Para Platão, a sanidade está, assim, ligada às actividades superiores da mente e é equiparada à harmonia, enquanto que a loucura vem identificada com o corpo, com o desejo e com a ignorância.

No livro IV, de *A República*, após ter mostrado que a injustiça é o contrário da justiça, diz Platão pela voz de Sócrates no diálogo com Gláucón:

"- E agora que conhecemos a natureza da justiça e da injustiça, compreendemos com toda a clareza o que significa fazer coisas injustas, violar a justiça, e igualmente o agir de acordo com ela?

- Como assim?

- Porque na realidade - disse eu - em nada diferem da doença e da saúde, sendo elas na alma o que estas são no corpo.

- Explica-te melhor - pediu ele.

---

<sup>228</sup> - Bennett Simon. *Plato and Freud. The Mind in Conflict and the Mind in Dialogue*. Ibid., p. 98.

<sup>229</sup>- Platão divide o termo "doxa" que significa opinião ou parecer em doxa correcta e doxa incorrecta. A primeira diz respeito a um conhecimento empírico bem estruturado e senso comum, enquanto que a segunda se aproxima da ignorância. De qualquer forma, "doxa" é sempre inferior a "epistème" (conhecer).

- As coisas sãs produzem saúde; e as coisas mórbidas, doença.

- E o produzir saúde é dispor os elementos existentes no corpo de modo que uns dominem e outros sejam dominados de acordo com a natureza. Por outro lado, o produzir doença é fazer com que mandem e obedeçam uns aos outros contra a ordem natural.

....

- Assim, pois segundo se vê, a virtude será uma espécie de saúde, beleza e bem estar da alma, e o vício, uma doença, fealdade e fraqueza da mesma."<sup>230</sup>

Como se pode ver, Platão associa a doença ao vício e à fraqueza da alma. À loucura chamou Sócrates o oposto da sabedoria, defendendo que as paixões deveriam ser dominadas pela razão.

Esta ignorância, esta espécie de loucura, é análoga ao não querer saber, de que Bion nos fala no seu artigo sobre "Arrogância". Neste artigo, Bion define o conceito "arrogância, nos seguintes termos:

"desejo conferir ao termo «arrogância» o significado [seguinte:] se na personalidade em que predominam os instintos de vida, o orgulho se converte em respeito por si mesmo, predominando os instintos de morte, o orgulho transforma-se em arrogância." <sup>231</sup>

De maneira oportuna, Muniz de Rezende lembra-nos a etimologia da palavra "mentecapto". Esta, derivando do latim, significa que a mente foi tomada (capta) por alguma emoção. "Antigamente [afirma ele] não se distinguiam muito bem as formas da loucura, e todo o louco era mentecapto. Com a mente tomada ... não é o sujeito (pensante) que age, mas as paixões que o põem em movimento."<sup>232</sup>

Em *Ataques aos elos de ligação*, e partindo das ideias de Klein nomeadamente as respeitantes aos estádios iniciais do complexo de Édipo, Bion atribui aos ataques, que na fantasia o lactente faz ao seio materno, o carácter de protótipo de todos os ataques a objectos que sirvam de elos de ligação, considerando a identificação projectiva como o mecanismo utilizado pela psique para se libertar dos fragmentos do ego, resultantes da destrutividade.

---

<sup>230</sup> - Platão. *A República*. Ibid. p.117

<sup>231</sup> - W.R.Bion. (1957) .Sobre Arrogância. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ibid. p. 101.

<sup>232</sup> - António Muniz de Rezende. *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papyrus Ed. p. 13

Não esqueçamos que, para o autor, a identificação introjectiva encontra-se associada à identificação projectiva, constituindo a base sobre a qual repousa o desenvolvimento normal. Mas Bion fala-nos de "*identificação projectiva patológica*" para se referir à evacuação das partículas resultantes dos ataques desferidos contra aspectos do self, nomeadamente o aparelho de percepção e os vínculos com os objectos. Identificação projectiva patológica que surge em certos quadros psicóticos ou que é utilizado pela personalidade psicótica, quando predominam a inveja e a voracidade.

Como vimos, Bion apresenta o desenvolvimento do pensamento como similar ao desenvolvimento da personalidade. Pensamento que nasce no espaço de frustração.

Espaço criado pela presença de Thanatos.

Frustração que a criança é capaz de tolerar e, tal como afirma Muniz de Rezende: "um dos sinais de vida interior é poder tolerar a frustração."<sup>233</sup>

Mas a criança nem sempre tem condições para tolerar a frustração. Relembremos o papel das características inatas do bebé e dos ataques que lança a tudo o que o liga ao seio, ou seja, a agressão primária e a inveja. A gravidade destes ataques é aumentada se a mãe não funcionar como um bom continente e é diminuída, mas não abolida<sup>234</sup>, se a mãe possuir capacidade para introjectar estes sentimentos e permanecer equilibrada.

A origem da perturbação é, como podemos verificar, dupla: de um lado a disposição inata do bebé à destrutividade, ao ódio e à inveja e, do outro lado, a ausência de um ambiente que lhe permita utilizar os mecanismos da clivagem e da identificação projectiva.

As perturbações iniciam-se, assim, com a própria vida.

Ao longo da sua obra, Bion refere-nos exemplos da sua prática clínica na qual os ataques ao elo de ligação são sinónimos do que acabámos de referir e se apresentam sob a forma de ataques à paz de espírito do analista.

Quando fala das perturbações do desenvolvimento, aborda a questão pelo lado do pensamento: como pensam o neurótico? O psicótico? E o esquizofrénico?

Se o neurótico é prisioneiro do seu imaginário-emocional, o psicótico apresenta sérios problemas com a realidade enquanto que o esquizofrénico ataca o processo

---

<sup>233</sup> - António Muniz de Rezende. *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Ibid., p.47

<sup>234</sup> - Neste caso, a abolição não ocorre porque o bebé psicótico está sobrecarregado pelo ódio e pela inveja que sente desta mãe possuidora de equilíbrio interno.

simbólico, não conseguindo juntar os pensamentos nem criar vínculos com as pessoas.

À doença associa Bion os distúrbios à curiosidade, ou seja, o contrário de aprendizagem.

Escreve:

"O distúrbio do impulso à curiosidade, do qual depende toda a aprendizagem, e a negação do mecanismo através do qual este impulso busca expressão torna impossível o desenvolvimento normal."<sup>235</sup>

Assim, a incapacidade para tolerar a frustração e condições externas adversas impedem o desenvolvimento normal e a aprendizagem pela experiência.

Estamos, então, perante a psicotização da experiência na qual o indivíduo fica preso ao concreto sem possibilidade de simbolizar. Não esqueçamos o que afirma Muniz de Rezende:

"Simbolizar é juntar seio e bondade, numa experiência original vivida. [A esta incapacidade para simbolizar, associamos a psicose. O psicótico] ... não simboliza porque "concretiza" ao invés de "realizar". O psicótico permanece num nível de experiência caracterizado pela presença de "elementos-beta". E, ao dizer isso, estou sugerindo, ao contrário, que simbolizar é desenvolver a função alfa. Ela é, eu diria, a primeira etapa do processo de simbolização."<sup>236</sup>

A definição de símbolo parece Bion tê-la "bebido" em Melanie Klein, tal como aparece no texto "Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego".

O símbolo era, primitivamente, um objecto unificado que duas ou mais pessoas repartiam entre si quando se separavam por muito tempo. Quando mais tarde se reencontravam cada uma delas servia-se do seu fragmento para se fazer reconhecer e, neste reconhecimento, ocupar um lugar novo, que se expressa por um novo nome, num todo igualmente novo.

Para Bion, simbolizar implica afecto, contacto e aproximação.

Falámos da função-alfa e sabemos quanto Bion valoriza este conceito. Afirma:

---

<sup>235</sup> - W.R.Bion. Ataque à ligação. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ibid., p. 124.

<sup>236</sup> - António Muniz de Rezende. *A Metapsicanálise de Bion. Além dos Modelos*. Ibid., pp. 45-46.

"os ataques à função-alfa, estimulados pelo ódio ou inveja, destroem a possibilidade de que o paciente estabeleça um contacto consciente consigo próprio ou com outro, enquanto objectos vivos."<sup>237</sup>

Não esqueçamos que esta função inclui os processos de pensamento. Ora, os pacientes que apresentam sérios distúrbios na sua capacidade de pensar são considerados como possuindo a função-alfa deteriorada ou insuficientemente desenvolvida. O que predomina em seu lugar são os elementos-beta que não permitem a simbolização.

Simbolização que se prende com o pensamento, pensamento que é, no caso da patologia, concreto e rígido. Em "Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico", Bion chama a nossa atenção para o domínio dos impulsos destrutivos, o ódio à realidade interna e externa, o medo de aniquilação iminente e para a formação precipitada e prematura de relações objectais.

Mas Bion interessa-se também pelo modo como o esquizofrénico utiliza a linguagem verbal.

Esta é utilizada de três formas: como acção, como método de comunicação e como forma de pensamento. O esquizofrénico prefere, segundo Bion, usá-la como acção quando outras pessoas perceberiam que exigia o pensamento. Se, por outro lado, tiver um problema cuja solução dependa da acção, o esquizofrénico recorrerá ao pensamento onipotente.

Ao examinar a linguagem, verifica que esta é utilizada como forma de acção ao serviço da divisão do objecto ou da identificação projectiva. A fragmentação esquizofrénica atinge a linguagem e o pensamento a partir do sujeito, do sujeito dividido.

Quanto às relações de objecto, o esquizofrénico divide os objectos ou neles penetra e sai. Se a divisão estiver ao serviço da identificação projectiva, o paciente emprega as palavras como "coisas" ou como partes dele próprio que "enfia" no analista.

Baseado na sua prática clínica, Bion dá variados exemplos, chamando a nossa atenção para a linguagem contraditória do esquizofrénico, que leva o analista a dar duas interpretações opostas. Descreve:

"A «técnica» depende da combinação de dois elementos incompatíveis: assim, o paciente fala de um modo sonolento com a intenção de fazer o psicanalista dormir.

---

<sup>237</sup> - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., pp. 27-28

Ao mesmo tempo, estimula a curiosidade do analista. A intenção ... é dividir o analista que é impedido de dormir e de ficar acordado."<sup>238</sup>

Finalmente, verifica que alguns analisandos ficam presos ao concreto e ao sensorial, oferecendo grande resistência à mudança de vértice, no fundo, à aprendizagem. Existe resistência à mudança porque quem aprende acaba mudando. A propósito, afirma Muniz de Rezende: "A resistência a aprender é uma resistência à mudança, à expansão do universo mental."<sup>239</sup>

É uma tentativa de permanecer no "pequeno mundo".

Adoece-se quando fracassa a tendência para o infinito.

Para Platão a doença é a fixação a um estágio de pensamento concreto ligado essencialmente ao desejo e à ignorância.

Embora não aborde as questões da doença pelo lado do desenvolvimento infantil e não valorize a interação da criança com a mãe, o modo como ambos os autores olham para a doença apresenta algumas similaridades.

Platão e Bion associam à doença a noção de rigidez. Para ambos, doença é pensamento concreto. Ouçamos Bion:

"Os pacientes com transtornos sérios no seu pensamento, têm a função-alfa deteriorada e, por isso, produzem elementos-beta que os impulsionam à acção e ao pensamento concreto, por fracasso da sua capacidade de simbolização."<sup>240</sup>

Mas, ao pensamento concreto, associam também fixação. Para além de pensamento concreto e fixação aparece-nos a ignorância enquanto oposto da aprendizagem e, finalmente, dificuldade na expansão e crescimento mental.

Mas, a importância destas comparações, que denominámos de "Aproximações", tornam-se ainda mais interessantes à medida que avançamos para a discussão do tratamento.

Vejamos, então, como o encaram estes pensadores.

---

<sup>238</sup> - W.R. Bion. Notas sobre a Teoria da Esquizofrenia. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ibid., p. 35

<sup>239</sup> - António Muniz de Rezende. 1994. *A Metapsicanálise de Bion. Além dos modelos*. Ibid., p. 16

<sup>240</sup> - W.R. Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p.11

## 5. O TRATAMENTO

*"As palavras não são mais do que magia disfarçada"*

*Freud*

Na teoria platónica, no *Fedro*, pela voz de Sócrates, surge a noção de *auto-conhecimento*. O método para o homem atingir este conhecimento sobre si próprio e do "verdadeiro ser" é, em primeiro lugar, o diálogo que posteriormente se transforma em dialéctica.

A Dialéctica assenta inteiramente na linguagem, tal como a Psicanálise. Se o psicanalista não detém qualquer saber relativo ao paciente a não ser o que lhe é revelado pelo discurso deste, pela linguagem não-verbal e pelos seus silêncios, na dialéctica, Sócrates (que sabe que nada sabe) limita-se, através das suas perguntas,<sup>241</sup> a obrigar o interlocutor a recomeçar a sua fala, a reflectir sobre esta e, finalmente, a exprimir o verdadeiro que, silencioso, existe dentro da pessoa.

Deste modo, a dialéctica é o caminho para o conhecimento das ideias e para a conquista da verdade de todas as coisas. Afirma Bennet Simon: "A Dialéctica é um instrumento através do qual se pode construir pontes entre o mundo do nascimento e da morte e o mundo do verdadeiro ser",<sup>242</sup> ou seja, é um instrumento que permite separar o "mundo do que parece" do "mundo da verdade".

Quanto ao diálogo psicanalítico é óbvia a sua disposição para estar ao serviço do outro na sua singularidade e subjectividade particulares, tendo um objectivo claro: buscar a verdade da pessoa, implicada nesta busca. A propósito, escreve Amaral Dias: "... o crescimento emocional faz-se na análise em direcção à verdade sem que essa aproximação deixe alguma vez de ser interminável."<sup>243</sup>

Deste modo, Dialéctica e Psicanálise têm o mesmo objectivo: buscar a verdade. Tema que aprofundaremos no ponto 7. "Sobre a Verdade".

Como vimos, quando nos debruçamos sobre a doença, para Sócrates ninguém é

---

<sup>241</sup> -Segundo Bennett Simon algumas regras grosseiras parecem determinar a forma da pergunta. As perguntas são postas para permitirem, de um modo óptimo, apenas uma resposta "sim" ou "não". O objectivo disto é atingir uma certa imutabilidade (realidade imutável e igual a si própria, pela qual são denominadas todas as suas instâncias: indivíduos e propriedades homónimas) e clareza para definir os diferentes e mutáveis aspectos do mundo dos fenómenos.

<sup>242</sup> - Bennet Simon. Plato and Freud. The Mind in Conflit and the Mind in Dialogue. Ibid., p. 114.

<sup>243</sup> - Carlos Amaral Dias. Do Trabalho Psicanalítico... (A) RE-PENSAR. Porto: Afrontamento. p.78.

voluntariamente mau. Para ele, a causa do erro é a ignorância. Erra-se por ignorância. Quanto a Bion, em *Conferências Brasileiras*, conta-nos a lenda dos túmulos de Ur. Nesta lenda, quando o rei morreu todos os membros da corte se dirigiram para uma escavação - a cova da morte - e aí, adornados com todas as suas jóias e mais belas vestes, tomaram uma droga em pequenos cálices, posteriormente encontrados junto de cada corpo, e morreram. Baseando-se nesta lenda, Bion interroga-se acerca do tipo de forças que levaram estas pessoas a uma conduta que os conduzia a uma morte certa. Que forças primitivas eram estas que atentavam contra a sobrevivência e contra o conhecimento. Seria ignorância? Seria onipotência?

Forças primitivas, ignorância, arrogância e onipotência que encontramos, em alguns dos interlocutores de Sócrates. Também o psicanalista, na aparente tranquilidade do seu consultório, se encontra frequentemente perante aspectos das partes mais primitivas da mente<sup>244</sup>, bem como perante o "não querer saber" e a arrogância.

No *Ménon*, surge a ideia do "conhecimento inconsciente", que pode estar no nosso espírito sem que disso nos tenhamos apercebido. O espírito está, no dizer de Platão, "prenhe" de algum pensamento que se esforça por nascer.

O método de Sócrates, para o ajudar a nascer, é semelhante à arte da parteira tendo como finalidade trazer esses pensamentos ao consciente.

No seu desejo de libertar as almas oprimidas, pelo peso da verdade, Sócrates questiona-as, reanima-as quando desfalecem, extraindo-lhes finalmente o conhecimento que possuem e não conseguem conhecer ou comunicar. A ciência que adquirem não a alcançam de Sócrates, mas concebem-na da sua própria inteligência e por meio da intervenção de Sócrates a dão à luz. Os dados da introspecção são, deste modo, como um diálogo, e o desenvolvimento do auto-conhecimento encontra-se, fortemente, dependente do diálogo com outros.

As questões do tratamento aborda-as Bion relacionando-as com a aprendizagem. Consequentemente, na clínica, o problema com o qual se defronta é o de saber se os pacientes são capazes de aprender a vida mental, a partir da experiência psicanalítica.

---

<sup>244</sup> - Referimo-nos à onipotência, identificação projectiva patológica e ataques ao vínculo.

*Mas, como é que se aprende?*

Para Bion, a aprendizagem está ligada à experiência. Segundo Muniz de Rezende<sup>245</sup> a problemática de aprender a partir da experiência, permite-nos insistir tanto no "aprender" quanto na "experiência".

Podemos considerar que a região da experiência é o ponto de partida e a da aprendizagem o ponto de chegada. *Em Aprendiendo de la Experiencia*, Bion escreve:

"Para se aprender através da experiência, a função-alfa deve operar sobre a captação da experiência emocional [ponto de partida]: os elementos-alfa surgem das impressões da experiência. Para tal, convertem-se em acumuláveis e disponíveis para os pensamentos oníricos e para o pensamento inconsciente da vigília. Uma criança que tem a experiência emocional chamada "aprender a andar" é capaz, graças à função-alfa, de acumular esta experiência. Pensamentos que inicialmente eram conscientes tornaram-se inconscientes e, deste modo, a criança pode realizar todo o pensamento necessário para andar sem ser já consciente dele."<sup>246</sup>[ponto de chegada].

A passagem da experiência para a aprendizagem é, no fundo, um processo de abstracção que, no contexto psicanalítico, podemos relacionar com a experiência emocional. Uma relação de continente-conteúdo, semelhante à relação emocional primária, é repetida no tratamento. Neste, o analista desempenha o papel de boa mãe, de continente. Vejamos como, na clínica, Bion encara esta relação:

"Quando o paciente se esforçava para se livrar dos temores de morte, sentidos como demasiado poderosos para que a sua personalidade os contivesse, ele excindia seus temores e os colocava dentro de mim, com a ideia de que, se lhes fosse permitido repousar ali por tempo suficiente, minha psique os modificaria, podendo então ser reintrojectados sem perigo."<sup>247</sup>

Estamos perante o factor "continente-conteúdo", mas para além da importância deste factor, são igualmente importantes o factor "PS↔D"<sup>248</sup> e o "aparelho pré-

<sup>245</sup>- António Muniz de Rezende. *Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento*. Ibid., p.21

<sup>246</sup> - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p.27

<sup>247</sup> - W.R.Bion. *Ataques aos elos de ligação*. Ibid., p. 104

<sup>248</sup> - Ps↔D é a flutuação entre a posição de dispersão esquizo-paranóide (Ps) e a posição depressiva de integração (D). Esta flutuação faz-nos pensar nas mudanças cíclicas a que

conceptual" bem como a correspondente manutenção em K ("relação especulativa e exploradora"<sup>249</sup>). O trabalho psicanalítico em K, como nos recorda Amaral Dias, tem o objectivo de promover a observação das mentes do analista e do analisando nas suas transformações, evoluções e auto-descoberta.

Dado que entre continente e conteúdo existe uma reciprocidade, uma procura, deste encontro ocorre o desenvolvimento de ambos - continente e conteúdo. Deste modo, o trabalho psicanalítico é promotor do crescimento emocional dos intervenientes no vínculo.

Como vimos, quando abordámos o "Amor", é o vínculo que une, deixa traços e que nos permite conhecer.

Bion ajuda-nos a reflectir acerca disto. Em *Ataques ao Vínculo*, podemos ver como estes ataques promovem a perda da identidade simbólica. Assim, na análise, o terapeuta deverá desfazer as alianças perversas, necessitando para tal de estabelecer laços com o paciente.

A conservação do vínculo é, por tudo o que temos vindo a referir, condição indispensável para o reconhecimento do próprio como pertencendo àquele todo. Só assim há reintegração do ego.

Um ego integrado amando o objecto total amoroso, como nos diz Melanie Klein.

Para Amaral Dias compreender o que une analista e analisando:

"... é compreender a genealogia do vínculo. É perceber através da fantasia expressa pela palavra ou pelo silêncio, a natureza da ligação que, permitindo ao analista perceber a forma como o analisando o vive e com ele se vive, também lhe permite perceber o que ali, no ali e agora, se vive entre os dois."<sup>250</sup>

Bion utiliza modelos<sup>251</sup>. No capítulo XXI de *Aprendiendo de la Experiencia*, salienta a importância dos modelos na teoria e prática psicanalítica, destacando a sua

---

Heraclito se referia quando nos falava do fogo eternamente vivo que se acende e que se extingue.

<sup>249</sup> - Carlos Amaral Dias. Do Trabalho Psicanalítico ... (A) RE-PENSAR. Ibid., p.79

<sup>250</sup> - Carlos Amaral Dias. A genealogia do Amor. Ibid., p. 41

<sup>251</sup> - Como nos lembra Muniz de Rezende os modelos estão presentes em nós e também na nossa fala. As palavras contam-nos a sua história. Para os detectar, basta observar. Por exemplo, na palavra "ob-servar" encontra-se presente o modelo da visão. "Ob" é um prefixo latino que significa diante dos olhos, logo, observar significa conservar diante dos olhos. Muniz de Rezende. W.R.Bion: *Uma Psicanálise do Pensamento*. Ibid. p.63.

flexibilidade em contraste com a rigidez das teorias. Por outro lado, mostra a sua importância na manutenção do contacto com a realidade.

Contacto com a realidade que a função-alfa permite e não esqueçamos que "... o sentido da realidade é tão importante para o indivíduo como a comida, a bebida e o ar que respira ..."252

Na prática clínica, o analista procura compreender qual é o modelo do seu paciente e pô-lo a descoberto, servindo-se do seu. Deste modelo, surgem novos conceitos<sup>253</sup> psicanalíticos. Os modelos são, deste modo, as pontes, as vias de acesso entre o ponto de partida e o ponto de chegada.

### *Como se dá esta passagem?*

De maneira particularmente grácil, Muniz de Rezende leva-nos a imaginar uma ponte e as suas duas margens. "O modelo é a ponte .... se o modelo não for bom, então existe o perigo de cair, e com medo resiste-se...". Assim, a pessoa prefere ficar no concreto, no visível, do que passar para a outra margem. Com singeleza, Bion esclarece-nos como proceder:

"Você fica observando, ouvindo o paciente até que se forme um padrão, um esquema na sua mente. E quando você percebe por exemplo que se trata da posição esquizo-paranóide então faz-se luz e as coisas começam a ir aos seus lugares. Aquele assunto é do domínio do esquizo-paranóide."<sup>254</sup>

É graças a esta capacidade de perceber que se organiza o material trazido pelo analisando e pode-se, então, interpretá-lo.

A técnica que Bion utiliza é, deste modo, interpretativa, levando em conta a transferência quer positiva, quer negativa e aplicando, para a compreensão do material, os conceitos kleinianos.<sup>255</sup>

---

<sup>252</sup> - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p.67

<sup>253</sup> - No uso da palavra conceito está presente o modelo da concepção. O conceito é como o feto da mente, enquanto que o pensamento é entendido como gestação.

<sup>254</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., p. 78.

<sup>255</sup> - Nestes incluímos as relações parciais de objecto, posição esquizo-paranóide e depressiva, a teoria da inveja e os mecanismos de defesa, nomeadamente, a clivagem e a identificação projectiva.

Na sua obra, *Transformations*, Bion sugere que a interpretação tem de fazer algo mais do que aumentar o conhecimento; deve conseguir que "O", como representante da realidade última, se "encarne" na pessoa do analisando.

Repegando na metáfora da "ponte", podemos pensar que esta permite uma passagem que nos conduz do "real - concreto" ao "real - psíquico". Do outro lado da ponte dá-se a realização. É o mundo da "Realidade Última".

Podemos então dizer que, na sessão, o analista utilizando os modelos do paciente, ajuda-o a atravessar a ponte até à outra margem.

Para além disso, Bion propõe-nos um modelo que passa pelo facto de nos colocarmos em contacto com o "ser", desde o início até à actualidade. Mas, pensar o "ser" é pensá-lo, aqui e agora, na sua actualidade permanente. A propósito, afirma:

"Espera-se como resultado da experiência aprender o modo de se interessar tanto pelo presente quanto pelo futuro. Estas, são as únicas coisas acerca das quais podemos fazer algo. Quanto ao passado não podemos fazer nada ... Em Psicanálise duas pessoas ousam fazer perguntas sobre aquilo que esqueceram e sobre aquilo que não sabem, e devem, ao mesmo tempo, ser capazes de viver o presente. O resultado é que se tornam mais fortes."<sup>256</sup>

Como vimos, quando nos debruçamos sobre a loucura, a intolerância à frustração impede o desenvolvimento. Bion preocupa-se com a frustração e propõe que o analista esteja atento a esta. Afirma: "Para o psicanalista, a escolha oscila entre procedimentos que tendem a evitar a frustração e os que tendem a modificá-la. Esta é uma opção decisiva."<sup>257</sup>

No aprofundamento da sua teoria, Bion debruça-se também sobre a "reversibilidade", já abordada no ponto II.2.4.2.1. "Distúrbios do conhecimento". Na prática clínica, terapeuta e analisando têm pontos de vista diferentes. Quando o paciente pode modificar o seu ponto de vista, que neste exemplo pode ser a outra imagem, alcançou então uma compreensão interna que lhe permite ter a perspectiva do que diz mas ter também outra perspectiva - a perspectiva do outro.

---

<sup>256</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid., p. 17

<sup>257</sup> - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p. 52.

*Mas o que é que na mente do analista deve passar-se para que possa apreender o que é crucial?*

Bion defende que a mente, em continente, é um retículo vazio<sup>258</sup>. Assim, a mente do analista deverá ser capaz de despojamento: estamos no domínio daquilo a que o autor denominou "sem memória, sem desejo e sem compreensão". Em *Conferências Brasileiras*, explica-nos esta postura de uma maneira muito clara. Ouçamo-lo:

"Com relação a memória e desejo: o senhor pode, por exemplo, sentir que gostaria de estar em casa. Se a ideia se torna mais e mais possessiva, o senhor então pensa "como seria maravilhoso que eu estivesse em casa!" Se usa o seu tempo pensando nisso, torna-se muito difícil prestar atenção ao que está acontecendo no presente. A percepção da experiência imediata torna-se opaca. Do mesmo modo, se você pensa, não nostalgicamente no passado, mas, no que é a mesma coisa, no futuro, "como vai ser bom quando eu estiver crescido" ... é difícil voltar-se para o momento presente, que não é nem o passado nem o futuro ... Assim, enquanto estamos pensando no passado e no futuro estamos cegos e surdos para o que se está desenvolvendo no momento presente."<sup>259</sup>

O analista terá de trabalhar em continente-conteúdo, mas como retículo vazio, no qual pode nascer um facto de origem desconhecida.

Para tal, o analista necessita de ter capacidade para tolerar o sofrimento e a frustração, bem como para tolerar a dúvida e as meias verdades<sup>260</sup>.

Em ambos os autores - Platão e Bion - encontramos os dois membros da díade. Para Platão, o filósofo representa a parte racional, relativamente às demais pessoas. Segundo Simon Bennet: "Para Platão o filósofo está para o resto da humanidade como a parte racional do psíquico está para a parte impetuosa da psique."<sup>261</sup> Também para o analisando o psicanalista é, de alguma maneira, como o intelecto é para o instinto.

---

<sup>258</sup> - retículo vazio, vacúolo, somatório de vacúolos que são capazes de se conceber como um functor. "Functor no qual se cria a unidade de significação, ou seja, pelo elo, pelo vínculo. Antes desse elo não há nome para coisa alguma". Carlos Amaral Dias. *Só Deus em Mim se opõe a Deus*. pp. 19-20.

<sup>259</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras*. Ibid. pp 131-132.

<sup>260</sup> - A esta capacidade chamou Bion a "linguagem do êxito".

<sup>261</sup> - Simon Bennet. *The Mind in Conflict and The Mind in Dialogue*. Ibid., p.108

Ambas, Psicanálise e Dialéctica, procuram reduzir a distância entre os dois elementos da díade. Bion olha com humildade para as suas "certezas". A propósito escreve Amaral Dias: "Um analista cheio de saber, de conhecimento (K), fica obstruído, tapado por um -K"<sup>262</sup>.

A postura defendida por Platão parece ser mais segura e racional. O filósofo encontra-se apto a conduzir o discurso, utilizando a razão. Não esqueçamos, no entanto, a afirmação de Sócrates de que nada sabe, mostrando-nos, deste modo, como o diálogo é uma forma de ameaçar as nossas certezas e, tal como afirma Amaral Dias, "Aonde existe um objecto relacional (isto é, comunicativo), existe uma viabilidade de cura".<sup>263</sup>

Encarados sob a perspectiva do valor atribuído ao diálogo, quer filosófico quer psicanalítico, Platão e Bion encontram-se em sintonia.

*Mas neste encontro entre duas pessoas que se esforçam por trazer para a luz a verdade e os pensamentos, como são encaradas as emoções?*

Se reflectirmos acerca das *emoções*, numa tentativa de comparação entre os dois pensadores verificamos que, para Platão, no discurso filosófico, apenas emoções intermédias são permitidas. Ora, Bion valoriza as emoções e a intuição defendendo que o que acontece no processo analítico é uma repetição da experiência emocional do bebé. Experiência que é reformulável e que permite a mudança de algo que se encontrava fixo e rígido.

Esta rigidez necessita, através da análise, de ser destruída. Bion chama a atenção para as "falsas certezas", comparáveis, a nosso ver, às "verdadeiras mentiras" de Platão. Estas conduzem ao endurecimento e à rigidez reconhecidos, por ambos os pensadores, como factores de doença.

Deste modo, as nossas certezas - "falsas certezas" (Bion) ou "verdadeiras mentiras" (Platão) - impedem-nos de aprender. Na dialéctica e no processo analítico, este é um aspecto que ambos os pensadores tomam em conta tornando-o alvo de desmantelamento.

Esta caminhada é a caminhada rumo à cura; para Platão e para Bion.

Sistematizando, podemos afirmar que:

---

<sup>262</sup> - Carlos Amaral Dias. Reflectindo a partir de Bion. (A) *RE-PENSAR*. Porto:Afrontamento, p. 81

<sup>263</sup> - Carlos Amaral Dias. Reflectindo a partir de Bion. (A) *RE-PENSAR*, Ibid. p. 69

1 - ambos os pensadores têm o mesmo objectivo: o auto-conhecimento<sup>264</sup>;

2 - partem do mesmo princípio: o de que existe em cada pessoa uma parte desconhecida que ainda não evoluiu. A noção de *nascimento*<sup>265</sup> é partilhada pelos dois autores. Bion fala-nos do "nascimento de um facto de origem desconhecida", enquanto que Platão refere o "dar à luz os pensamentos";

3 - partilham da mesma crença, a de que existe em cada um de nós necessidade de procurar a verdade. Porém, se para Platão é a procura da verdade, associada à virtude e ao belo, para Bion é a procura do sujeito ele mesmo: Édipo ou louco<sup>266</sup>. E isto é diferente. Mas, como afirma Paulo Grimaldi: "Não se alcançará cura alguma se o analista não conseguir que o paciente se dê conta da gravidade da sua condição."<sup>267</sup>;

4 - na sua obra, *Transformations*, Bion refere a existência de um caminho rumo ao saber. Trata-se de um caminho que vai da dispersão à integração. Chama, no entanto, a nossa atenção para o momento em que se dá o contacto com a dor necessária ao encontro com uma nova unidade de significação.

Platão fala-nos de quanto trabalho e de quanta resistência<sup>268</sup> existe dentro da pessoa para abandonar a sua cegueira. Fala-nos também do turbilhão que existe na alma. Quanto a Bion, fala-nos das resistências que encontra em cada paciente. Mas, para além disso, fala-nos em dor mental e em mudança catastrófica.

O sofrimento e a mudança catastrófica constituem um fenómeno evolutivo e de crescimento mental, para ambos os pensadores. Finalmente, é a tolerância à dor mental que permite à pessoa crescer. Para Platão e para Bion, embora a intensidade da dor seja diferente;

5 - a ideia de "ignorância", sob a forma de "verdadeiras mentiras" ou de "falsas certezas", encontra-se presente quer no diálogo filosófico quer no analítico. O tratamento, através da dialéctica e do diálogo psicanalítico, visa o seu desmantelamento, para ambos os autores;

---

<sup>264</sup> - o auto-conhecimento era de tal forma valorizado, na época de Platão, que no Templo de Delfos existia a seguinte inscrição: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses".

<sup>265</sup> - No processo psicanalítico afirma-se muitas vezes, quando a análise foi demorada, que foi um parto trabalhoso e difícil.

<sup>266</sup> - Por exemplo, numa personalidade neurótica o seu "O" é "ser" consciente da problemática edipiana e do que esta envolve. As resistências que a personalidade opõe à transformação, K → O, incluem as resistências descritas por Freud.

Se a área é a que corresponde às *transformações em alucinação*, então, o vir a ser "O" aproxima-se do que se conhece como "ser louco".

<sup>267</sup> - Paulo Grimaldi in Grinberg e al.. *Introdução às Ideias de Bion*. Ibid., p. 224.

<sup>268</sup> - Platão refere impasse, aporia e confusão.

6 - Sócrates utilizava um método de pergunta e resposta, conduzindo o inquirido. Como vimos, com Platão, o diálogo é substituído pela dialéctica. Dialéctica e Psicanálise apresentam em comum, de entre outros aspectos, a "situação" na qual uma pessoa vai tentar compreender qualquer coisa que o outro devia compreender, mas que não compreende.

Mas, aqui, psicanalista e filósofo apresentam posturas diferentes. De facto, o psicanalista está perto, sentindo o pulsar, acolhendo as aflições e descobertas do seu paciente, enquanto que o filósofo conduz a pessoa rumo a um caminho que considera o mais acertado<sup>269</sup>. Não esqueçamos que o modelo platónico assenta em "razão versus emoção", sendo a razão valorizada, enquanto que, para Bion, razão e emoção encontram-se de mãos dadas.

7 - O caminho que se percorre, ao longo do tratamento, é a dialéctica e o diálogo psicanalítico. Estes permitem, segundo Platão, a passagem da sombra para a imagem e da imagem para as formas ou ideias, enquanto Bion fala em evolução do nosso pequeno mundo para um universo mental em expansão.

8 - Finalmente, verificamos que os termos psicanalíticos tornaram explícitas relações que não estavam completamente articuladas nas discussões de Platão.

Retomando a lenda dos túmulos de Ur, estes foram saqueados. Os saqueadores ousaram abrir caminho através das sentinelas - os fantasmas da morte. Estes saqueadores foram, segundo Bion, os "corifeus do método científico", necessitando certamente de muita ousadia para vencer o medo dos espíritos. Paralelamente, quando o psicanalista se aproxima do inconsciente - do desconhecido - certamente vai ser perturbado. Afirma Bion: "Todo aquele que amanhã vai encontrar um paciente deveria, de algum modo, experimentar medo".<sup>270</sup>

Em *Conferências Brasileiras*, Bion considera a Psicanálise como uma resposta ao inadequado; dessa percepção surge a busca da causa do inadequado. As causas devem ser procuradas não só no mundo racional mas também na sobrevivência das raízes básicas religiosas e tribais que existem em cada um de nós.

---

<sup>269</sup> -Quando fazemos esta afirmação, estamos pensando sobretudo na indução socrática (epagôgê).

<sup>270</sup> - W.R.Bion. *Conferências Brasileiras I*. Ibid., p.15

## 6. SOBRE MITOS

*"O mito é o sonho da humanidade e o sonho o mito individual"*

*Bion*

O homem primitivo, ao deparar-se com uma realidade exterior inconstante múltipla e desconexa, sentiu certamente insegurança e angústia; como tal, necessitou de encontrar explicações bem como de dar significado aos acontecimentos que o rodeavam. Trata-se de uma forma de organização da existência face à inoperância do mundo dos sentidos.

Estamos perante o mito<sup>271</sup>.

As narrativas míticas procuram instaurar ordem e unidade na multiplicidade dos acontecimentos. Este exercício é um treino para a razão e o pensamento racional desenvolver-se-á.

É na Grécia que assentam os alicerces da civilização ocidental. Os mitos, enquanto paradigmas ou modelos de comportamento, eram valorizados. Homero é exemplo disso, mas, quando surge a Filosofia, os filósofos opuseram-se ao mito considerando-o como o oposto da verdade.

*Como é que Platão encara os mitos?*

Na *República*, considera-os como "verdadeiras mentiras expressas por meio de palavras".<sup>272</sup> No entanto, "cada diálogo platónico é um mito"<sup>273</sup> e uma obra de poesia. António Freire inclina-se a ver na mitografia platónica "a expressão mais autêntica da figura de Platão - filósofo genial e poeta sublime." Torna-se, por isso, desconcertante que Platão invective os poetas e os expulse da *República*. Tal postura parece advir de, na sua perspectiva, o poeta imitar a vida exercendo, conseqüentemente, uma influência negativa sobre a alma dos homens.

---

<sup>271</sup> - do antigo *mythos*, palavra sagrada ligada ao primado da tradição oral e capaz de individualizar, formular e conservar a «verdade». Gian Paolo Caprettini, Guido Ferraro, Gioranni Filoramo. (1987) *Mythos/Logos. Enciclopédia* Imprensa Nacional: Casa da Moeda.

<sup>272</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 61.

<sup>273</sup> - Josef Piefer citado por António Freire. Ibid., p.210

Em *Conferências Brasileiras*, Bion reflecte sobre o tema e conclui que as lendas, sendo fáceis de compreender, são no entanto falsas e esta seria a razão da hostilidade de Platão para com os poetas.

Mitos versus logos: não esqueçamos o quanto Platão privilegia a razão e o conhecimento, desvalorizando a credice e a ignorância. Quanto aos poetas, considera-os verdadeiros imitadores (ver II.3.5. Sobre a verdade e a mentira).

Platão vai, pela voz de Sócrates, opor-se aos mitos homéricos; mas ele próprio os cria. Naturalmente, não os utiliza no sentido da credice, utiliza-os com o objectivo claro de transmitir normas de comportamento e conhecimento. O mito tem, para Platão, uma conotação transcendental que atinge os conteúdos mais profundos da alma humana.

Analisemos alguns deles:

Marie-Claire Galpérine<sup>274</sup> fala-nos do mito platónico que é o nascimento de Eros, sobre o qual nos debruçamos no ponto 3, deste capítulo. No Livro X, da *República*, Platão escreve o famoso mito de Er. Este morrera na batalha e o seu corpo foi recolhido, ressuscitando ao duodécimo dia. Contou então o que vira no outro mundo: o julgamento das almas. Estas, consoante a sua vida e acções na terra, seguiam destinos diferentes: as boas (*δίκαιοι*), o caminho da direita que conduz ao céu, as más (*αδίκαιοι*), o caminho da esquerda. Er foi o mensageiro encarregado de relatar aos homens as coisas do outro mundo. Por isso, observou o encontro entre as almas, suas escolhas e a sua caminhada através do Campo do Esquecimento.

Nesta reflexão, e à laia de conclusão, Sócrates aconselha Gláucou, nos seguintes termos:

"Portanto meu alvitre é que sigamos sempre o caminho do alto e pratiquemos de todos os modos a justiça, com inteligência, tendo em mente que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males e todos os bens."<sup>275</sup>

Este mito fornece-nos modelos de conduta que visam o Bem e a Justiça, através dos quais a nossa alma alcançará o céu. A própria cidade ideal de Platão, como nos lembra Mircea Eliade<sup>276</sup>, tem também um arquétipo celeste.

No Diálogo *Protágoras*<sup>277</sup>, Platão coloca na boca deste pensador uma fábula acerca da origem do Homem: os seres vivos foram criados pelos deuses a partir da

<sup>274</sup> - Marie-Claire Galpérine. (1996). *Lecture du Banquet de Platon*. Vendôme: Verdier.

<sup>275</sup> - Platão. *A República*. Ibid., p. 317.

<sup>276</sup> - Mircea Eliade. (1940). *O mito do Eterno retorno*. Lisboa: Círculo de Leitores.

terra e do fogo. Foram-lhes distribuídas as qualidades que lhes convinham: pêlos, asas, etc. Epitemeu, sob as ordens de Prometeu, encarregou-se desta distribuição. Verificou, tarde de mais, que dispensara tudo aos animais, não tendo ao seu dispor nada para entregar ao homem. Então, para que este se não extinguisse, deu-lhe o fogo.

Sendo Prometeu, para os gregos, o símbolo da inteligência humana, o que ele atribuiu ao homem foi, no fundo, a razão e o entendimento.

O que é que este mito nos diz?

Diz-nos que faltando ao homem os atributos físicos, os órgãos defensivos e a agressividade dos outros animais, este corria o risco de extinguir-se. Com a dádiva do fogo, ou seja, da razão, foi-lhe possível evoluir.

Em Platão, segundo Caprettine e outros, o mito tem um valor mediador, um carácter de verdade que vindo do exterior (como se fosse uma verdade) torna mais fácil a compreensão daquilo que o *logos* quer demonstrar.

Esta versão torna-se clara no *Górgias*, no diálogo entre Sócrates e Cálicles. Afirma Sócrates:

"Escuta pois como se diz, um belo discurso (logos), que tu, creio, consideras um mito, mas eu um raciocínio (logos), raciocínio que, com efeito, desejo expor-te como se fosse uma verdade." <sup>278</sup>

A linguagem mítica apresenta-se repleta de situações mágicas e de imagens sugestivas expressando, assim, uma verdadeira "realidade" de forma muito melhor do que a linguagem factual.

Deste modo, as narrativas platónicas funcionam como estruturas simbólicas capazes de sintetizar, em poucas palavras e em imagens (não esqueçamos que o modelo grego era essencialmente visual), densos agregados de significados.

Assim, apesar de recusar os mitos antigos, Platão parece obrigado a vestir-se com as vestes mitológicas para tornar acessível a sua mensagem - a de se aceder ao SER.

Deste ponto de vista, o mito transmite não tanto um saber concreto mas um código que permite produzir saber.

Piefer, estudioso dos mitos platónicos, não hesita em afirmar que os mitos são fontes de verdades incontestáveis e inabaláveis. Também Valéry, ambos citados por

---

<sup>277</sup> - Platão. Protágoras in G. Thompson. *Os primeiros filósofos*. Lisboa: Editorial Estampa.

<sup>278</sup> - Platão. *Górgias* in Caprettine e outros. *Mythos/logos*. Ibid., p. 82.

António Freire<sup>279</sup>, afirma ser impossível separar do nosso espírito coisa que não seja mito.

Através da corrente estruturalista, Malinovsky e Lévy-Strauss debruçaram-se sobre o interior das vivências míticas, captando-lhes o sentido mais profundo e dando-lhes um sentido positivo ao encará-los como explicações da realidade, ou seja, como um esforço do homem para dar uma significação à realidade. O mito é, na opinião destes autores, a narrativa de uma criação surgindo-nos, assim, o homem como um animal simbólico<sup>280</sup>.

Também Caprettini e outros consideram que a hipótese de uma linha de progresso que conduz "... das obscuridades intelectuais do mito à luz triunfante da razão é não só historicamente inexata, mas também, e sobretudo, incapaz de esclarecer fenómenos culturais complexos."<sup>281</sup>

Vimos como Platão encara os mitos, reflectimos com alguns investigadores do assunto e podemos verificar a evolução acerca do modo de olhar para os mitos.

Vejamos como é que Bion os encara.

Tal como Platão, embora diferentemente, Bion interessa-se pelos mitos. Na sua perspectiva, os mitos são modelos primitivos para o crescimento mental.

Defendendo que em todos os estudos sobre mitos, encontramos amor, ódio e ciúme (vínculos L e H), aborda os mitos relacionando-os com o vínculo K, ou seja, com o problema do conhecimento que é, no homem, tão elementar como os vínculos de amor e ódio.

Para tal, utiliza três mitos diferentes - o do Éden, o de Édipo e o de Babel - e vai encontrar, considerando o vínculo K, elementos comuns entre eles: um Deus onisciente e onipotente, um modelo para o crescimento mental e uma atitude de curiosidade e de desafio. Nestes três mitos, o modelo para o crescimento mental está representado pela árvore da sabedoria, pelo enigma da esfinge e, finalmente, pela Torre de Babel.

Debrucemo-nos, por um momento, sobre cada um deles.

A ideia da árvore surge frequentemente. Se simboliza o Cosmos, exprime igualmente a vida, a imortalidade e a sapiência. Ao longo da história das religiões,

---

<sup>279</sup> - António Freire, S.J. *O Pensamento de Platão*. Ibid.

<sup>280</sup> - Não esqueçamos que simbolizar significa utilizar algo que pode representar ou substituir uma realidade, na ausência desta.

<sup>281</sup> - Caprettini et al. (1987). *Mythos/logos*. Ibid. p.

encontramos as árvores da vida, da imortalidade e da sabedoria. Bion vai pegar no mito da árvore da sabedoria, do Antigo Testamento. Neste - mito por excelência da nossa tradição cultural - Adão e Eva, após terem comido o fruto da árvore da sabedoria, foram castigados. Disse Deus à mulher:

"Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos ..." [e ao homem:] ... maldita é a terra por causa de ti, com dor comerás dela todos os dias da tua vida ... [e] ... então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de Nós, sabendo o bem e o mal. [E expulsando-os do paraíso] ... pôs querubins ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida."<sup>282</sup>

Como podemos verificar, através deste mito, o desejo do proibido (Deus avisara Adão e Eva para não comerem do fruto da árvore do bem e do mal) estimula a necessidade de buscar o conhecimento e de experimentar o fruto da árvore da sabedoria que é, deste modo, castigada com o exílio e a dor.

Quanto ao mito de Édipo, Freud afirma que esta história não pode ser lida linearmente. Esta história é afinal uma outra história - a do desejo humano. De um desejo que vai levar Édipo a matar o pai e a dormir com a mãe.

Édipo é, assim, aquele que se atreve a desejar. A saber.

No entanto, alguma coisa dentro do ser humano o avisa contra os perigos desta busca de conhecimento. No caso desta peça, deste mito, quem avisa é Tirésias - o cego. A propósito, afirma Amaral Dias: "A cegueira de Tirésias e Édipo são o sinal da incompletude do Homem, mas também o início de uma sabedoria própria à condição humana."<sup>283</sup>

Bion sugere que o mito de Édipo é um "mito privado", parte integrante de um aparelho primitivo, que funciona como pré-concepção na mente do lactente e que é precursora de uma função importante do ego - a "função para o conhecimento da realidade psíquica". A pré-concepção que é o mito edipiano privado é, então, um factor da função psicanalítica da personalidade.

Este mito é composto por elementos alfa e permite ao lactente compreender a sua relação com os pais.

---

<sup>282</sup> - *Bíblia Sagrada*. Génesis, 3, versículos 16, 17, 22 e 24.

<sup>283</sup> - Carlos Amaral Dias. (1993). *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa: Fenda, p. 28.

Bion debruça-se, ainda, sobre o mito da Torre de Babel. Neste, a diversidade de povos e de línguas - a impossibilidade de comunicar e consequentemente de cooperar - resulta de uma afronta, feita ao Criador, provocada pela curiosidade de alcançar o conhecimento. Este mito fala-nos de como o Homem, através da sua necessidade de conhecimento, ousa desafiar encontrando, consequentemente, o castigo relacionado com esta curiosidade.

Nos três mitos, considerados por Bion, a necessidade de conhecer e o prazer sexual são traços pré-determinantes do que é curiosidade e interdito. A necessidade de saber, como salienta Pierre Geissman, "surge antes da necessidade sexual"<sup>284</sup> mas ambas são inerentes ao homem.

Acompanhando o percurso desta necessidade de "saber", verificamos que a curiosidade, estimulada pela proibição, busca o conhecimento; enquanto que a intolerância à dor e o temor ao desconhecido estimulam acções que tendem a anular ou a resistir à curiosidade, opondo-se deste modo à descoberta de novas verdades.

Consta que para os gregos existia um único pecado, o de os homens desejarem ser deuses, descentrando-se de si próprios e usurpando as prerrogativas divinas não atendendo, assim, às limitações da sua condição humana.

Na sua obra, *Transformations*, Bion faz uma ligeira alusão à Teoria da origem das Ideias de Platão. Na "alegoria da caverna" Platão encontra, segundo Bion, uma forma mítica de abordar o assunto. Corresponde, segundo Bion, à Linha C da Grade.<sup>285</sup>

Ambos, Platão e Bion, se interessam pelos mitos e embora os encarem de forma diferente - Platão repudia-os mas utiliza os seus próprios mitos como forma de transmitir conhecimento e como código de comportamentos, Bion encarando-os como modelos do vínculo K - os mitos representam, para os autores, fontes de conhecimento. Platão, dada a sua necessidade de propor modelos de comportamento, que têm como objectivo alcançar a Justiça e o Bem, recusa os mitos que se afastam destes valores, criando os seus próprios mitos que são veículo do conhecimento que deseja "ensinar" aos homens. Quanto a Bion pega nos mitos existentes e, de forma criativa, associa-os ao vínculo K.

Para ambos, o mito representa um código que permite produzir saber.

---

<sup>284</sup> - Pierre Geissman. (1990). Bion et quelques absents. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Française de Psychiatrie. Paris: Editions Métailié. 1991.

<sup>285</sup> - Na Grade, a linha C diz respeito aos fenómenos compostos por pensamentos oníricos, imagens visuais e às ideias combinadas em forma de narrativa como os mitos privados e públicos.

A Psicanálise ensina-nos que a análise dos mitos é parecida com a análise dos sonhos. Freud, baseando-se no mito edipiano, esclareceu aspectos do desenvolvimento sexual humano. Deste modo, os mitos, enquanto criação ou utilizados criativamente, representam para ambos os pensadores uma fonte de conhecimento e de saber.

Os mitos parecem ser, assim, uma narrativa do drama do homem quando este busca o conhecimento de si mesmo.

Na lenda dos Túmulos de Ur, tal como nos mitos, encontramos a existência de um desejo de superação e ultrapassagem das limitações do que se é.

Reflectindo acerca da forma como Platão e Bion encaram os mitos, pensamos poder afirmar, reflectindo com Kuhn, que aquilo a que este autor chama uma "mutação da concepção do mundo", pode permitir-nos, contemplando os mesmos objectos, ver coisas novas e diferentes, pontos luminosos e zonas cegas.

Apesar de nenhum mito ser verdadeiro contém, em si mesmo, aspectos da verdade e à verdade jamais devemos virar as costas. Debrucemo-nos, então, nestas "Aproximações" sobre as perspectivas de Platão e Bion, sobre a verdade, e tentemos encontrar as convergências entre o pensamento dos dois autores.

## 7. SOBRE A VERDADE

*"La vérité, le plus beau nom du réel,  
est un vagabondage divin."*

*Platão, Crátilo.*

Ao debruçarmo-nos sobre o modelo platónico, a conclusão a que chegamos é a de que o nosso conhecimento de um conceito não pode resultar da percepção pelos nossos sentidos, porque estes nunca nos mostram duas coisas perfeitamente iguais. Esta visão das coisas faz renascer a ideia da perfeição, ou seja, a ideia da existência de um padrão ideal que os nossos sentidos jamais atingirão - o Mundo das Formas.

Bion fala-nos da existência de Pensamento sem que exista pensador, sendo esse pensamento a *Verdade*.

Coloca-se-nos, então, uma questão que é comum aos dois autores - a ideia de um padrão ideal e verdadeiro - o "mundo das formas", comparável a um "pensamento sem pensador" que é, para ambos os autores, a Verdade.

O amor à verdade encontra-se, a nosso ver, na mente e na obra dos dois pensadores. Debrucemo-nos sobre este.

O amor à verdade é algo de essencial para se atingir o estado de "verdadeiro ser" defendido e desejado por Platão, enquanto que Bion fala de "pensamento verdadeiro" considerando o amor à verdade como um meio para se atingir a realidade última<sup>286</sup> - o "O".

Segundo António Freire:

"A localização das ideias situa-as Platão ... fora do tempo e do espaço. Isto parece corroborar a opinião generalizada de que o mundo ideal de Platão tem existência real, separada, independente do espírito que o arquitecta com fundamento nas realidades sensíveis."<sup>287</sup>

Ora, os "pensamentos sem pensador" parecem situar-se também fora do tempo e do espaço, independentes da mente humana. Para ambos os autores, "Ideia ou Forma" e "Pensamento", uma vez formulados, são ambos aproximações da Verdade, ou seja, da essência que representam.

Se relativamente à perspectiva de Bion, acerca da Verdade, podemos aplicar as palavras dos místicos orientais:

"Lá o olho não alcança  
Nem a fala nem a mente.  
Não sabemos ou sequer entendemos  
Como poderia ser ensinado."<sup>288</sup>

quanto a Platão, só através da Contemplação a nossa alma poderá atingir a Forma ou Ideia.

Para o Homem, segundo Platão e Bion, a Verdade parece ser, "um (im)possível objecto ideal"<sup>289</sup>.

---

<sup>286</sup> - As tradições orientais referem-se constantemente à realidade última, indivisível e que se manifesta em todas as coisas e da qual todas as coisas são partes componentes. A realidade última, "Brahman" (do Krishna) é entendida como sendo a alma ou essência eterna de todas as coisas. Ela é infinita e está para além de todos os conceitos. F. Capra. *O Tao da Física*. Ibid., p.72.

<sup>287</sup> - António Freire. Ibid., p. 69

<sup>288</sup> - Kena Upanishad, 3 in F. Capra. *O Tao da Física*. Ibid., p.31.

<sup>289</sup> - Carlos Amaral Dias. (1993) *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa: Fenda, p.

*Mas que caminhos percorremos para procurar a verdade?*

Platão foi um dos pensadores que maior influência teve sobre as épocas posteriores. De Sócrates, seu mestre, aprendeu o princípio de que o Bem é o fim supremo de toda a existência e de que é no Bem que se deve procurar a verdade e a explicação do universo.

A ideia de Bem é a causa da Verdade. Segundo António Freire: "Para Platão existe convertibilidade perfeita entre o Ser, o Uno, o Bem, o Belo e o Verdadeiro."<sup>290</sup> Keats aproxima-se, a nosso ver, de Platão quando afirma que toda a verdade é bela e toda a beleza é verdadeira.

Como vimos, Platão não confia nos sentidos, que apenas permitem aproximações. Deste modo, distingue o mundo do intelecto do mundo dos sentidos e exemplifica a divisão destes dois mundos através duma analogia: o mundo das ideias é o que vemos quando um objecto é iluminado pelo sol, enquanto que o mundo dos sentidos é um confuso mundo crepuscular.

Este autor distingue dois modos distintos de pensar e de discursar que coloca em termos dicotómicos "verdadeiro ser" versus "nascer e morrer", afirmando a superioridade do primeiro modo de pensar que é abstracto e racional. O caminho a percorrer é um caminho que nos leva das sombras para a luz, do mundo dos sentidos para o mundo das ideias.

*Mas, como é que, por exemplo, um géometra fechando os olhos e pensando em objectos que nunca pode ter visto consegue descobrir a verdade sobre estes?*

Na sua obra, *A República*, apela para uma parte espiritual da mente e debruça-se sobre o modo como o homem procura a verdade. Nesta obra, a divisão da psique é, essencialmente, entre o "racional", o "apetitivo" e uma porção apaixonada "energic". Tendo funções diferentes, estas três partes relacionam-se entre si e também com o mundo exterior. Platão assume que a porção inferior da psique apreende aspectos básicos do mundo, a do desejo apreende as percepções sensoriais, enquanto que a parte racional está equipada para conhecer o mais geral e mais abstracto, conduzindo ao verdadeiro conhecimento.

Platão defende que este conhecimento vem do intelecto e que é trazido de novo à consciência por um processo equivalente ao que nos permite recordar um objecto já

---

<sup>290</sup> - António Freire. *Ibid.*, p. 81

esquecido. É a doutrina de que o processo pelo qual se adquire o conhecimento, no pleno sentido do termo, é a Reminiscência ou Anamnesis.

### *E Bion?*

Na sua teoria, considera que existem emoções básicas que estão presentes sempre que existe um vínculo entre dois objectos. Estas emoções são amor (L), ódio (H) e conhecimento (K).

Bion enfatiza o vínculo K<sup>291</sup>, referindo que a sua manifestação mais primitiva ocorre na relação mãe-filho. Relação de objectos parciais que é introjectada de tal forma que o aparelho continente-conteúdo se instala dentro do bebé como parte da função-alfa. Função-alfa que providencia os elementos necessários para a construção de modelos a utilizar em experiências posteriores.

Afirma Bion: "o enunciado X K Y significa que X pretende conhecer a verdade em relação a Y."<sup>292</sup>

O vínculo K pode representar a pessoa que procura, por introspecção, conhecer a verdade sobre si própria. Segundo Bion, conhecer a verdade acerca de si mesmo é uma função da personalidade.

Assim, se para Platão ter impulso para procurar a Verdade resulta do facto da nossa alma a ter contemplado e a ela aspirar, para Bion conhecer a verdade é uma necessidade do homem, uma função da sua personalidade.

Na teoria psicanalítica, pela mão de Freud<sup>293</sup>, surge-nos a referência ao impulso para o saber ou para a investigação. Também Melanie Klein o refere defendendo, ainda, a precocidade do complexo de Édipo. Existe, então, relação directa entre os instintos para o conhecimento e a curiosidade das crianças para saberem acerca dos mistérios da cópula e do nascimento. Mas, quando Bion observa pacientes perturbados, apercebe-se da destruição da sua capacidade de ter curiosidade.

Ouçamo-lo: "A ausência de progresso em qualquer direcção deve ser atribuída, em parte, à destruição da capacidade de ter curiosidade e à consequente incapacidade de aprender ...".<sup>294</sup>

---

291- K refere-se ao vínculo entre um sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que se presta a ser conhecido. O vínculo K pode representar a pessoa que procura conhecer a verdade sobre si própria.

292 - W.R.Bion. *Aprendendo de la Experiencia*. Ibid., p.73

293 - S. Freud. (1905). *Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.

294 - W.R.Bion. *Ataques à ligação*. *Estudos Psicanalíticos revisados*, Ibid. p. 112.

*Mas como é que esta destruição ocorre?*

Para Bion as perturbações iniciam-se no princípio da vida e encontram-se associadas a factores inatos do bebé e a factores ambientais. A identificação projectiva possibilita ao bebé a investigação dos seus próprios sentimentos dentro de um continente, suficientemente ajustado, para os conter e devolver de forma assimilável pelo seu psiquismo.

A negação do uso deste mecanismo, seja por incapacidade materna, seja pelo ódio e inveja do bebé contra as suas capacidades, quando a mãe as possui, leva à destruição do elo de ligação entre o bebé e o seio e, conseqüentemente, à perturbação do impulso para a curiosidade, da qual depende a aprendizagem.

A pulsão epistemofílica, cujo funcionamento é, como vimos, indispensável ao crescimento da personalidade, deve poder tolerar o sofrimento que este crescimento implica. A intolerância a esta dor tem como preço a renúncia ao pensar e um posterior funcionamento em -K.

Quanto a Platão, fala-nos da ignorância, da mentira e dos múltiplos apetites que nos subjagam. Mas vai além disso ao afirmar:

"... na alma do mesmo homem existe algo que é melhor e algo que é pior, e quando o que por natureza é melhor domina o pior diz-se que o homem "é senhor de si mesmo" ... mas quando por educação defeituosa ou em resultado de más companhias, o melhor leva desvantagem e é sobrepujado pela força numérica do pior, isto se censura como opróbrio e diz-se do homem em tais condições que é escravo de si mesmo ..."295

Neste Diálogo, irá concluir, pela voz de Sócrates, que este homem se encontra muito afastado da justiça e da verdade.

Como podemos verificar, para ambos os pensadores, factores inatos e ambientais são responsáveis por esta destruição. Os factores inatos são, para Bion, incapacidade para suportar a frustração e excesso de ódio e inveja, enquanto que Platão

---

<sup>295</sup> - Platão. A República. Ibid., p.172.

aponta a parte pior da alma. Os factores ambientais são: incapacidade de "reverie" materna, para Bion, e educação defeituosa ou más companhias, para Platão.

Mas o Homem procura a verdade. Assim sendo:

*que energia é esta que conduz o homem desde a procriação ao querer perceber as formas da Verdade, do Bem e do Belo?*

No *Fedro*, Platão salienta a capacidade motriz da alma<sup>296</sup> considerando que esta é a origem e fonte de todo o movimento. A psique e sua capacidade motriz foram, ao longo dos tempos, alvo de interesse e também de concordância para diferentes pensadores.

Reflectindo acerca da "psiché", escreve Amaral Dias:

"Podemos conceber a *psiché* como algo em movimento perpétuo soltando (dissociação) ou integrando (introjecção) partes de si. Tal movimento pode ser enriquecedor ou empobrecedor do *self*. É enriquecedor quando o que é solto serve a curiosidade (pressuposto da ignorância). É empobrecedor quando alimenta a paranóia (pressuposto do saber-não-saber). O primeiro movimento conduz à criatividade o segundo à convicção delirante."<sup>297</sup>

No *Simpósio*, Eros é a força energética para toda a actividade humana desde a base ao sublime. A origem desta energia não é humana nem divina, nem mental, nem somática.

Bion fala-nos da pulsão epistemofílica e na sua teoria sobre o pensar, refere-se ao vínculo K como aquele que pode representar a pessoa que procura a verdade sobre si própria e refere-se, essencialmente, ao papel transformador da função-alfa a partir dos dados sensoriais. Sem função-alfa não há abstracção nem simbolização, logo, o acesso à "verdade" encontra-se vedado. A função-alfa é, então, indispensável para a busca da verdade.

---

<sup>296</sup> - Como vimos, quando nos debruçamos sobre a teoria platónica, Platão considera como equivalentes alma e psique.

<sup>297</sup> - Carlos Amaral Dias. Reflectindo a partir de Bion. *Psicanálise* - 5. Porto: Afrontamento p. 25

Não esqueçamos que, na sua perspectiva, a necessidade de procurar a verdade é tão importante para o psiquismo como a alimentação o é para a fome. Considera, assim, a verdade como essencial para a saúde psíquica. Ouçamo-lo na sua reflexão sobre a impossibilidade de aprendizagem e acerca dos efeitos da privação da verdade:

"... a incapacidade de aprender a partir da experiência acarreta prejuízos óbvios ... a necessidade de captação de uma experiência emocional é similar à necessidade da captação de objectos concretos que se alcança através das impressões sensoriais, porque a ausência desta captação implica não ter verdade e a verdade parece ser essencial para a saúde psíquica. O efeito que esta privação pode ter na personalidade é análoga ao efeito que a inanição pode ter no físico."<sup>298</sup>

Desta forma, a necessidade de procurar a verdade é uma necessidade inerente ao homem, enquanto que a privação desta implica uma vida sem saúde psíquica; para Platão e Bion. Se Platão nos propôs a existência de valores absolutos, nomeadamente a Verdade, representada pelo "Mundo das Formas", Bion, ao propor-nos a noção de "Pensamentos sem Pensador", aproxima-se de Platão. Quanto à força que nos leva a procurar a verdade, Platão sugere-nos a alma e sua capacidade motriz, mas também Eros (filho de Pénia e de Poros) aparece com essa capacidade para procurar o sublime. Bion fala-nos em pulsão epistemofílica, vínculo K e considera a função-alfa com essa capacidade.

Debruçámo-nos sobre a "Verdade" e acerca do modo próximo como Platão e Bion a encaram. Para ambos, a Verdade, voltamos a repeti-lo, é sempre um "(im)possível objecto ideal". Platão avisa-nos que quando tentamos dirigir-nos, apenas com a ajuda da razão, para o que cada coisa é, em si mesma, chegamos às fronteiras do inteligível.

Apenas à fronteira!

Na sua obra *Transformations* Bion fala-nos de transformações. *Transformação*<sup>299</sup> significa mudança de forma. Preconizando o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos, defende que este se prende com a nossa necessidade de procurarmos a verdade.

---

<sup>298</sup> - W.R.Bion. *Aprendiendo de la Experiencia*. Ibid., p.85

<sup>299</sup> - Etimologicamente, o termo "transformação" deriva do verbo latino que significa "formar para além". A noção de transformação é sustentada pela adesão à teoria platónica da forma. Bléandonu. Ibid., p.186 .

Bion utiliza o termo "*transformação*" chamando ao pensamento uma transformação. As transformações seriam produto do amor à verdade. Nestas, o ponto de partida é uma experiência ou situação inicial: o "O" da transformação ou Transformações de "O". Estas, relacionam-se com o saber acerca de "O", e podem englobar-se em K (conhecer), bem como na sua contrapartida -K (menos conhecer).

Mas, Bion fala-nos das *transformações em "O"*. Este modelo de transformações relaciona-se com a mudança, o "insight" e o devir "O".

A transformação em "O" está relacionada com um processo de exploração e elaboração cognitiva, associada com a pulsão epistemofílica a que denominou "vínculo K" ou "estado mental de curiosidade". Mas, como esta forma de conhecimento era insuficiente para a aproximação à realidade psíquica, destacou a importância da transformação  $K \rightarrow O$ , como a que possibilita alcançar o conhecimento mais profundo e vivencial da realidade psíquica: o devir "O". Mas se o movimento "saber acerca de algo" a "ser esse algo" ( $K \rightarrow O$ ) possibilita mudança e amadurecimento mental, apresenta igualmente a outra face: a dor a que Bion chama "mudança catastrófica", bem como as conseqüentes resistências que a personalidade opõe ao sofrimento, como vimos no ponto 5. Tratamento.

A transformação em "O" é algo como "ser o que se é", ou seja, "a pessoa e a sua própria verdade". Mas, para além de referir aspectos da realidade física ou psíquica, "O" tem, para Bion, um carácter incognoscível, podendo chamar-se-lhe a "verdade absoluta" o "desconhecido."

Bion fala-nos de "O" como sendo a "verdade absoluta", verdade absoluta que é também um "pensamento sem pensador", um "conteúdo sem continente". Verdade absoluta que jamais pode ser vista porque, tal como diz o versículo bíblico, "ver Deus é morrer".

Estamos perante a noção de que todo o pensamento é verdadeiro enquanto não estiver formulado por um pensador. A intervenção do pensador determina, para Bion, que os pensamentos formulados resultem em expressões falsas que, no entanto, não são necessariamente mentiras, enquanto que, para Platão, os objectos sensíveis gozam de verdade somente relativa, dado que são uma imitação das Formas e com margem para erro. Este erro resulta da limitação do nosso conhecimento mas também radica na própria natureza de objectos participados.

Podemos então afirmar que o homem não alcança a Verdade mas apenas a verdade relativa inerente às suas capacidades de perceber.

Para Platão, a verdade encontra-se associada à virtude e ao belo, enquanto que para Bion o que interessa é a verdade da pessoa ela mesma: Édipo ou louco. Embora, neste ponto, pensem diferentemente, a verdade e o amor à Verdade encontram-se fortemente destacados na obra dos dois pensadores, surgindo como algo que sendo necessário procurar jamais se consegue alcançar. O místico oriental Lao Tsé faz uma afirmação análoga: "O Tao que pode ser expresso não é o Tao eterno."<sup>300</sup>

No respeitante a este ponto, que denominámos "Sobre a verdade", Platão e Bion apresentam fortes aproximações.

---

<sup>300</sup> - Lao Tsé. (s.d.). *Tao Te King. O Livro do Sentido e da Vida*. S.Paulo: Henus Editora, Lda. p. 19.

## V. CONCLUSÃO

Ao olharmos panoramicamente para o nosso passado remoto - Grécia antiga e sobretudo Platão - e para o nosso passado próximo - Bion - e atentarmos no pensamento destes grandes filósofos e pensadores, notamos semelhanças mas também alguma discordância entre os pontos de vista por eles enunciados. Debruçámo-nos sobre eles.

Foram em número de sete os pontos sobre os quais reflectimos. Sete pecados mortais, a serem castigados pelo desassossego? Sete ousadias?

Certamente, sete ousadias que nos levaram a reflectir sobre Platão e Bion, aproximando as suas ideias, mas também, e em simultâneo, sete reflexões sobre o Homem e acerca do sentido da vida.

Quanto a Platão, verificámos que existe, na ironia socrática, reconhecimento da fronteira entre a ignorância filosófica, que visa a sabedoria, e a pretensão do saber que impede a evolução. Na obra de Platão são evidentes dois níveis epistémicos: o primeiro é o saber comum, detido pelos interlocutores de Sócrates. Este, encontra-se subordinado a um segundo: o "saber de saber" que é detido por Sócrates mas que, dada a sua condição humana, é "saber de não saber".

Para Platão, o verdadeiro conhecimento é o conhecimento infalível que os deuses espalharam, no mundo dos homens; confuso mundo!

Essa sabedoria "epistême", a que nenhum humano tem acesso.

Bion pensa de forma similar e fala-nos, ainda, da necessidade de suportarmos a dor mental, face ao não-saber, inerente à nossa condição humana. Mas Bion pretende, essencialmente, inquietar-nos, levantar-nos questões. Francesca Bion fala-nos sobre isso:

"O que lhe interessava era estimular a reflexão e a curiosidade de outrém ... parecia frequentemente não responder às questões, mas se a pessoa que as colocava pudesse conter a sua impaciência ... tornava-se evidente que a não-resposta tinha esclarecido o campo da resposta."<sup>301</sup>

---

<sup>301</sup> - Francesca Bion. Ibid. p. 24.

Conter a impaciência ... suportar a frustração ... tolerar a dúvida, as meias verdades. Estamos perante processos dolorosos, provas que é necessário suportar, e que são inerentes à nossa condição humana de seres incompletos e imperfeitos.

A ideia da existência de pensamentos independentes da existência do pensador, deixa-nos um sentimento de inquietação, inquietação que parece nascer do facto de poder focar uma versão idealista ou mística que se contrapõe à nossa colocação perante o conhecimento humano.

Pensamentos que existem fora de nós e que até podem possuir-nos? Torna-se, com isto, visivelmente inquietante a imensidão do nosso desconhecimento.

Desconhecimento que sempre assustou o Homem. O homem do passado assustou-se de tal forma que necessitou criar sistemas religiosos para transformar o desconhecido em conhecido. E, agora, Bion coloca-nos a nós, pessoas do presente que buscamos a segurança nos sistemas científicos, com a mesma dúvida dos nossos antepassados?

Como tolerar esta dúvida e o sofrimento que ela provoca em nós, quando existe um desejo de permanência?

Questões como esta assaltaram-nos ao longo do nosso percurso, sem barco e com uma vela feita de sonho ...

Queremos acreditar, apesar de tudo, que as teorias dos grandes génios como Platão e Bion são sementes para a nossa mente, sementes que nos ajudam a crescer e talvez a procurar a verdade, a nossa verdade e a verdade de cada um. Apenas estas, jamais a verdade em essência, e, finalmente, acreditar que é possível suportar, ainda que com dor, a frustração e o sentimento de incomplitude que tal facto provoca em cada um de nós.

A obra de Bion, palmilhada, passo a passo, funcionou como um continente permitindo-nos um estado de espírito favorável a esta compreensão.

Da Grécia antiga aos tempos actuais podemos perceber movimentos. Se Parménides introduziu o conceito do princípio imutável do ser e Heraclito dizia que tudo era movimento, Platão surge-nos como um integrador.

De forma simplista e desrespeitando os conceitos - liberdade que ousamos depois desta viagem - ocorre-nos a existência de objectos parciais (a noção de *movimento permanente* de Heraclito que Platão equipara ao mundo sensível e a noção de que a *realidade é eterna* e intemporal, tal como defende Parménides e que Platão

torna equivalente ao mundo inteligível), que Platão transforma em objecto total à semelhança de Melanie Klein e de Bion.

Platão fala-nos no mito da Alma, do qual Aristóteles irá discordar. Poderíamos continuar com esta evolução, com estes movimentos de expansão e de compressão. Movimentos que parecem repetir-se em todas as formas de vida e também no Universo.

Nesta nossa viagem, passámos da Filosofia à Psicanálise e socorremo-nos de conceitos da Física. Como vimos, o edifício da Física positivista foi abalado pela Teoria da Relatividade e pela Física Quântica. Estas Teorias fazem-nos encarar o mundo de forma diferente; fazem-nos perceber a unidade e a inter-relação de todos os fenómenos, bem como a natureza dinâmica do universo.

Segundo João Mansur Júnior:

" as expressões mais utilizadas na Teoria Quântica são "o observador influencia a coisa observada" e o princípio da incerteza de Heisenberg."<sup>302</sup>

Incerteza com a qual temos de lidar e que abre em nós um desejo de saber, de pensar e simultaneamente o reconhecimento, cada vez maior, da nossa ignorância. Mas, para alcançar este reconhecimento é necessário que se crie dentro de nós um vazio, processo difícil uma vez que a nossa cultura não suporta o vazio. A nossa cultura faz-se, essencialmente, no sentido da exterioridade.

É de facto mais fácil lidar com o saber feito, com o visível, do que com a nossa interioridade. Só que ambas - interioridade e exterioridade - estão ligadas. Deste modo, criar um vazio dentro da nossa mente é permitir uma abertura à ignorância e à dúvida tornando, assim, possível abrir as portas à sabedoria, à sabedoria possível.

A verdadeira sabedoria parece consistir, assim, no doloroso reconhecimento da nossa ignorância.

Nesta viagem de Platão a Bion e de Bion a Platão, do passado ao presente e do presente ao passado, faço o caminho que me é possível a partir do lugar onde estou. Platão distante no tempo. Duplamente! E Bion um quase desconhecido a partir do qual fiz as minhas leituras, tentando a sua descoberta.

A descoberta e a viagem que me foram possíveis ... com uma ilusão de barco e com uma vela feita de sonho ...

---

<sup>302</sup> - João Mansur Júnior. (1987). *A Verdade de Cada Um*. Paraná: Loja do Brasil.

Cada um faz apenas aquilo que pode fazer. Há um limite para todos: o limite do lugar que ocupamos, e talvez porque as coisas nunca são o que são, mas são sobretudo o que sentimos delas, e a maneira como delas nos apropriamos, apropriei-me de Platão e de Bion tentando a sua descoberta e fazendo a "minha" leitura. A leitura que me foi possível.

A finalizar, ocorre-me que o homem não parece ter-se tornado muito mais sábio nestes últimos dois mil anos. As questões essenciais e existenciais continuam basicamente as mesmas, não obstante a valorização e crescimento prodigioso do conhecimento racional e de todos os meios tecnológicos e científicos postos ao seu alcance.

O drama do homem parece, assim, continuar a ser o mesmo. Onde está, então, a última palavra?

Esta parece continuar incognoscível. Continua indizível. Assim sendo, parece não haver nada de verdadeiramente novo à face da terra. Talvez, por isso, Platão afirme que todo o conhecimento não passa de reminiscência.

## VI. REFLEXÃO FINAL

Iniciei este trabalho colocando-me perante um oceano que necessitava de atravessar.

Debruçando-me, nesta parte final, sobre o meu posicionamento inicial - um oceano - este, faz-me reflectir sobre o simbolismo da água.

Este simbolismo é sugestivo, dado que a água representa o reservatório de todas as possibilidades de existência: suporta toda a forma e suporta toda a criação.

A "imersão" nestas águas, se simboliza a regressão ao pré-formal, a reintegração num todo indiferenciado, ajudando a desfazer-me das minhas parcas certezas, trouxe-me, simultaneamente, a necessidade de suportar o sofrimento provocado pelo "não-possuir". Morte simbólica que prefigura também o renascimento.

Mas, se a simbolização da água comporta, em si mesma, a ideia da purificação e da regeneração, carrega consigo a ideia da transformação.

No final desta viagem, sinto que esta é afinal o princípio, mas um outro princípio, dado que não é o mesmo o caminho que vai de Atenas a Corinto e de Corinto a Atenas.

Encontro-me, assim, no meio de um caminho que se por um lado me provoca o sentimento de insegurança pela percepção do não-saber, provoca-me, em simultâneo, satisfação por ter ousado abandonar o chão sólido dos meus conhecimentos e das minhas certezas.

Em estado de descoberta eu estou!

Parece que, de repente, e de forma inquietante, muitas estradas se abriram no meu horizonte. Tento tranquilizar-me. Releio Suzana Tamaro:

E quando à tua frente se abrirem muitas estradas e não souberes a que hás-de escolher, não metas por uma ao acaso, senta-te e espera. Respira com a mesma profundidade confiante com que respiraste no dia em que vieste ao mundo, e sem deixares que nada te distraia, espera e volta a esperar. Fica quieta, em silêncio e ouve o teu coração. Quando ele te falar, levanta-te e vai para onde ele te levar.

Saibamos, então, na humildade das nossas limitações, na lucidez dos nossos propósitos e em sintonia com o nosso coração, encontrar uma estrada.

## VII. ANEXOS

### ANEXO I

Ross transcreve em cinco listas a ordem cronológica proposta por cinco platonólogos notáveis:

Arnim	Lutoslawski	Raeder	Rittler	Wilamowitz
	Apol.	Apol.	Híp. Men.	Ion
Ion		Ion.		Híp. Men.
Protág.		Híp. Men.	Laques	Prot.
Laq.	Eutifr.	Laq.	Prot.	Apol.
Rep. I	Críton	Cármides	Cárm.	Críton
Lísis	Cárm.	Críton.	Eutifr.	Laq.
Cárm.		Híp. Maior	Apol.	
Eutifr.	Laq.	Prot.	Críton	Lísis
Eutidemo	Prot.	Górg.	Górg.	Cárm.
Górg.		Menéxeno	Híp. Maior	Eutifr.
Ménon	Ménon	Eutifr.	Eutid.	Górg.
Híp. Men.	Eutid.	Ménon	Crátilo	Menéx.
Crátilo	Górg.	Eutid.	Ménon	Ménon
Banquete	Rep. I	Crátilo	Menéx.	Crátilo
Híp. Maior	Crátilo	Lísis	Lísis	Eutid.
Fédon	Banquete	Banquete	Banquete	Fédon
Críton	Fédon	Fédon	Fédon	Banquete
Rep. II-X	Rep. II-X	Rep.	Rep.	Rep.
Teeteto	Fedro	Fedro	Fedro	Fedro
Parménides	Teet.	Teet.	Teet.	Parm.
Fedro	Parm.	Parm.	Parm.	Teet.
Sofista	Sof.	Sof.	Sof.	Sof.
Político	Pol.	Pol.	Pol.	Pol.
Filebo	Fil.	Fil.	Timeu	Timeu
	Crícias	Crícias	Fil.	Fil.
Leis	Leis	Leis	Leis	Leis
		Epinómide		

## ANEXO 2.

### *A GRELHA*

No sentido de ajudar o analista a pensar sobre os problemas que surgem na prática psicanalítica Bion propõe um instrumento de trabalho, - a grelha - (ver anexo 2) onde serão registadas as descobertas e observações realizadas. Trata-se de um instrumento flexível a ser utilizado antes ou depois da sessão.

Envolve um conjunto de 48 categorias ou "elementos da psicanálise" como o autor lhe chamou. Estes elementos são funções da personalidade constituídas por factores.

Os elementos, observáveis através das suas qualidades, são concebidos como tendo dimensões nos domínios dos *sentidos*, do *mito* e da *paixão*.

A primeira dimensão tem a ver com experiência sensível de acordo com o critério comum. Bion denomina "*senso comum*" a impressão não sensorial, comparável à que se obtém na área sensorial quando um objecto ou sua característica pode ser confirmado por um só sentido de várias pessoas, ou por dois ou mais sentidos de uma pessoa.

Estamos no domínio do "*mito*", quando consideramos a utilização dos modelos em psicanálise ou a elaboração pessoal de certos aspectos. Relaciona-se, assim com uma elaboração pessoal.

O termo "*paixão*", vai prender-se com a envolvência de duas mentes em jogo e consequentemente a vivência emocional sem violência que daqui resulta.

Os "*elementos da psicanálise*" são ideias ou sentimentos que estão representados numa só categoria da grade. Esta é composta por um eixo de coordenadas:

a *vertical* que vai de "A" a "H", representa o grau de complexidade que adquire o pensamento e corresponde ao eixo genético.

Assim, na fileira "A" vamos encontrar os elementos  $\beta$  e na "B" os elementos  $\alpha$  que embora não sendo observáveis na clínica ajudam a falar dos diferentes fenómenos de pensamento. Os *elementos beta* não representam pensamentos mas antes "coisas-em-si". Não há diferenciação entre aspectos como sujeito e objecto, mundo interno e mundo externo..., e, como estão saturados também não podem ser usados como pré-concepções, só podendo ser evacuados através de identificação projectiva.

Os *elementos-alfa* possibilitam ao indivíduo ter sonhos. São pensamentos incipientes armazenados.

A fila C, representa os sonhos, pensamentos oníricos e os *mitos* particulares e públicos.

A fila D é da *pré-concepção*. Corresponde, deste modo, a um estado mental de expectativa, pronto para receber dados fenómenos.

A fila E é a da *concepção*, resultando duma experiência de realização com uma pré-concepção.

A fileira F representa uma categoria para *enunciados já existentes*, como por exemplo as teorias psicanalíticas. Um processo de abstracção libertou a concepção dos elementos senso-perceptivos.

A fila G está representada pelos *sistemas dedutivo científicos*. Trata-se, assim, de uma combinação de conceitos e hipóteses vinculados entre si por uma relação lógica.

Finalmente, em H, encontramos o *cálculo algébrico*.

Quanto ao eixo *horizontal* encontra-se numerado de 1... n.

Na coluna 1, vamos encontrar a "*hipótese definidora*" que tem como objectivo ligar os factos que foram previamente descobertos e que se encontram em constante conjunção.

Apresenta duas qualidades negativas: uma é o facto de que ao designarmos algo, exclui tudo o que não está contido na designação; a segunda consiste no facto de dado "nome" ser uma representação e não uma "coisa-em-si".

Poder tolerar estas qualidades negativas, implica poder tolerar a frustração.

A coluna 2 ( $\psi$ ) corresponde a *enunciados falsos* conhecidos como tal e que têm como objectivo impedir os enunciados que possam provocar angústia ou desenvolvimentos que conduzam ou envolvam uma mudança catastrófica.

A coluna 3 contém as categorias empregues no registo de factos cumprindo, deste modo, a função de *notação e memória*.

A coluna 4 representa a *atenção* bem como a atenção flutuante. Serve para a exploração do meio.

A coluna 5 é utilizada quando nos debruçamos de modo dirigido para um objecto particular das coisas. É assim, a coluna da *indagação*.

Finalmente, a coluna 6 representa o uso de pensamentos que levam a cabo dada *acção*.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

- Amaral Dias, C. (1986). A Genealogia do Amor: vinculação ou ilusão vinculativa. *Psicanálise 3* : 37-50. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1987). Reflectindo a partir de Bion. *Psicanálise - 5* : 23-30 Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1988a)). Teatro Privado - Cena do Íntimo. *Psicanálise - 6* : 31-40. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. e Monteiro, J.S. (1989). *Eu Já Posso Imaginar Que Faço*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Amaral Dias, C. (1990). Reflexão sobre o Estatuto de Cientificidade em Psicanálise. *Psicanálise - 9* : 29-37. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1990a)). A Psicanálise e a Coisa Sexual - de Baco a Platão. *Psicanálise - 12* :15-24. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1990 b)). Sobre o Saber e a Ignorância. *Psicologia Clínica 3/4*. Lisboa: Escher.
- Amaral Dias, C. (1991). *Ali Babá. Droga: uma neurose diabólica do século vinte*. Lisboa: Escher.
- Amaral Dias, C. (1993). *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa: Fenda.
- Amaral Dias, C. (1993a)). *Palcos do Imaginário*. Lisboa: Fenda.
- Amaral Dias, C. ( ) . (A) *RE-PENSAR*. Porto: Afrontamento. 1994.
- Amaral Dias, C. c/col. Fleming M. (1994). La Fonction Contenante de L'Analyste. *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris n° 31*.
- Andreas-Salomé, L. (s.d.) *Eros*. Lisboa: Relógio d'Agua.
- Akoun, A. (1979). S. Freud: A ciência do Inconsciente. *Os 10 Grandes do Inconsciente*. Lisboa/S. Paulo: Verbo Ed.

- Bachelard G., (1988). *A Prática do Devaneio*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Barata-Moura, J. (1993). A Objectividade como Categoria Filosófica. *Philosophica*. 1. : 13-31. Lisboa: Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Barraud, B. (1989). L'autobiographie chez Bion. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Française de Psychiatrie. pp. 31-43. Paris: Editions Métailié, 1991.
- Bennet, S. (1973): Plato and Freud. The Mind in Conflict and the Mind in Dialogue. *The Psychoanalytic Quarterly*. Vol. 42. New York. pp. 91-121.
- Bianchedi, E. T. e Sor D. (1981). Evocaciones y Extensiones: reflexiones sobre algunas ideas de Bion. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3: 471-497.
- Bianchedi, E. T. et al. (1983). Más Allá de la Metapsicología Freudiana. *Revista Argentina de Psicanálise*, 2: 353-367.
- Bion, F. (1989). La vie est plein de surprises. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Psychiatrie. Paris: Editions Métailié, 1991. pp. 23-30.
- Bion, W.R. (1950). O Gémeo Imaginário. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994. pp. 11-32.
- Bion, W. R. (1953). Notas sobre a Teoria da Esquizofrenia. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994. 33-46.
- Bion, W. R. (1953a)). A Linguagem e o Esquizofrénico. *Novas tendências na Psicanálise* : 231-252. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- Bion, W. R. (1956). Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994: 47-54.
- Bion, W. R. (1957). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994: 55-77.
- Bion, W.R. (1957a). Sobre Arrogância. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994. 101-108.
- Bion, W. R. (1959). Ataques à Ligação. *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. 1994. 109-126.
- Bion, W. R. (1962). *Aprendiendo de la Experiencia*. Madrid: Paidós, 1963.

- Bion, W. R. (1963). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1964). Théorie de La Pensée. *Revue Française de Psychanalyse*. Tome 28.: 75-84.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Paris: P.U.F., 1982.
- Bion, W. R. (1970). *A Atenção e a Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Bion, W. R. (1973). *Conferências Brasileiras -I-* Rio de Janeiro: Imago Ed., L.da. 1974.
- Bion, W. R. (1975). *Uma Memória do Futuro I - O Sonho*. S. Paulo: Livraria Martins Fontes. 1989.
- Bion, W. R. (1978). Textes Inédits. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Psychiatrie. Paris: Éditions Métailié, 1991. :159-164.
- Bléandonu, G. (1993). *Bion : a vida e obra*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Bleichmar, S. (1984). *Nas Origens do Sujeito Psíquico. Do Mito à História*. 2ª.ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1993.
- Botella, C., Botella S., (1990). Mystique connaissance et trauma. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Psychiatrie. Paris: Editions Métailié, 1991.
- Boutroux, E. (1990). *Leçons sur Platon*. Paris: Editions Universitaires.
- Britton, R. (1992). Mantendo Coisas em Mente. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. 1994: 117-128.
- Cabral, F. (1992). O Estatuto de Ciência e os Fundamentos Epistemológicos em Psicanálise. *Revista Portuguesa de Psicanálise, 10/11*: 79-88. Porto: Afrontamento
- Capra, F. (1974). *O Tao da Física*. S.Paulo: Ed. Cultrix.
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. S. Paulo: Ed. Cultix.
- Caprettine et al. (1987). Mythos Logos. *Enciclopédia da Imprensa Nacional*. Vol. 32. Lisboa: Casa da Moeda.
- Cornford, F.M. (1943). *Principium Sapientiae*. 3ª.ed. (1952). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Correia, C.J.N. (1994). Eros e Nostalgia. Ensaio sobre Freud. *Philosophica* 3 : 7-19.
- Dufour, J. (1989). Le Legs de W.R.Bion : L'ombre et la pensée. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Française de Psychiatrie. Paris: Editions Métailié, 1991. : 146-158.
- Eliade, M. (1945). *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Círculo de Leitores. 1990.
- Eliade, M. (1957). *O Sagrado e o Profano*. Lisboa: Livros do Brasil..
- Fadiman, J. e Frager, R. (1979). S. Freud. *Teorias da Personalidade*. S. Paulo: Harbra - Ed. Harper & Row do Brasil, L.da. : 3-40.
- Feldman, M. (1992). Cisão e Identificação Projectiva. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. 1994.: 88-102.
- Ferreira, T. (1986). Relação Amorosa e Génese do Desejo. *Psicanálise* 3 : 63. Porto: Afrontamento.
- Freire, A.S.J. (1967). *O Pensamento de Platão*. Braga: Livraria Cruz.
- Freud, S. (1905). *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil (s.d.)
- Freud, S. (1924). Neurose e Psicose. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. -ESB- Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1933). *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*: Ed. Standard. Vol. XXII.
- Galpérine, M.C. (1996). *Lecture du Banquet de Platon*. Vendôme: Verdier.
- Gama, S. ( s.d. ). *Campo Aberto*. 4ª. ed. Lisboa: Edições Ática. 1983.
- Gedeão, A. (s.d.). *Poesias Completas. (1956-1967)*. Lisboa: Portugália Editora.
- Geissman, P. (1990). Bion et quelques absents. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Française de Psychiatrie. Paris: Editions Métailié, 1991.: 74-92.
- Gonçalves, J.C. (1993). O Estatuto das Humanidades - O Regresso às Artes. *Philosophica*. 1. 1993 : 5-12.
- Grinberg, L. et al. (1972). *Introdução às Ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

- Gonçalves, M.J. (1986). Relação Amorosa e Relação de Objecto. *Psicanálise 3* : 57-61. Porto: Afrontamento.
- Gonçalves, M.J. (1987). Simbolismo e Relação de Objecto. A propósito de um caso clínico. Relação Amorosa e Relação de Objecto. *Psicanálise 9* : 81-90. Porto: Afrontamento.
- Guthrie, W.K.C. (s.d.). *Os filósofos gregos de Tales a Aristóteles*. Lisboa: Editorial Presença.
- Jeannière, A. (1994). *Platon*. Paris: SEUIL.
- Júnior, J.M. (1987). *A verdade de Cada Um*. Paraná: Loja do Brasil.
- Kirk e Raven. (s.d.). *Os Filósofos pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Klein, M. (1946/63). Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos. Vol. III das *Obras Completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago. 1991.
- Kress, J.J. (1989). Hommage à W.R.Bion. *W.R.Bion, une théorie pour l'avenir*. Colloque organisé par l'Association Française de Psychiatrie. Paris: Editions Métailié, 1991.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Santos: Livraria Martins Fontes Ed. L.da.
- Luzes, P. (1968). As perturbações do pensamento em psicanálise. Relatório publicado no XXIX Congresso de Psicanálise de Linguas Romanas.
- Luzes, P. (1983). Da Emoção ao Pensamento. Dissertação de Doutoramento apresentada à *Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*. Lisboa, F.P.C.E.
- Luzes, P., (1992). Realidade Psíquica: Sua Gênese a partir do biológico e das Relações Objectais. *Psicanálise 10/11*.: pp. 5-36.
- Mancia, M. (1990). A tranquilidade dos ignorantes. *Psicologia Clínica - 3/4* : 8 Lisboa: Escher.
- Matos, A.C. (1985). A Contratransferência como resistência do analista e como material do processo analítico. *Psicanálise 2* : 25-44.
- Meltzer, D. (1983). *Dream-Life*. Escócia: Clunie Press, 1984.

- Meltzer, D. (1994). Signification clinique de l'oeuvre de Bion. *Le Développement Kleinien de la psychanalyse*. Freud-Klein-Bion. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris: Bayard ed.
- Menninger, K. (1938). *Eros e Tanatos. O Homem Contra Si Próprio*. S. Paulo: IBRASA. Eros e Tanatos. 1965: 9-24.
- Mesquita, A.P. (1993). O Argumento Ontológico em Platão (I). O Problema da Imortalidade. *Philosophica 2* - 1993: 31-42.
- Mesquita, A.P. (1994). O Argumento Ontológico em Platão (II) A Imortalidade do Problema. *Philosophica 3* - 1994: 85-111
- Nacht, S. (1971). *Freud e a Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores, 1979.
- O'Shaughnessy, E. (s.d.). Psicose: o não pensar num mundo bizarro. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1994.: 103-116.
- Platão. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Globo. 1964.
- Platão. *Crítion*. M. Martins: Publicações Europa América. 1975.
- Platão. *Diálogos III. A Apologia de Sócrates*. Mem Martins: Publicações Europa América. 1975.
- Platão. *Êutífron*. 2ª. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda . Estudos Gerais Universitários. Clássicos da filosofia. 1983.
- Platão. (Ap. 384 a.C.). *Fédon*. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1975.
- Platão. *O Simpósio ou do Amor*. Lisboa: Guimarães Editores. 1986.
- Rezende, A.M. (1993). *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas: Papyrus, Ed.
- Rezende, A.M. (1994). *A Metapsicanálise de Bion*. Campinas: Papyrus Ed.
- Rezende, A.M.(1995). *W.R.Bion: Uma Psicanálise do Pensamento*. Campinas: Papyrus Ed.
- Russel, B. ( ) *História da Filosofia Ocidental* 2ª. ed. Livro 1º. S. Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1969.
- Sá, E. (1990). O vazio e a Eternidade. *Psicologia Clínica* 3/4. 1990 : 31-41.
- Santos, J.T. (1993). Platão, Heraclito e a Estrutura Metafórica do Real. *Philosophica* 3.: 45-69.

- Segal, H. (1964). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Segal, H. (1992). Prefácio. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. 1994.: 11-13.
- Silva, A. (s.d.) *Dispersos*. Lisboa: ICALP.
- Sófocles. (s.d.). *Édipo Rei*. 7ª. ed. Lisboa: Clássicos Inquérito. 1992.
- Steiner, J. (1992). O equilíbrio entre as posições esquizo-paranóide e depressiva. *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. 1994.: 60-72.
- Tsé, L. (s.d.) *Tao te King. O Livro do Sentido e da Vida*. S.Paulo: Hemus Ed. L. da.
- Vários. *Pensamento da Grécia Antiga*. Lisboa: Edições Nova Acrópole.
- Vasco, A.B. (1988). Perspectivas Epistemológicas em Psicoterapia (I): Filosofia da Ciência, Psicologia e Psicoterapia. *Psicologia Vol. VI. n.º 2, 1988: 239-251*.
- Vidigal, M.J. (1988). O silêncio na teoria e na prática psicanalítica. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 10/11.: 109-144.